

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**MARCOS MARIANO VIANA DA SILVA**

**ENTRE LEMBRANÇAS, DESEJOS E MORALIDADES – Narrativas de travestis  
e suas famílias em Natal-RN**

**NATAL/RN**

**2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**MARCOS MARIANO VIANA DA SILVA**

**ENTRE LEMBRANÇAS, DESEJOS E MORALIDADES – Narrativas de travestis  
e suas famílias em Natal-RN**

Dissertação apresentada como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para a obtenção do grau de Mestre, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Berenice Bento.

NATAL/RN  
2016

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Silva, Marcos Mariano Viana da.

Entre lembranças, desejos e moralidades – Narrativas de travestis e suas famílias em Natal-RN / Marcos Mariano Viana da Silva. – 2016.

121 f. –

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2016.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Berenice Alves de Melo Bento.

1. Travestis – Famílias – Natal (RN). 2. Teoria Queer – Natal (RN). 3. Identidade de gênero. I. Bento, Berenice Alves de Melo. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 316.346.2-055.3(813.2)

Dissertação intitulada **Entre lembranças, desejos e moralidades – narrativas de travestis e suas famílias em Natal-RN**, elaborada por **Marcos Mariano Viana da Silva** e apresentada publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGCS/UFRN.

Natal/ RN, 22 de fevereiro de 2016.

Banca Avaliadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Berenice Alves de Melo Bento (orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Prof<sup>º</sup>. Dr. Antônio Vladimir Félix-Silva  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

---

Prof<sup>º</sup>. Dr. Edmilson Lopes Júnior  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Dedico este trabalho a todas as minhas  
colaboradoras de pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de aproveitar a oportunidade para não só agradecer às pessoas que contribuíram diretamente para a minha formação acadêmica, mas também para oferecer a minha gratidão a todos aqueles e aquelas que ajudaram para o meu desenvolvimento como pessoa, como estudante, como filho, como amigo, etc. Não posso deixar de afirmar que cada um à sua maneira colaboraram para a concretização deste trabalho.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a minha família. Muito obrigado “titia” Theresinha por ser a capitã do nosso barco, por existir na minha vida e por incentivar desde a infância a minha educação e por me ajudar sempre sem nunca pedir nada em troca. Obrigado Maria José, minha mãe (minha mariquinha), pela risada frouxa, pelas conversas na cozinha de nossa casa, pela intuição forte e por ser a mulher mais danada que conheço. Obrigado minha irmã Míryam por se esquecer trinta minutos depois todas às vezes que a gente “arenga” um com o outro e por rir sempre das minhas besteiras. Obrigado ao meu irmão Moisés por me fazer escutar (mais de uma vez) as histórias mais engraçadas que eu já ouvi na vida. Não posso deixar de lembrar (a saudade não deixa) de agradecer às minhas avós, obrigado Vovó Floriza e Vó Altamira por todo o carinho e ensinamentos que deixaram para mim enquanto estiveram por aqui.

Gostaria de agradecer a Igor Barboa por estar sempre presente e pelas inspirações poéticas de muitos versos. Obrigado ao meu primo Danilo Garcia pela amizade, cumplicidade e parceria em vários momentos da minha vida. Gostaria de agradecer também a Juliano pelas manhãs de sábado de muitas conversas animadas e a Bruno Costa por compartilhar comigo a esperança de um dia sermos tão unidos como erámos quando crianças.

Obrigado a Tarcísio Pinheiro por ter vindo da Bahia e por me presentear com a sua amizade. Obrigado por todas as vezes que ouviu meus desabafos e minhas aflições, pelas dicas e pelo o carinho. Sentirei muito a sua falta se um dia eu tiver que me separar de você.

Obrigado a Vinhu Lacava pela parceria nos estágios da licenciatura e nas disciplinas do mestrado em Ciências Sociais. Obrigado por ser o guia turístico das nossas viagens e por estar sempre por perto.

Agradeço também a Rodrigo Sérvulo e Rodrigo Romano pela amizade desde a graduação em Ciências Sociais, pelos encontros no Bar do Pernambuco e pelas discussões acaloradas sobre a situação política do país.

Obrigado a Mikarla Gomes, minha cunhada, por gostar de me ver aperreado com as suas brincadeiras, pelas as suas diferentes formas de sorrir e pelos conselhos – às vezes involuntários – do tipo: “*se eu fosse você faria assim...*”. Obrigado a Carol França por declarar seu afeto implicando comigo e por sempre ter a conversa fácil e alegre.

Obrigado a Mikelly Gomes, minha morada, pela raridade dos gestos, por ser quem você é e por ter me apoiado tanto de todas as formas e em todos os momentos na minha passagem pelo mestrado. Muito obrigado por existir na minha vida.

Agradeço também a minha Mestra de Reflexologia e Yoga, Mestra Silvania Magalhães, por tentar me ensinar a como tranquilizar a mente (o aprendizado é constante!), prestar mais atenção em mim mesmo e pelas conversas energizantes no início das manhãs.

Não posso esquecer de agradecer a todas as pessoas que fazem o Núcleo Interdisciplinar Tirésias da UFRN um lugar de luta e de resistência para se debater as questões de gênero e sexualidade no âmbito universitário. Obrigado a Felipe, Allyson, Maynara, Emilly e Dominique pela convivência recheada de sorrisos, café e alegria.

Obrigado a Jefferson e Otânio (secretários do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN) pela disponibilidade em prestar um atendimento profissional excelente e pelas conversas e gargalhadas que desestressam dias tão corridos.

Obrigado ao prof. Vladimir Félix pelos os momentos de aprendizado que ofereceu a mim, por toda a preocupação com o meu trabalho e por sempre incentivar o desabrochamento da minha ousadia.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a prof<sup>ª</sup>. Berenice Bento, por aceitar ser minha orientadora, por toda a simplicidade e atenção. Muito obrigado pelas críticas, sugestões, pela leitura cuidadosa que fez do meu trabalho e por sempre me desafiar e encorajar a ser um pensador crítico e coerente com aquilo que acredito.

*Quando as travestis “se assumem”, o espaço doméstico da família, via de regra, se torna insustentável. Perde seu caráter de acolhimento e proteção, passa a ser ameaçador.*

*(Larissa Pelúcio, 2009, p. 70)*

*O indivíduo é um infinito, e não se pode esgotar o infinito.*

*(Émile Durkheim, 1983, p. 126)*



## RESUMO

A dissertação tem como objetivo estudar como se desdobram as experiências trans nos modos de vida de suas famílias a partir das narrativas de vida das colaboradoras de pesquisa em Natal-RN. Para isso, metodologicamente o trabalho constitui-se como uma pesquisa qualitativa ancorada pela realização de entrevistas com questionários semiestruturados com três famílias. Será usado também, como método analítico das narrativas de vida das colaboradoras de pesquisa, a análise do discurso (FOUCAULT, 1996). Almejamos articular as noções de moral em sociologia com os casos relatados no processo de pesquisa, com o intuito de problematizar a transfobia familiar e desvelar as mudanças geracionais das relações familiares das travestis e transexuais relacionando os estudos da pesquisa com as etnografias produzidas sobre o tema no Brasil. A partir da análise das narrativas de vida pôde-se alcançar temas e conceitos que foram problematizados nesta pesquisa, como por exemplo: a imposição do gênero na infância; a moral no ambiente familiar; o uso dos termos cis e trans; o desejo pela manipulação das identidades; a adoção pelo saber médico e por algumas colaboradoras de pesquisa da categoria classificatória disforia de gênero para diagnosticar as experiências trans, a existência de casos de evitação nas relações familiares e a moral nos relacionamentos amorosos das pessoas trans. Pretendemos, com isso, oferecer um trabalho que forneça conteúdo técnico, teórico e metodológico para os campos da sociologia e teoria *queer*.

**Palavras-chave:** Travestis; Pessoas trans; Família; Moral; Gênero.

## ABSTRACT

The dissertation aims to study how to unfold the trans experiences in the livelihoods of their families from the narratives of life of research collaborators in Natal-RN. For this, methodological work is constituted as a qualitative research anchored by interviews with semi-structured questionnaires with three families. Will be used also as an analytical method of the life narratives of collaborative research, discourse analysis (Foucault, 1996). We aim to articulate the moral notions in sociology with cases reported in the research process, in order to discuss the family transphobia and unveil the generational changes in family relationships of transvestites and transsexuals relating the research studies with those produced ethnographies on issue in Brazil. From the analysis of the life narratives could be achieved themes and concepts that were problematized in this research, for example, the imposition of gender in childhood; morality in the family environment; The use of the terms cis and trans; the desire for manipulation of identities; the adoption by medical knowledge and some category of research collaborators qualifying gender dysphoria for diagnose trans experience, the existence of cases of avoidance in family relationships and morals in romantic relationships of trans people. We intend, therefore, to offer a job to provide technical, theoretical and methodological content to the fields of sociology and queer theory.

**Keywords:** Transsexual; Trans people; Family; Moral; Gender.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	12
<b>1. O BEIJO GREGO NA SOCIOLOGIA</b>	16
1.1. Durkheim e a moral	17
1.2. A moral heteronormativa como objeto sociológico	23
1.3. Foucault e a sanção normalizadora	25
1.4. A teoria queer e a crítica à normalização	30
<b>2. OS DESAFIOS DA RELAÇÃO DE ENTREVISTA: UMA QUESTÃO DE MÉTODO</b>	36
<b>3. SOBRE AS FAMÍLIAS</b>	44
3.1. Angel	45
3.2. Fabiana	77
3.3. Sheila	92
<b>4. A MORAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS</b>	100
4.1. Marido	102
4.2. Namorado	104
4.3. “Travesti pra ‘fuder’, mulher com vagina pra namorar”	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	114
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	117

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação é a continuidade do trabalho monográfico do pesquisador <sup>1</sup> e tem por finalidade estudar como se desdobram as experiências trans<sup>2</sup> nos modos de vida de suas famílias a partir das narrativas de vida das colaboradoras de pesquisa em Natal-RN. Desde o ingresso do pesquisador no programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (nível: mestrado) da UFRN, a pesquisa passou por uma reformulação em suas linhas teóricas e metodológicas, assim como também no seu recorte do campo. Nessa dissertação, nos debruçamos sobre a análise de três casos, famílias que foram acessadas a partir das narrativas de vida de travestis, transexuais ou parentes próximos do seio familiar, como mães, irmãos, tias e namorados.

Diante de estudos como o de Don Kulick (2008), Marcos Renato Benedetti (2005), Larissa Pelúcio (2009), Hélio Silva (1993; 2007), Flávia do Bonsucesso Teixeira (2009) e Anne Damásio (2009), que abordaram o processo de construção dos corpos e também aspectos da prostituição das travestis e transexuais, mas que quando se referiram as relações familiares, afirmaram na maioria dos casos, que quando as trans se “assumiam” tinham o convívio familiar quase sempre insustentável. Percebemos um espaço ainda não tão profundamente investigado nas etnografias sobre travestis e/ou transexuais. Vale ressaltar que os estudos de Tiago Duque (2009), Fernanda Cardoso (2009) e Luma Nogueira de Andrade (2012), descrevem casos de travestis e transexuais que convivem com suas famílias, abordando, inclusive, alguns conflitos do relacionamento familiar. Porém, esse tema não é colocado como problemática central de seus trabalhos, mas serviram para dar suporte às discussões trazidas por esses autores. Importante também lembrar, o artigo de Berenice Bento (2012) sobre “*As famílias que habitam “a família”*”, onde a autora discute a pluralidade e plasticidade da categoria “família”, problematizando a noção tradicional de família regida pelos marcos da heterossexualidade e outra que se debruça em construir a autonomia do sujeito, e ainda, o artigo de Livia Gonsalves Toledo e Fernando Silva Teixeira Filho (2015) que

---

<sup>1</sup>Relações intrafamiliares de travestis e transexuais em Natal - RN; 2013; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Ciências Sociais) – UFRN. Profa. Orientadora: Berenice Bento.

<sup>2</sup> Por “trans” entendemos as identidades transexuais e travestis. Estamos cientes que há um intenso debate no ativismo político e na academia brasileira em torno da nomeação identitária, porém tomamos essa definição com base nos relatos das colaboradoras de pesquisa como será visto no decorrer do trabalho.

apresentam a história de vida de uma jovem lésbica numa família homofóbica e nos foi útil para pensar de maneira relacional alguns conceitos que serão trabalhados na nossa pesquisa.

A nossa proposta consiste em focar nossos esforços e olhares para as relações familiares de travestis e/ou transexuais, buscando desvelar – através das narrativas de vida – as multiplicidades dos modos de existência das pessoas trans com suas famílias, rastreando os vários atravessamentos (de classe, cor, gostos, religião, etc.) que afetam a experiência de uma pessoa trans e seus membros familiares. Com isso, pretendemos contribuir para os campos dos estudos *queer* e da sociologia com um trabalho que possa colaborar para a problematização da relação sociedade-indivíduo-subjetividade, partindo das reflexões das experiências trans em nossas instituições contemporâneas, principalmente a família.

Vislumbramos como objetivos a serem alcançados por esta pesquisa: analisar, a partir das narrativas de histórias de vida das colaboradoras de pesquisa, os dispositivos da sexualidade (FOUCAULT, 2007) e transexualidade (BENTO, 2006), as prescrições morais, o entendimento da noção de gênero e a multiplicidade das experiências trans nos modos de vida de suas famílias; articular as noções de moral trazidas por alguns autores da sociologia, como Durkheim (1983) com os casos relatados pelas colaboradoras de pesquisa; verificar se há aversão direcionada às travestis e transexuais – que também pode ser chamada de transfobia – no ambiente familiar e problematizar como essa transfobia ocorre nas relações familiares; e enfim, comparar as narrativas das colaboradoras desta pesquisa com as presentes em outras pesquisas publicadas objetivando verificar possíveis mudanças internas nas relações familiares com parentes que mudaram de gênero.

Esta dissertação está dividida em introdução e quatro capítulos, além das considerações finais. O primeiro capítulo corresponde ao esforço teórico de esclarecer os conceitos e noções centrais que atravessarão a análise das falas das colaboradoras de pesquisa. Será apresentado, primeiramente, o entendimento de Durkheim sobre moral e a partir disso será problematizado a heteronormatividade como um fato social. Em seguida, será trazido para o debate as considerações de Michel Foucault sobre a sanção normalizadora, evidenciando assim, as estratégias de produção e condução das condutas sobre o alicerce da moral. Por fim, a noção de gênero tal qual como anunciada pela

teoria *queer*– base teórica a qual este trabalho intenciona se filiar – será exposta, assim como também será discutido a potencialidade da virada que os estudos *queer* provocaram no pensamento sociológico.

O segundo capítulo é constituído pela exposição da proposta metodológica de se pensar a relação de entrevista e do método da análise do discurso adotado para a realização da tarefa analítica desta pesquisa de mestrado. A partir dos desafios vivenciados no processo de construção da pesquisa surgiram os questionamentos sobre como produzir um modelo de entrevista satisfatório para alcançar com profundidade as histórias de vida relatadas pelas colaboradoras de pesquisa. Para isso, foram desdobradas as reflexões de Foucault (2007) sobre a confissão para construir um modelo de entrevista que se afastasse da forma de um interrogatório e se aproximasse mais de um compartilhamento de histórias de vida entre o pesquisador e a colaboradora de pesquisa.

O terceiro capítulo corresponde a apresentação das famílias e análise dos relatos das colaboradoras de pesquisa. Cada caso foi trabalhado separadamente pelo fato de entendermos que cada história de vida tem particularidades diferentes umas das outras que merecem atenção especial. A partir da análise das narrativas de vida foram abordados temas e conceitos importantes para a nossa reflexão, como por exemplo: a imposição do gênero na infância; a moral no ambiente familiar; o uso dos termos cis e trans; a noção de “aquendar” e “desaquendar” identidades; a adoção pelo saber médico e por algumas colaboradoras de pesquisa da categoria classificatória disforia de gênero para diagnosticar as experiências trans e a existência de casos de evitação nos relacionamentos familiares.

No quarto capítulo foi discutido a moral nos relacionamentos amorosos das pessoas trans. Tomando como referência comparativa os estudos de Pelúcio (2009) e Kulick (2008) foram apresentadas as mudanças encontradas na nossa pesquisa em relação ao que foi tratado por esses autores em seus trabalhos, como os temas da relação das travestis com seus “maridos” e namorados, bem como o assédio dos homens que buscam as travestis, exclusivamente, com intenções sexuais e que têm medo ou vergonha de serem vistos ao lado delas.

Por último, nas considerações finais, tentamos fazer uma avaliação da pesquisa, ressaltando a provável importância dessa investigação para o campo de estudos *queer*

em relação com a sociologia, como também para o reforço a resistência à ordem social baseada na heteronormatividade.

## 1. O BEIJO GREGO NA SOCIOLOGIA

O beijo grego é uma prática sexual que consiste em acariciar com a língua o ânus do parceiro ou da parceira. Para algumas pessoas, o beijo grego ainda é um tabu, seja porque os envolvidos no ato sexual ainda não se sentem à vontade para fazer entre elas uma prática tão íntima ou por ter receio ou nojo de introduzir a língua em um lugar por vezes tão pouco explorado. Para quem é adepto da prática, não se pode negar que ela dá tesão, excita e tem a capacidade de deixar o momento da transa ainda mais intenso.

O beijo grego será usado aqui como uma metáfora, para representar os esforços em relacionar os pressupostos teóricos da sociologia clássica, no caso, o pensamento de Émile Durkheim, com a teoria *queer*. A primeira coisa que precisa ser dita é que durante o beijo grego se tem a consciência de que a região anal é umas das zonas mais erógenas e morais na geografia do corpo humano. Por isso, almejamos demonstrar, primeiramente, as contribuições de Durkheim (1983) para pensar a influência da moral social na constituição do indivíduo como membro da sociedade, além de apresentar, neste ponto, a proposta do método sociológico do autor, fazendo uso desse método para justificar a heteronormatividade como objeto sociológico sem, no entanto, realizar qualquer tentativa de posicionar esta dissertação como um resultado absoluto das considerações durkheimianas, mas sim, como um exercício inicial de apropriação de seu pensamento.

A segunda consideração é sobre a ação de estimar o beijo grego como uma prática ousada, fora do normal. Para problematizar a normalidade como um mecanismo que tem como finalidade conduzir as condutas dos sujeitos, serão abordadas as ponderações de Michel Foucault (2000; 2007) sobre as estratégias de produção de corpos dóceis nas sociedades disciplinares. Portanto, será trazido para o debate as contribuições do autor sobre a sanção normalizadora.

Por conseguinte, será esclarecido como a noção de gênero e os desdobramentos deste conceito ocasionado pela virada *queer* no pensamento social contribuem para afetar e incomodar a sociologia como uma disciplina ainda presa às concepções normativas, apresentando assim, o momento crucial do beijo grego, ou seja, metendo a



língua naquilo que até então permanecia intocável nos estudos sociológicos que são as experiências trans.

### 1.1. Durkheim e a Moral

Émile Durkheim (1983) pensou a sociologia como uma disciplina científica com método e objeto bem definidos. Seu interesse era formular uma abordagem objetiva de investigação social. Com essa intenção, ele entendia que o método de observação e análise da vida social deveria ser semelhante ao método adotado pelas ciências naturais, porém, com algumas peculiaridades, tendo em vista que os fenômenos sociais não se originam e nem se desenvolvem da mesma maneira que os fenômenos naturais.

Partindo dessa concepção, Durkheim chegou à noção de consciência coletiva, entendendo-a como um sistema de representações coletivas em determinada sociedade. Essa conceituação sobre a consciência coletiva foi decisiva para Durkheim determinar os fatos sociais como objeto sociológico por definição, pois segundo Durkheim, a consciência coletiva é a base para a formação e reprodução dos fatos sociais. Entendendo fato social como:

Toda a maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coação exterior; ou ainda, “que é geral no conjunto de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais” (DURKHEIM, 1983, p. 92).

Ou ainda: “*consistem em maneiras de agir, pensar e sentir exteriores ao indivíduo, e dotadas de um poder coercitivo em virtude do qual se lhe opõem*” (DURKHEIM, 1983, p. 88). De acordo com o autor, os fatos sociais são variáveis de cultura para cultura e se baseiam na moral social, instituindo um conjunto de regras e definindo o que é certo ou errado, permitido ou proibido. Durkheim dá alguns exemplos de fatos sociais que nos são impostos, como a moda e a língua que falamos no país que nascemos.

A base do método sociológico de Durkheim está constituída sobre a proposição de que “*os fatos sociais devem ser tratados como coisas*” (DURKHEIM, 1983, p. 76), expondo assim a sua ideia de que o sociólogo deve se afastar das suas pré-noções antes de iniciar uma investigação social e se manter atento definindo de antemão os fenômenos que irá estudar a partir dos aspectos sociais observados para não correr o risco de considerar manifestações individuais como objeto de suas investigações.

Tratar certos fatos como coisas não é, portanto, classificá-los numa ou outra categoria do real: é ter para com eles uma certa atitude mental; é abordar o seu estudo partindo do princípio de que se desconhecem por completo e que suas propriedades características, tal como as causas de que dependem, não podem ser descobertas pela introspecção, por mais atenta que seja (DURKHEIM, 1983, p. 76).

É nesse sentido que Durkheim defende interpretar os fatos sociais como coisas, oferecendo, a partir disso, um projeto metodológico para a sociologia e expondo que os fatos sociais – diferentemente dos fenômenos naturais e/ou manifestações individuais – é realizado pela e na sociedade de forma geral, de maneira exterior e exercendo coerção sobre o indivíduo. Desse modo, Durkheim também apresenta sua proposta resumida de sociologia como ciência ao afirmar que:

Tal como fizemos notar, há uma palavra que, desde que se lhe dilate um pouco a acepção vulgar, exprime bastante bem esta maneira de ser muito especial: é a palavra *instituição*. Pode-se, com efeito, sem desvirtuar o sentido deste termo, chamar *instituição* a todas as crenças e a todos os modos de conduta instituídos pela coletividade; a sociologia pode então ser definida como *a ciência das instituições, da sua gênese e do seu funcionamento* (DURKHEIM, 1983, p. 82).

Afirmar que a sociologia é a ciência que tem como objeto principal as instituições, significa para Durkheim, mirar as análises sociológicas sobre tudo aquilo que pertence ao exterior, mas que influencia o indivíduo na sua construção subjetiva e na sua vida cotidiana. Porém, é importante lembrar que o autor ressalta que cada indivíduo internaliza as influências coletivas exteriores à sua maneira e reage a essas

influências ativamente para a formação de suas condutas particulares, tendo em vista que:

Pelo fato de as crenças e as práticas sociais nos chegarem do exterior, não quer dizer que as recebamos passivamente e sem as submetermos a modificações. Ao pensarmos e assimilarmos as instituições coletivas, individualizamos-las e incutimos-lhes em maior ou menor grau o nosso cunho pessoal; é por este motivo que, ao pensarmos o mundo sensível, cada um de nós lhe dá um colorido à sua maneira e se adapta de modo diferente a um mesmo meio físico – razão por que cada indivíduo possui, em certa medida, a sua moral, a sua religião, a sua técnica (DURKHEIM, 1983, p. 82).

Durkheim (1983) assegura que essas influências chegam ao indivíduo através da educação, mas não seria um erro compreender a educação – no sentido escrito por Durkheim nesse ponto – como a noção de socialização, pois quando o autor afirma que até no cumprimento de nossas obrigações, mesmo quando se acredita que nossos deveres e costumes estejam de acordo com os nossos sentimentos, eles “*não foram estabelecidos por mim, mas sim recebidos através da educação*” (DURKHEIM, 1983, p, 87). Concordando com Durkheim, pode-se dizer, a partir disso, que a moral que cada indivíduo tem para si como sendo a sua moral ou a sua maneira de pensar ou enxergar o mundo não é definida por cada um, mas pela moral coletiva imposta pela educação/socialização a todos os indivíduos. Essa moral coletiva é tanto coercitiva, quanto vigilante e punitiva, pois:

Se não me submeto às convenções do mundo, se, ao vestir-me, não levo em conta os usos seguidos no meu país e na minha classe, o riso que provoco e o afastamento a que me submeto produzem, ainda que duma maneira mais atenuada, os mesmos efeitos de uma pena propriamente dita. Aliás, a coação não é menos eficaz por ser indireta. Não sou obrigado a falar francês com os meus compatriotas, nem a usar moedas legais, mas é impossível fazê-lo de outro modo. Se tentasse escapar a esta necessidade, a minha tentativa falharia miseravelmente. [...] Mesmo quando posso libertar-me dessas regras e violá-las com sucesso, nunca é sem ser obrigado a lutar contra elas. Mesmo quando são finalmente vencidas, ainda fazem sentir suficientemente a sua força constrangedora, pela resistência que opõem (DURKHEIM, 1983, p. 88).

Aqui, podemos enxergar superficialmente as considerações feitas por Durkheim a respeito da moral e das normas sociais que regem a sociedade, assim como também, o que o autor sinaliza sobre os indivíduos que tentam subverter ou resistir a essas normas. Para Durkheim, o indivíduo só é considerado parte de uma sociedade quando internaliza e replica aquilo que essa sociedade determina como sendo comum e normal a todos os indivíduos e isso se dá pela reprodução dos fatos sociais através da socialização.

Quando reparamos nos fatos tais como são, e como sempre foram, salta aos olhos que toda a educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir às quais ela não teria chegado espontaneamente. Desde os primeiros tempos da sua vida a coagimos a comer, a dormir e a beber a horas regulares. Coagimo-la à limpeza, à calma, à obediência; mais tarde, coagimo-la a ter em conta os outros, a respeitar os usos, as conveniências, a trabalhar, etc., etc. Se, com o tempo, essa coação deixa de ser sentida, é porque fez nascer hábitos e tendências internas que a tornam inútil, mas que só a substituem porque derivam dela. [...] Podemos compreender assim, de modo sumário, como esse ser se constituiu na história. Esta coação permanente exercida sobre a criança é a pressão do meio social que tende a moldá-la à sua imagem, e da qual os pais e professores não passam de representantes e intermediários (DURKHEIM, 1983, p. 89).

Mesmo assim, esclarecidas essas relações teóricas e conceituais, é preciso nesse momento fazer uma parada estratégica para não correr o risco de cometer possíveis enganos. Mostramos até aqui algumas considerações de Durkheim a respeito de como a consciência coletiva determina a condut asocial dos indivíduos e como a moral social é instituída na e pela sociedade e influencia os hábitos coletivos e individuais. Mas, outro ponto importante que tem que ser retomando é que Durkheim pensou a sociologia como uma ciência, a partir da definição de regras metodológicas e objetos de estudo. Porém, ele formulou suas considerações em uma época e com um propósito que não podemos deixar de citar. No final do século XIX, Durkheim ponderou ser necessário que a sociologia precisava ser vista como uma ciência que tivesse uma função na sociedade, ou seja, a análise dos fatos sociais e das instituições. Influenciado pelo método duro das ciências naturais que tinha como premissa o afastamento das pré-noções do senso comum para a realização de uma observação objetiva a fim de obter resultados sólidos, Durkheim tentou estabelecer que o social só poderia ser explicado pelo social.

Entretanto, – aqui se revela o ponto que se queria com esse adendo – como aponta Miskolci (2009):

Desde ao menos Émile Durkheim, aprendemos a só explicar o social pelo social, mas o próprio mestre francês trouxe para seu edifício teórico uma oposição binária herdada de compreensões naturalizadas do social: a regra de categorização dos fenômenos sociais como normais ou patológicos (DURKHEIM, 2007). Assim, a Sociologia passou a investigar a sociedade tendo sempre como suplemento não-expresso o conceito de normalidade. Daí o paradoxo de a disciplina ter-se instituído como opção crítica às visões (naturalizantes) que justificavam a ordem social priorizando uma concepção normativa da coletividade, ou seja, flertando com a ordem, mesmo com seus olhos voltados para as margens do social (MISKOLCI, 2009, p. 172).

A classificação em Durkheim de fenômenos sociais normais ou patológicos evidencia o teor normalizador do seu trabalho sociológico, mesmo quando o autor defendeu ser o crime um fato social normal, postura que poderia ser entendida como subversiva, a sua explicação para tal classificação mostra como para Durkheim só é considerado fato social normal aquilo que só se produz na média das sociedades e corresponde a uma fase de desenvolvimento destas determinadas sociedades (DURKHEIM, 1983). Por isso que para Durkheim,

O crime é normal porque uma sociedade que estivesse livre dele é impossível. [...] O crime é, portanto necessário; está ligado às condições fundamentais de qualquer vida social e, precisamente por isso, é útil; porque estas condições a que está ligado são indispensáveis para a evolução normal da moral e do direito (DURKHEIM, 1983, p. 120-121).

Todavia, pode-se perceber nesta formulação que para Durkheim só é normal aquilo que é geral<sup>3</sup> e contribui para o funcionamento da sociedade. Por isso que temos que consentir com Bento (2014) quando ressalta sobre Durkheim que:

---

<sup>3</sup> “Para que a sociologia seja uma ciência das coisas, é necessário que a generalidade dos fenômenos seja considerada como critério probante de normalidade” (DURKHEIM, 1983, p. 123).

Há dois aspectos do pensamento deste autor que merecem destaque: 1) Por um lado, foi um pensador da ordem (Aron, 2002) e termos como "desintegração social", "falta de coesão" nos relevam que a mudança só teve lugar em sua obra como algo "anômico", prejudicial à solidariedade social. 2) Ao mesmo tempo, Durkheim realizou uma disputa epistemológica com outros campos do saber ao afirmar que há determinadas ocorrências na vida social que apenas a Sociologia teria condições de propor explicações eficientes (BENTO, 2014, p. 47).

Diante de tudo que foi exposto, podemos considerar Durkheim como um sociólogo que se esforçou para observar a ordem e a moral social, mas de um ponto de vista normalizador. O que provavelmente seja mais interessante do pensamento de Durkheim para ser aproveitado na nossa reflexão são as ponderações sobre as influências do caráter social nas condutas dos indivíduos dispostos em sociedade e da produção e reprodução dos fatos sociais por meio da socialização. A partir disso, podemos trazer o conceito de Berger e Luckman (1987) de socialização primária para trabalhar as narrativas de vida das nossas colaboradoras de pesquisa. Para eles, *“a socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, em virtude da qual torna-se membro da sociedade”* (BERGER e LUCKMAN, 1987, p. 175). É na socialização primária que as regras sociais, as normas, a moral de uma sociedade são apresentadas para as crianças sem que elas tenham possibilidades de escolha. O papel da família na socialização primária é fundamental, pois são os familiares as pessoas mais próximas da criança nos seus primeiros anos de vida, passando-lhe assim crenças, valores, costumes e preceitos morais que devem ser absorvidos e respeitados por aquela criança daquela família. Para encorpar essa noção de que é a socialização primária basilar para inculcação de preceitos sociais nos sujeitos, podemos recorrer às considerações de Bento (2012) quando ela acrescenta que:

São as verdades sociais – impossíveis de relativização, transmitidas na socialização primária – que estruturam as disposições duráveis dos homens e mulheres, o que Pierre Bourdieu chamará de *habitus*. Por isso que a subjetividade é mais reticente às mudanças. Ao longo da vida, somos confrontados com valores diferentes daqueles interiorizados na infância. No entanto, negar racionalmente um determinado padrão de comportamento não significa que se passará, de imediato, a agir de outra forma. O que acontece é a convivência, mais ou menos conflituosa, de mapas de orientação nas subjetividades. Isso pode gerar

um processo de descontinuidade socializatória. A descontinuidade significa que “áreas” da vida de uma pessoa não são mais compostas por padrões e hábitos preexistentes. As escolhas de estilo de vida constituem uma narrativa reflexiva do eu, continuamente reelaborada (BENTO, 2012, p. 278).

## **1.2. A moral heteronormativa como objeto sociológico**

Problematizar o tema da moral na nossa discussão como algo socialmente construído e reproduzido socialmente, nos ajuda a perceber sociologicamente diante das narrativas de vida de nossas colaboradas sobre como fugir das normas impostas faz com que as pessoas trans se tornem alvos de punições, rejeições, estranhamentos e exclusões do corpo social, ou seja, a internalização das normas sociais e da moral coletiva se dá por meio de um processo socializador que demarca fronteiras moralizantes para limitar e posicionar um indivíduo numa determinada sociedade. Vale destacar que para Durkheim (1983), a consciência coletiva não é universal nem permanente, ela sofre alterações com as mudanças de paradigmas de cada geração e de cada cultura. Para essa pesquisa, todas estas considerações sobre os fatos sociais, a consciência coletiva e as estratégias usadas pela própria sociedade para educar, moralizar e socializar o indivíduo servem para iniciar a problematização sociológica do principal ponto analítico desse trabalho: a moral heteronormativa. Entendendo a heteronormatividade como sendo:

Um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade (MISKOLCI, 2009, p. 156-157).

Podemos cometer a ousadia teórica de associar conceitualmente um autor clássico da sociologia com uma tema que posto em comparação, pode ser considerado de pertinência recente nos estudos humanísticos, para visualizar a heteronormatividade como um fato social e a partir

disso, problematizar todas as implicações que são provocadas por essa classificação, tendo em vista o que já apontou Durkheim (1983) quando disse que:

Um fato social reconhece-se pelo seu poder de coação externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos; e a presença desse poder reconhece-se, por sua vez, pela existência de uma sanção determinada ou pela resistência que o fato opõe a qualquer iniciativa individual que tenda a violentá-lo (DURKHEIM, 1983, p. 91).

Vemos na nossa revisão de literatura sobre os estudos com travestis e/ou transexuais, como por exemplo, Kulick (2008), Pelúcio (2007) e Silva (1993; 2007) que a pena mais comum para as pessoas trans que não seguem o regime imposto pela moralidade social é a existência abjeta, na margem, sobre os olhares do estranhamento. Poderíamos por isso nos perguntar, mas que moralidade é essa? Pode-se inferir que se refere à moralidade da família heterossexual que coloca o prazer escondido debaixo de um pano coberto de princípios religiosos e determinismos biológicos, ou seja, como já falamos aqui, relacionada à heteronormatividade. A sociedade cristã ocidental coloca o sexo apenas como finalidade reprodutiva, e mesmo que essa afirmação não seja seguida ao pé da letra pelos casais heterossexuais, nota-se que quando o prazer homossexual é evidenciado, é algumas vezes visto como pecado ou doença. Portanto, pode-se ter como uma hipótese, que perante a ótica da moral cristã do Ocidente, os corpos das travestis e transexuais que não têm nenhum fim reprodutivo e que são alvos de investimentos tecnológicos para serem transformados, são enxergados como a própria encarnação da imoralidade, são encarados como corpos estranhos. Sobre a criação e anulação dos estranhos, Zygmunt Bauman diz:

Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável. Se os estranhos são as pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo – num desses mapas, em dois ou em todos três; se eles, portanto, por sua simples presença, deixam turvo o que deve ser transparente, confuso, o que deve ser uma coerente receita para a ação, e impedem a satisfação de ser totalmente satisfatória; se eles poluem a alegria com a angústia, ao mesmo tempo que fazem o atraente o fruto proibido; se, em outras palavras, eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; se, tendo feito tudo isso,



geram a incerteza, que por sua vez dá origem ao mal-estar de se sentir perdido – então cada sociedade produz esses estranhos (BAUMAN, 1998, p. 27).

As pessoas trans na sociedade ocidental pós-moderna estão onde Bauman afirma que se encontram os sujeitos que tornam obscuras e tênues as linhas de divisas que deveriam ser nitidamente observadas, e como para a maioria, as travestis e transexuais são um corpo estranho que entra em conflito com a moral e as normas de gênero heteronormativas, a anulação das pessoas trans não ocorre num espaço vazio, longe de obrigações e de reposicionamentos sociais, mas em trânsito para a marginalidade, para a bizarrice e para aquilo que é cognitivamente inaceitável. O que fica de fato evidente é uma mudança de constrangimentos que percorre aquilo que nos dias de hoje se tornou até certo ponto aceitável e que finda na criação da estranheza. Podemos fazer uma relação com essas mudanças de constrangimentos com o que Foucault (2007) descreve como práticas de liberdade ou as relações de poder que o sujeito moral pode estabelecer consigo mesmo. Vale ressaltar então, a ambiguidade do termo moral na concepção foucaultiana, que pode se referir tanto ao código moral reproduzido pelas instituições sociais como a família e a escola, quanto pela moralidade dos comportamentos.

### **1.3. Foucault e a sanção normalizadora**

O tema da moral em Foucault aparece atravessado em algumas de suas obras, em uma de suas aulas no *Collège de France*, ele faz uma breve apresentação sobre o que seria uma sociedade de normalização, diferenciando os conceitos de disciplina, lei, regra e norma.

O discurso da disciplina é alheio ao da lei; é alheio ao da regra como vontade soberana. Portanto, as disciplinas vão trazer um discurso que será o da regra; não o da regra natural, isto é, da norma. Elas definirão um código que será aquele, não da lei, mas da normalização, e elas se referirão necessariamente a um horizonte teórico que não será o edifício do direito, mas o campo das ciências humanas (FOUCAULT, 2000, p. 45).

O autor argumenta que a disciplina e a soberania são dois lençóis diferentes e que cada dia mais fica evidente as suas incompatibilidades, são dois limites onde se pratica o exercício do poder.

Eu creio que o processo que tornou fundamentalmente possível o discurso das ciências humanas foi a justaposição, o enfrentamento de dois mecanismos e de dois tipos de discursos absolutamente heterogêneos: de um lado, a organização do direito em torno da soberania, do outro, a mecânica das coerções exercidas pelas disciplinas. Que, atualmente, o poder se exerça ao mesmo tempo através desse direito e dessas técnicas, que essas técnicas da disciplina, que esses discursos nascidos da disciplina invadam o direito, que os procedimentos de normalização colonizem cada vez mais procedimentos da lei, é isso, acho eu, que pode explicar o funcionamento global daquilo que chamaria de “sociedade de normalização” (FOUCAULT, 2000, p. 46).

Temos que lembrar que Foucault (2000) também argumenta que não se pode pensar na sociedade de normalização sem articular a norma da disciplina dos indivíduos e a norma da regulação da população. Interpretar a sociedade de normalização apenas pela visão do poder disciplinar é insuficiente, segundo ele, tem que se cruzar a disciplina e o biopoder para entender a totalidade do funcionamento e dos efeitos de uma sociedade de normalização. A discussão trazida por Foucault sobre o corpo-espécie será importante para a problematização do poder psiquiátrico na regulação da vida das transexuais. Porém, por agora, o tema importante para dialogar com os autores que discutem sobre moral, normas e estranhamentos citados aqui é o poder disciplinar em Foucault, as estratégias de produção de corpos dóceis. Na terceira parte de “*Vigiar e Punir*”, Foucault (1999) disserta em detalhes sobre o funcionamento do poder disciplinar. Para reforçar o debate que estamos levantando, ressaltaremos o que ele fala sobre a sanção normalizadora, ou seja, uma maneira específica de castigar no domínio do poder disciplinar e que tem por finalidade, impor uma medida, estabelecer os limites daquilo que é permitido e proibido, normal e anormal.

Em suma, a arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. Põe em

funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto — que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” dos indivíduos. Fazer funcionar, através dessa medida “valorizadora”, a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal (a “classe vergonhosa” da Escola Militar). A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza (FOUCAULT, 1999, p. 207).

Foucault (2007) também argumenta que um dos espaços de reprodução da norma, principalmente a vigília e as normas referentes à sexualidade da criança é a família. Segundo Foucault (2007), foi a partir do século XVIII, ou seja, na ebulição da família burguesa que pela primeira vez se observou quatro grandes conjuntos estratégicos que desenvolveram dispositivos específicos de saber e poder em relação ao sexo. São eles: a histerização do corpo da mulher – que consiste no processo de análise, qualificação e desqualificação pelas práticas médicas do corpo da mulher, classificando a imagem da Mãe em negativo que é a mulher nervosa como a forma mais visível dessa histerização; a pedagogização do sexo da criança, que segundo ele, consiste na:

Dupla afirmação, de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo “natural” e “contra a natureza”, traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais “liminares”, ao mesmo tempo aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de demarcação; os pais, as famílias, os educadores, os médicos e, mais tarde, os psicólogos, todos devem se encarregar continuamente desse germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo; essa pedagogização se manifestou sobretudo na guerra contra o onanismo, que durou quase dois séculos no Ocidente (FOUCAULT, 2007, p. 99).

Até hoje, poderíamos pensar nesses termos, uma guerra das instituições que se fundamentam na heterossexualidade como única e verdade sexualidade contra as

práticas sexuais dissidentes, um conflito ou só ainda mesmo um ataque desigual que acontece no campo da moral, em forma de vigília dos pais e do meio social onde a criança é socializada. Outro conjunto estratégico é o da socialização das condutas de procriação, que diz respeito à forma como se conduziu todas as incitações ou freios à fecundidade dos casais, através de medidas sociais ou fiscais. Por fim, houve a psiquiatrização do prazer perverso, segundo Foucault:

O instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo; fez-se a análise clínica de todas as formas de anomalia que podem afetá-lo; atribuiu-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim, procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias (FOUCAULT, 2007, p. 100).

Ora, apenas o fato de classificar um prazer como perverso já dá uma indicação do quão autoritária e moral essa ação pode ser compreendida. Seguindo o ponto de vista do autor, não devemos pensar que há certo domínio da sexualidade que compete, de direito, a um determinado conhecimento científico desinteressado e livre, mas sim, sobre o qual exigências do poder fizeram aplicar mecanismos de proibição, ou seja, até mesmo no campo científico é perceptível a influência da moral heteronormativa para a classificação da realidade social.

Um conceito que é importante e será útil para compreender e trabalhar as considerações sobre a sanção normalizadora em Foucault é a noção que o autor tem sobre o exercício do poder. Michel Foucault (2007) afirma que “*o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos em meio a relações desiguais e móveis*” (FOUCAULT, 2007, p. 90). A partir dessa visão, podemos afirmar que o poder não é algo estático. Segundo o autor, o poder não está em um só lugar, e sim, provém de todos os lugares, é móvel, rizomático, não é uma qualidade nem muito menos uma substância, é uma forma de relação. As relações de poder, de acordo com o Foucault, são um conjunto de ações que têm por objeto outras ações possíveis e atuam sobre um campo de possibilidades, ou seja, induzem, separam, dificultam, facilitam, limitam, impedem as ações dos sujeitos. Este campo de possibilidades está inscrito no comportamento dos sujeitos ativos, dessa maneira podemos alegar que conduta capta melhor a

especificidade das relações de poder. O poder se exerce no fato de conduzir condutas e dispor probabilidades aos sujeitos livres, pois o poder só pode ser exercido sobre sujeitos que possuem um campo de várias condutas possíveis, uma vez que segundo a argumentação de Foucault:

Lá onde há poder, há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder (...). Elas não podem existir (as correlações de poder) senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam nas relações de poder o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder (FOUCAULT, 2007. p. 91).

Dessa maneira, a liberdade não pode ser entendida como uma contradição ao poder, mas como uma condição necessária para que o poder exista. Foucault aponta em seus estudos que o exercício e essa relação de poder estão presentes em vários lugares, como por exemplo, na relação médico – paciente, na relação do governo sobre os modos de vida das pessoas e na relação entre pais e filhos.

Dizendo poder, não quero significar “o Poder”, como conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado. Também não entendo o poder como modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma da regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessam o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais (FOUCAULT, 2007, p. 88).

Nesse caminho conceitual, trilhamos as peças para problematizar as relações de poder familiares de pessoas trans. Bento (2012b) pensando a partir das contribuições de Foucault considera algo importante para a nossa investigação:

Partindo da concepção de poder, conforme elabora Foucault, constataremos que o poder não está em lugar específico, ao contrário, encontra-se presente em todos os lugares. Como negar que a mãe exerce cotidianamente seu *quantum* maior de poder sobre o filho? Ela é, em parte, responsável pela constituição moral da criança, sendo que este processo de “inculcação” das verdades é feito

às vezes de forma branda, tranquila, outras vezes, com ameaças, gritos e muitas vezes com violência. Com uma mão afaga o filho, com a outra ela também pode puni-lo, e isto é aceito socialmente. O poder não é algo centralizado, é difuso e estende sua rede capilar por toda a sociedade (BENTO, 2012, p. 70).

Desta forma, a nossa discussão alcança o que diz respeito aos investimentos das relações de poder familiares na construção do gênero das pessoas trans coerente a uma norma heterossexual, e partindo de uma teorização *queer*<sup>4</sup>, buscamos evidenciar as tentativas de reprodução da ordem social heteronormativa, demonstrando a presença de enunciados e práticas heteroterroristas<sup>5</sup> que marcam as histórias de vida das pessoas trans.

#### **1.4. A teoria queer e à crítica à normalização**

Este trabalho segue na linha queer de pensamento e se propõe a analisar as narrativas de histórias de vida, os dispositivos da sexualidade/transsexualidade, as prescrições morais, o entendimento da noção de gênero e a multiplicidade das experiências trans nos modos de vida de três famílias colaboradoras da pesquisa.

Ao optarmos pela utilização trans estamos, principalmente, reforçando a tese de que se trata da experiência de gênero em conflito e em disputa com as normas de gênero, nos afinando assim com a proposta de Bento (2012a) de percebê-las em suas multiplicidades e singularidades, indo de encontro a um processo autoritário de saber-poder médico e estatal que insiste em patologizar a existência das pessoas travestis e/ou transexuais, uma vez que a atribuição dita como legítima é da ciência médica que considera ter a autoridade para definir e classificar a transexualidade no Código Internacional de Doenças (CID 10 – F64.0)<sup>6</sup> como transtorno da identidade sexual. Nesse ponto, abordaremos – na análise das entrevistas – os dispositivos e os discursos que forjam a figura de um transexual de verdade (BENTO, 2006) e as relações de forças que marcam

---

<sup>4</sup>O termo *Queer* em inglês, indica um xingamento, algo que poderia ser traduzido como mais próximo do uso em português do termo “bicha”. Por ser usado como uma denotação de anormalidade, perversão e desvio, a palavra foi adotada academicamente para desenvolver uma análise da normalização focada na sexualidade (MISKOLCI, 2009).

<sup>5</sup> Berenice Bento (2011).

<sup>6</sup>Disponível em: <[http://medicinanet.com.br/cid10/1554/f64\\_transtornos\\_da\\_identidade\\_sexual.htm](http://medicinanet.com.br/cid10/1554/f64_transtornos_da_identidade_sexual.htm)>. Acesso em: 26 de setembro de 2014, às 19h.

o debate sobre gênero como uma categoria entre a busca pelo reconhecimento ou autorização (BENTO, 2008).

Um conceito chave e que precisa ser lançado para introduzir nossa investigação é a noção de gênero para pensar as relações de poder exercidas no espaço da família. Judith Butler (2003) desconstrói a noção de gênero que defende a dualidade sexo/gênero sendo o sexo identificado com a natureza e o gênero com a cultura. Segundo a autora, a ideia de que o sexo é natural e o gênero culturalmente adquirido, faz com que seja atribuída a noção de gênero um caráter de essência. *“Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino”* (BUTLER, 2003, p. 26). Butler (2003) define a noção de gênero como *“a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”* (Butler, 2003, p. 59). Nesse esforço de dessencializar o gênero, Butler trata da metafísica da substância, ou seja, a visão de que o gênero é um atributo da pessoa que tem como característica ser classificada essencialmente como uma substância ou um núcleo de gênero preestabelecido. A autora atenta que os estudos de gênero vêm se desenvolvendo no caminho de compreender o gênero como uma relação entre sujeitos constituídos contextualmente. *“Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes”* (BUTLER, 2003, p. 29).

Para Butler, é possível fazer uma teoria social sobre o gênero retirando o sexo do campo da natureza:

Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma [...]. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de uma produção mediante o qual os próximos sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2003, p. 25).

Com isso, a autora possibilita pensar o corpo como uma situação<sup>7</sup> interpretado por meio de significados culturais, problematizando assim a imagem da mulher e adicionando outras identidades como sujeitas do feminismo como, por exemplo, as pessoas que não possuem vaginas, mas que se reconhecem como sendo do gênero feminino, travestis, transexuais e/ou transgêneros. A autora também denuncia que a nossa sociedade está dominada por uma ordem compulsória sustentada sobre uma matriz heterossexual que coloca que o sexo, o gênero, práticas sociais e o desejo dos/as sujeitos/as são obrigados a existir com uma total coerência, ou seja, que devem existir seguindo a linearidade do modelo heterossexual. É a obrigatoriedade dessa coerência nas relações entre sexo – gênero – práticas sexuais – desejo, que impulsionam e caracterizam os investimentos da família na construção dos gêneros dos filhos.

Bento (2006) aborda a condição de vida de transexuais no Brasil e na Espanha submetidas à autoridade dos procedimentos clínicos para conseguirem realizar a cirurgia de readequação sexual, e fazendo uso da teoria da performance da própria Judith Butler, reflete sobre a relação entre gênero e corpo. A autora afirma:

Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo determinado. Ainda quando se é uma “promessa”, um devir, há um conjunto de expectativas estruturadas numa complexa rede de pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que se supunha causa (BENTO, 2006, p. 86).

Os investimentos da família sobre a construção do gênero dos/as filhos/as começam quando o médico anuncia: “é um menino!” ou “é uma menina!”, a partir daí se inicia uma série de expectativas, suposições e aquisições materiais e simbólicas, como por exemplo, a escolha das roupas do bebê, dos brinquedos e a escolha do nome da criança. Esse conjunto de práticas faz com que todos os códigos que marcam a construção do gênero num corpo recém-nascido sejam vistos e socialmente repetidos como naturais.

Não há corpos livres, anteriores aos investimentos discursivos. A materialidade do corpo deve ser analisada como efeito de um poder, e o sexo não é aquilo que alguém tem ou uma descrição estática. O sexo é uma das normas pelas quais “alguém” simplesmente se torna viável, que qualifica um corpo para a vida inteligível. Há uma amarração, uma costura, ditada pelas normas, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero

---

<sup>7</sup>Simone de Beauvoir (1987).



que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, pois são analisadas como identidades “transtornadas” pelo saber médico (BENTO, 2006, p. 89).

Podemos compreender performances de gênero como uma estratégia que denuncia na sua própria prática e incorporação pelos sujeitos, o caráter cultural do sexo e do próprio gênero. Seguindo a análise de Butler (2003) e as contribuições de Bento (2006), podemos dizer que as travestis e as transexuais brincam com as performances de gênero desafiando a ordem compulsória do sexo/gênero/desejo que determina que se o sexo-genitália for um pênis, o sujeito tem que ter como identidade de gênero a imagem daquilo que é atribuído socialmente ao homem, uma prática social que tem como modelo a reprodução da masculinidade e o desejo heterossexual, ou seja, assumir a vontade de se relacionar com mulheres. Todavia, se a genitália for uma vagina, a identidade de gênero tem que ser baseada naquilo que é atribuído a uma mulher, a conduta social reconhecida como sendo feminina e o desejo obrigatoriamente destinado a homens com pênis. Essa regra da coerência heterossexual resiste nos espaços de socialização e de controle, como é a família, e marca uma ordem social vigente que ao mesmo tempo em que diferencia o hetero/homo, naturaliza a heterossexualidade e torna-a compulsória. Essa estrutura que coloca a matriz heterossexual como base da sociedade, Michael Warner cunhou de heteronormatividade. A crítica sobre a heteronormatividade e as análises sobre a sexualidade como dispositivos históricos de poder norteiam os estudos *queer* que conforme esclareceu o sociólogo Steven Seidman, a teoria *queer* seria o estudo “*daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a sociedade como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, culturas e instituições sociais*” (SEIDMAN, 1996, p. 13 *apud* Miskolci, 2009, p. 154).

Pode-se dizer, com isso, que a teoria *queer* rompe com a sociologia mesmo podendo fazer uso de suas perspectivas metodológicas, ela representa, na verdade, uma virada no olhar investigativo. Como aponta Miskolci (2009), enquanto Durkheim preocupou-se em observar os fatos sociais e classificá-los em normais ou patológicos e a corrente do Construtivismo Social em compreender o que estava posto na realidade social como natural e que era produzido na e pela sociedade, porém sem lançar o mesmo olhar desnaturalizante sobre a ordem hegemônica heterossexual e por isso, mesmo assim, flertando com concepções normativas,

Os teóricos *queer* focaram na análise dos discursos produtores de saberes sexuais por meio de um método desconstrutivista. Ao invés de priorizar investigações sobre a construção social de identidades, estudos empíricos sobre comportamentos sexuais que levem a classificá-los ou compreendê-los, os empreendimentos *queer* partem de uma desconfiança com relação aos sujeitos sexuais como estáveis e foca nos processos sociais classificatórios, hierarquizadores, em suma, nas estratégias sociais normalizadoras dos comportamentos. Ao colocar em xeque as coerências e estabilidades que, no modelo construtivista, fornecem um quadro compreensível e padronizado da sexualidade, o *queer* revela um olhar mais afiado para os processos sociais normalizadores que criam classificações, que, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares (MISKOLCI, 2009, p. 169).

A teoria *queer* lançou olhares analíticos à ordem hegemônica heterossexual e permitiu à sociologia ter como alvos de seus objetos de estudo não apenas aquilo que fugia da ordem, como por exemplo, os estudos sobre as minorias (gays e lésbicas), mas ir além e colocar em xeque a influência da heteronormatividade da vida social de todas as pessoas, não somente travestis, transexuais e/ou intersex, mas todos aqueles que são afetados de alguma forma pela moral heteronormativa, até mesmo, os heterossexuais.

A Teoria Queer é mais sofisticada do que o Construtivismo e ainda impõe, ao menos, dois grandes desafios às investigações sociológicas: perceber que nenhuma faceta da vida social pode ser compreendida sem um exame de como os significados sexuais se interseccionam com ela e, por fim, mas não por menos, o *queer* impõe às ciências sociais a necessidade de rever seus pressupostos, de forma a focar no hegemônico como objeto de estudo e análise crítica. A Teoria Queer desafia a Sociologia a não mais estudar apenas os que rompem as normas (o que redundaria nos limitados estudos de minorias) nem apenas os processos sociais que os criam como desviantes (o que a teoria da rotulação já fez com sucesso), antes focar nos processos normalizadores marcados pela produção simultânea do hegemônico e do subalterno (MISKOLCI, 2009, p. 171).

Em suma, o que nós quisemos mostrar ao estabelecer as relações teóricas entre Durkheim, Foucault e a teoria *queer* sobre o fio condutor da moral e da normalização é que cada um desses pensamentos pôde contribuir para o que será feito neste trabalho, um exercício analítico e reflexivo dos efeitos da heteronormatividade na vida familiar das pessoas trans. Era nesse ponto que queríamos chegar, pois como anuncia o título do capítulo, é a teoria *queer* a responsável por dar um beijo grego na sociologia normalizada e normalizadora. Causando com isso, todo o desconforto e estranheza que uma prática não reverenciada pelas normas de gênero baseadas na

heterossexualidade conservadora traz consigo. Por isso, não podemos cometer o deslize de classificar a teoria *queer* como um ramo da sociologia, ela é, muito mais, atravessada pela sociologia, assim como também adquiriu o poder de atravessá-la, do que pertencente à disciplina sociológica. Até porque a teoria *queer* não surgiu da sociologia e encontrou reverberações também na filosofia, na psicologia, na crítica literária, nos estudos da mídia e em outras áreas do conhecimento sem, portanto, pertencer a nenhuma delas.

Entretanto, e por fim, o objetivo teórico deste trabalho é contribuir para as duas grandes áreas do saber: a sociologia e a teoria *queer*, a partir de desdobramentos e problematizações que auxiliem a por em evidência como a heteronormatividade afeta a vida familiar das pessoas trans.

## 2. OS DESAFIOS DA RELAÇÃO DE ENTREVISTA: UMA QUESTÃO DE MÉTODO

**Quadro 01 – Características das colaboradoras de pesquisa**

Nome	Idade	Natural	Religião da Família	Escolaridade	Profissão	Situação de moradia
Sheila	30	Rio Grande do Norte	Católica	Ensino médio incompleto	Cabelereira /profissional do sexo	Mora com o marido
Fabiana	18	Rio Grande do Norte	Espírita	Ensino médio completo	Estudante	Mora com a mãe e o irmão
Angel	25	São Paulo	Evangélica/Católica	Ensino superior incompleto	Estudante	Mora na residência universitária

A nossa pesquisa apresenta três estudos de caso, cada um com suas particularidades e diferenças, por isso foi difícil escolher uma metodologia que nos fosse útil para análise de todos os casos. Ainda no processo de construção da monografia que foi o projeto embrião de tudo isso, tínhamos a necessidade de colher informações sobre a história de vida das nossas colaboradoras de pesquisa para investigar as relações de poder intrafamiliares de travestis e transexuais. Para isso foi usado o texto de Verena Alberti (2005), intitulado “*Manual de História Oral*” e a partir da apropriação das indicações de Alberti foi definido um modelo dividido em etapas para proceder em campo que foi usado tanto na monografia quanto nos primeiros passos da pesquisa do mestrado que se constituem, primeiramente, em pesquisar o objeto de estudo, ou seja, o ato de investigar o objeto que vai ser estudado na pesquisa com o intuito de obter o máximo de conhecimento possível sobre o tema, isso foi feito na pausa que foi dada as investigações em campo quando o tempo foi dedicado às leituras etnográficas e teóricas sobre o objeto de estudo. O segundo passo foi a elaboração de um roteiro geral que teve como objetivo determinar um fio condutor para todas as entrevistas, na dissertação, foram escolhidos dois grandes temas para serem abordados nas entrevistas: a convivência familiar e como a heteronormatividade afeta as relações familiares. Em seguida é realizado a preparação da entrevista, uma etapa que se divide em três sub-partes: a seleção da entrevistada que se deu após o contato inicial, que é de fato o que define a inclusão da sujeita no trabalho, dependendo da disponibilidade da mesma em participar ou não da pesquisa. A segunda sub-parte é a elaboração do roteiro

individual, que nós fizemos buscando descobrir através de conversas informais antes de uma entrevista gravada ou através de informações com conhecidos em comum, aspectos que poderiam ser desenvolvidos na entrevista com a trans a ser entrevistada. Quando essa via foi impossibilitada, o roteiro individual seguiu as indicações do roteiro geral. A terceira sub-parte consiste em esclarecer para a entrevistada os termos de condição e condução da entrevista. Nessa pesquisa, buscou-se elucidar que o direito de privacidade iria ser reservado por meio do uso de nomes fictícios para identificar as interlocutoras da pesquisa e propor para a entrevistada a evocação do gravador, esclarecendo o papel de importância que esse aparelho tem para um melhor aproveitamento da entrevista na pesquisa. Por último, alcançamos a etapa crucial da pesquisa que é a relação de entrevista, pois constitui a estrutura onde todo o trabalho foi baseado e desenvolvido.

Uma relação de entrevista é, em primeiro lugar, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e opiniões também diferentes, que têm em comum, o interesse por determinado tema, por determinados acontecimentos e conjunturas do passado. Esse interesse é acrescido de um conhecimento prévio a respeito do assunto: da parte do entrevistado, um conhecimento decorrente de sua experiência de vida, e, da parte do entrevistador, um conhecimento adquirido por sua atividade de pesquisa e seu engajamento no projeto. Tem-se então uma relação em que se deparam sujeitos distintos, muitas vezes de gerações diferentes, e, por isso mesmo, com linguagem, cultura e saberes diferentes, que interagem e dialogam sobre um mesmo assunto (ALBERTI, 2005, p. 101).

Durante o desenvolvimento do projeto de mestrado, a relação de entrevista se tornou a principal preocupação metodológica, por exemplo, no início da pesquisa surgiram questões do tipo: Por que as pessoas trans que desejávamos entrevistar colaborariam com a pesquisa oferecendo o relato das suas lembranças e histórias de vida? Não era apresentado nenhuma moeda de troca, nenhum motivo que gerasse lucro para as pessoas que eram entrevistadas, não era oferecido nada para que elas colaborassem com a pesquisa. O lucro sempre era de quem fazia a pesquisa, o lucro das informações, dos conteúdos que serviriam de base para a articulação com os conceitos teóricos e o lucro acadêmico do título de mestre concedido a quem realizasse o trabalho de pesquisa. Então, por que elas doariam seu tempo para a realização da pesquisa? Todas essas indagações trouxeram uma impressão que foi tornando-se cada vez mais forte: o ato da relação de entrevista como um ato de confissão, onde o pesquisador

escuta e a pessoa entrevistada é ao mesmo tempo sujeito de enunciação e o referente do enunciado. A confissão para Foucault (2007) era um ritual de discurso que se desdobra numa relação de poder. É óbvio que para entender melhor onde quer se chegar, é preciso diferenciar e contextualizar uma coisa da outra, uma relação de entrevista e um ato de confissão. Foucault (2007) argumenta que a confissão se constitui como uma tarefa de dizer a verdade sobre si mesmo, mas que tem uma finalidade, a remissão dos pecados e a salvação da alma. Em uma aula do curso “*Os Anormais*”, Foucault (2001) argumenta que a partir do século XVI tudo ou quase tudo teve de ser passado pelo filtro da confissão. O confessor ganhou mais poderes de exame sobre a vida do sujeito que se confessa e o sexto mandamento (não pecar contra a castidade) se tornou o principal alvo a ser investigado no ato da confissão.

Em primeiro lugar, no próprio nível da técnica da confissão, a interrogação sobre o sexto mandamento vai colocar certo número de problemas particulares, tanto para o confessor, que não deve se macular, como para o penitente, que nunca deve confessar menos do que fez, mas que nunca deve, no curso da confissão, aprender mais do que sabe. A revelação das faltas de luxúria vai, portanto, ser feita de tal sorte que mantenha a pureza sacramental do padre e a ignorância natural do penitente, o que implica certo número de regras. Passo rápido por elas: o confessor deve saber apenas do que “for necessário”; deve esquecer tudo o que lhe foi dito no exato momento em que a confissão terminar; deve primeiro interrogar sobre os “pensamentos”, para não ter de interrogar sobre atos, caso estes não tenham sido cometidos (e, por conseguinte, para evitar revelar algo que o outro, o penitente, não sabe); nunca deve nomear as espécies de pecados (por exemplo, não deve nomear a sodomia, a moleza, o adultério, o incesto, etc.). Ele interrogará perguntando ao penitente que tipo de pensamentos teve, que tipo de atos cometeu, “com quem”, e com essas perguntas “tirá”, diz Habert, “da boca do penitente todas as espécies de luxúrias, sem se por no perigo de ensinar alguma a este” (FOUCAULT, 2001, p. 234-235).

Eis, portanto, um manual técnico do ato de confissão descrito por Foucault. O que nós estamos querendo dizer com isso é que uma relação de entrevista tem suas diferenças do ato de confissão, pois não tem um caráter de busca pela verdade em prol de algo que pode ser punido, convertido em penitência. Porém, o próprio Foucault (2007) argumenta na “*A vontade de saber*” que:

A confissão foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo. Entretanto, ela se transformou consideravelmente. Durante muito tempo permaneceu solidamente engastada na prática da penitência, mas pouco a pouco, a partir do protestantismo, da Contra-Reforma, da pedagogia do século XVIII e da medicina do século XIX, perdeu sua situação ritual e exclusiva: difundiu-se; foi utilizada em toda uma série de relações: crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e peritos. As motivações e os efeitos dela esperados se diversificaram, assim como as formas que toma: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou cartas, que são consignados, transcritos, reunidos em fichários, publicados e comentados (FOUCAULT, 2007, p. 62).

E por que não dizer: pesquisadores e informantes, entrevistadores e entrevistados? Perguntas, questionários e teorizações em cima daquilo que foi recolhido? Essa foi a principal preocupação ao tentar achar uma possibilidade diferente da entrevista com questões estruturadas, semi-estruturadas ou abertas, seguindo um modelo tradicional onde o entrevistador faz as perguntas e escuta as respostas e o entrevistado somente ouve as perguntas e fornece as respostas. Com essa inquietação, procurou-se encontrar novas metodologias de pesquisa e após investidas e aprofundamentos em diferentes perspectivas teórico-metodológicas que pudessem colaborar com a pesquisa.

Duas situações nos levaram a pensar outros modelos a serem adotados na relação de entrevista. O primeiro deles foi ainda no processo de construção da monografia quando eram realizadas entrevistas com as colaboradoras de pesquisa, a maioria sempre interrompia a entrevista para perguntar detalhes da vida do pesquisador, como por exemplo, se ele era heterossexual ou gay<sup>8</sup>.

A outra situação que nos levou a uma maior reflexão sobre a relação de entrevista foi o encontro com a tia de Fabiana<sup>9</sup>. Quando ela pediu para conversar sobre a situação vivida com a sobrinha-filha, houve uma interferência mesmo que indireta do pesquisador na experiência da tia de Fabiana com o processo que ela estava vivendo. Na nossa conversa, a tia de Fabiana apresentou algumas questões que ela estava preocupada em como saber lidar com a sua sobrinha. As questões apresentadas pela tia de Fabiana

---

<sup>8</sup> Uma das colaboradoras de pesquisa, Fabiana, que começou a participar do estudo apenas na dissertação assumiu em conversas informais ter perguntado a Angel (outra colaboradora de pesquisa e amiga do pesquisador) se o pesquisador era gay ou não.

<sup>9</sup> Um das colaboradoras de pesquisa.

foram as seguintes: Fabiana não assumia o nome social em casa e por isso ninguém da convivência familiar de Fabiana reconhecia a identidade feminina dela, entendiam que ela ainda não havia reivindicado. Fabiana já tinha assumido recentemente para a tia que tomava hormônios e precisava de dinheiro para comprar as pílulas hormonais e a tia tinha medo de Fabiana acabar se prostituindo para conseguir investir mais no corpo, nas roupas e na compra de acessórios femininos de beleza. Com isso, nós conversamos sobre o apoio da família no momento de transição e como esse para uma pessoa trans pode ser importante, o pesquisador contou casos que ouviu das suas colaboradoras de pesquisa e também relatos colhidos na tese de doutorado de Luma Nogueira de Andrade (2012) e outros estudiosos que fizeram pesquisa de campo com travestis e transexuais. Ao final da nossa conversa, resolvemos intervir através da proposta de um exercício a ser realizado pela tia de Fabiana com sua sobrinha e que era constituído em duas partes.

- a) Chamar “ele” de “ela” na convivência familiar e estar atenta à reação de Fabiana.
- b) Tentar deixá-la à vontade para que Fabiana comece a se montar em casa e não primeiramente na rua.

Combinamos que nos encontraríamos em algumas semanas para saber se houveram avanços ou mudanças na relação familiar e nas atitudes de Fabiana e sua família. Com isso, consideramos que poderíamos produzir um novo roteiro de entrevistas que se afastasse do modelo confessional e se aproximasse do compartilhamento de histórias de vida entre o pesquisador e a pessoa pesquisada para obter um maior grau de intimidade e profundidade nas perguntas e respostas. Por isso, com Fabiana nós experimentamos um modelo de entrevista diferente, pensando no que já foi dito sobre a nossa preocupação em não aproximar a relação de entrevista ao ato da confissão, nós elaboramos um questionário<sup>10</sup> que funcionou como uma espécie de jogo. Eram várias perguntas que tinham a intenção de fazer com que o pesquisador e a colaborada de pesquisa se conhecessem e não apenas o pesquisador conhecesse a história de vida da colaboradora de pesquisa. Desse modo, tanto o pesquisador quanto a colaboradora de pesquisa respondiam as perguntas do questionário. Eram perguntas que começavam com questões mais simples do tipo: “*conte uma situação engraçada da sua vida*”, “*use aproximadamente quatro minutos para falar sobre sua história de*

---

<sup>10</sup> O questionário foi inspirado em um experimento do psicólogo norte-americano Arthur Aron sobre como criar intimidade entre duas pessoas em 1997. Disponível em [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/21/ciencia/1421860773\\_040293.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/21/ciencia/1421860773_040293.html) no dia 20/03/14 às 14h 30min.



vida”, “como você se vê? E como você acha que os outros te veem?”. Até chegar as perguntas mais densas, como por exemplo: “como é a sua relação com sua mãe?”, “qual é a sua lembrança mais dolorosa?”. Essas perguntas eram respondidas alternadamente tanto pelo pesquisador quanto pela colaboradora de pesquisa. Na primeira vez que aplicamos esse questionário e comparamos os resultados com os outros modelos de entrevista, percebemos o quão potente pode ser esse jeito de entrevistar. Nós conseguimos passear pela história de vida da colaboradora ao mesmo tempo em que ela também tinha todas as possibilidades para passear sobre a história de vida do pesquisador. Conseguimos estabelecer um grau de intimidade muito satisfatório, compartilhamos segredos, lembranças e conseguimos transitar e nos encontrar nos cenários que apresentamos um para o outro. Tendo em vista esse resultado, decidimos<sup>11</sup> fazer todas as entrevistas com as colaboradoras de pesquisa seguindo o mesmo modelo (onde os dois respondem e perguntam), mas não o mesmo questionário, ou seja, as perguntas mudam de colaboradora para colaboradora e é deixado um espaço para que a colaboradora pergunte o que quiser na hora que quiser para o pesquisador. Todas as colaboradoras aprovaram essa forma de entrevista.

Angel: Eu acho que ficou legal porque você me deu algo e eu lhe dei algo, apesar de nós sermos amigos porque nós somos, né? Você pegou eu aqui quando eu era a virgem, né? Hoje eu sou a putona (risos), mas, né? Você pegou toda uma transição, mas eu não conhecia coisas de você. Eu não sabia que seu pai tinha morrido. Eu acho que isso dá algo pra gente, sabe, Marcos? Porque as vezes quando eu faço entrevistas com as pessoas e eu parei de fazer, eu fiz porque eu gosto muito de você, mas eu parei de dar entrevista porque eu me sentia sugada, sabe? Tipo assim: “Nossa, você pergunta tudo da minha vida, mas eu não sei nem quem é você”. Sabe o que eu fazia? Eu ficava assim: “ah, mas quem é você? Me conta sobre você”. A pessoa vinha falar comigo e eu: “eu queria saber quem é você, me conte sobre sua vida. Você é hétero, você é bi, você é gay? Quem é você? Você estuda onde? Você tem namorada?”. Eu demorava quase uma hora perguntando sobre a pessoa porque a pessoa não se apresentava, ela se apresentava formalmente: “ah, sou fulano de tal, faculdade tal, que queria fazer um trabalho sobre tal” e eu achava isso assim, tão pouco pra mim porque eu ficava assim: “gente, eu ‘tô’ contando a minha vida”, eu contei a minha vida, Marcos, pra você, mas você me deu algo em troca que foi a sua vida também. Eu me senti mais vinculada, eu me senti com mais vontade de dizer a verdade. Eu acho que você me deu algo e o dar algo é bom pra gente, a gente não se sente sugada nem explorada. [...] Porque também a vida da gente é algo muito

---

<sup>11</sup> Esse questionário não excluiu as conversas informais e/ou as entrevistas gravadas sem o uso de um roteiro de perguntas definido, mas se somou às nossas técnicas de pesquisa.

precioso, né? Se eu ‘tô’ lhe dando um tesouro porque que você não pode dar um pouco do seu? ‘Tá’ entendendo? Eu dou um pouco da minha vivência, mas você também me dá um pouco da sua. Você me mostra que você é humano, que você é real, que você não vive atrás de uma lupa, mas que você é um ser humano e que você tem tantos sentimentos quanto eu ((Entrevista realizada no dia 29/06/2015).

Sheila: O nível das perguntas ficou melhor, assim, foi mais família, mais realidade, mais dia a dia. Eu gostei, eu gosto quando é assim, entendeu? O dia a dia, pra gente poder abrir a boca e dizer a realidade que a gente passa. Não ser só travesti, se fosse fazer essas mesmas perguntas pra um homem de verdade, uma mulher de verdade, eu acho que as respostas iriam ser assim... Porque é a realidade do ser humano, é essa (Entrevista realizada em 22/08/2015).

Desse modo, tentamos nos afastar do modelo confessional de entrevista e nos aproximar de uma troca de experiências, de lembranças, de desejos, de lutas entre o pesquisador e a colaboradora de pesquisa. Uma troca que dê condições para a colaboradora de pesquisa se torne pesquisadora e o pesquisador se coloque no lugar da colaboradora da pesquisa.

Porém, é preciso lembrar que elegemos um método para analisar o que é dito e o que não é dito nas entrevistas, o que cada enunciado remete e como podemos articular a teoria com o que nos foi narrado, consideramos o método da análise do discurso em Foucault (1996) adequado para essa tarefa. Trataremos de mapear as cenas enunciativas tentando desvelar as relações que há nelas. Segundo Rosa Maria Bueno Fischer (2001), para Foucault, analisar o discurso:

Trata-se de um esforço de interrogar a linguagem o que efetivamente foi dito sem a intencionalidade de procurar referentes ou de fazer interpretações reveladoras de verdades e sentidos reprimidos. Simplesmente, perguntar de que modo a linguagem é produzida e o que determina a existência daquele enunciado singular e limitado. Deixar-se ficar nos espaços brancos, sem interioridade nem promessa, como escreve Foucault. No caso do exemplo citado<sup>12</sup>, trata-se de mapear os ditos sobre a sexualidade jovem, nas diferentes cenas enunciativas, multiplicando as relações aí sugeridas. Ao invés de buscar explicações lineares de causa e efeito ou mesmo interpretações ideológicas simplistas, ambas reducionistas e harmonizadoras de uma realidade bem mais complexa, aceitar que a realidade se caracteriza antes de tudo por ser belicosa, atravessada por lutas em torno da

---

<sup>12</sup>“Assim, por exemplo, quando uma menina adolescente diz na televisão que só deixará de ser virgem quando encontrar a pessoa certa, sua frase, em tal cena enunciativa, está investida de muito mais do que supõe uma simples coisa dita: ela põe em jogo um conjunto de elementos, referentes às possibilidades de aparecimento e delimitação daquele discurso” (FISCHER, 2001, p. 204)

imposição de sentidos (Foucault, 1992). Multiplicar relações significa situar as coisas ditas em campos discursivos, extrair delas alguns enunciados e colocá-los em relação a outros, do mesmo campo ou de campos distintos. É operar sobre os documentos, desde seu interior, ordenando e identificando elementos, construindo unidades arquitetônicas, fazendo-os verdadeiros monumentos (FISCHER, 2001, p. 205).

Admitindo uma postura de intervenção no campo de pesquisa e na relação de entrevista, usaremos essas combinações de técnicas e o método de análise do discurso em Foucault (1996) para construir e realizar a nossa pesquisa. Pretendendo a partir desses passos, responder as nossas perguntas e problemas, articulando os conceitos e destacando o que é oferecido pelas nossas colaboradoras de pesquisa.

### 3. SOBRE AS FAMÍLIAS

Na monografia, nós trabalhamos com oito colaboradoras de pesquisa, sendo elas seis pessoas trans, uma mãe e um irmão de uma travesti. Dessas colaboradoras, nós continuamos na dissertação com duas pessoas trans, a mãe e o irmão de uma delas, e começamos a trabalhar com mais duas travestis jovens e uma tia que aceitaram participar da pesquisa nesse novo momento, além dos namorados de duas colaboradoras de pesquisa. Apresentaremos cada uma, expondo principalmente as diferenças que existem entre cada caso e problematizando os temas emergidos em seus relatos. Serão usados trechos das entrevistas relacionados com a teoria sociológica e as etnografias sobre a área, a fim de traçar e esclarecer como a heteronormatividade afeta as relações familiares das colaboradoras de pesquisa.

O primeiro caso a ser analisado será o de Angel, uma travesti de 25 anos, branca e estudante de psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A partir da sua narrativa foi possível trabalhar temas específicos como: a imposição do gênero na infância; a moral no ambiente familiar; o uso dos termos cis e trans e os argumentos usados pela colaboradora de pesquisa para tentar visibilizar e/ou invisibilizar a identidade travesti.

Fabiana – travesti, branca, 18 anos, ensino médio, recém-concluído, será o segundo caso a ser apresentado, além de ser exposto considerações acerca do seu relacionamento familiar, será problematizado a adoção pelo saber médico e por algumas colaboradoras de pesquisa da categoria classificatória disforia de gênero para diagnosticar as experiências trans.

O terceiro e último caso será o de Sheila, uma travesti negra com 30 anos de idade, onde será ponderado a tensão da família em relação à sua profissão de profissional do sexo e a existência de casos de evitação nos relacionamentos familiares.

# ANGEL

Angel: Nasci, pensaram que era menino, aí criaram como menino, aí aos 16, aos 18 anos percebi que era menina, fui me transformando pra menina, cabelo foi crescendo, fui me empoderando, aos 20 e poucos anos fui expulsa de casa, acho que aos 21 por aí. Nasceu Angel... Não é que nasceu, brotou a Angel, falou assim: “não, agora ‘tá’ chato esse casulo, essa roupagem, vai vir Angel”, veio Angel, conheci o Tirésias, conheci a Berenice Bento, Conheci a Janeusa<sup>13</sup>, a Universidade me acolheu, fui pra residência feminina, conheci o Felipe, meu namorado fofo, e fui me articulando, fui me empoderando, consegui um nome social, consegui ser a primeira trans da residência e agora consegui meus documentos legitimados pelo o Estado como mulher e estou aí na luta. Essa é a minha vida (Entrevista realizada no dia 29/06/2015).

---

<sup>13</sup> Pró-reitora de assuntos estudantis da Universidade Federal do Rio Grande do Norte na época em Angel ingressou na instituição no curso de Psicologia.

### 3.1. ANGEL

Angel é uma travesti de 25 anos, estudante de graduação de uma universidade pública no Rio Grande do Norte. É a colaboradora de pesquisa mais próxima do pesquisador, o contato é diário há mais de dois anos e por isso mantemos um com o outro um grau de intimidade e amizade superior em relação às outras colaboradoras de pesquisa. Conversamos desde amenidades do dia a dia até assuntos mais sérios. Angel mora na residência universitária feminina, junto com outras dezenas de garotas que assim como ela, estudam, se alimentam e moram na instituição. Após o ingresso de Angel na universidade e depois de reivindicações dos grupos de estudos e de apoio aos direitos humanos<sup>14</sup>, a instituição reconheceu e legalizou o uso do nome social em seus sistemas virtuais e em suas dependências. Angel tem um jeito muito espontâneo de ser e a primeira vez que o pesquisador e ela conversaram, Angel tinha sido recentemente aceita para ser bolsista do Núcleo Tirésias.

Já nessa primeira conversa, Angel falou sobre seu relacionamento familiar. Ela tinha sido vítima de agressão por parte da sua mãe que havia tentado com uma raquete atingir seu rosto e Angel para se proteger havia colocado o braço na frente e acabou tendo o antebraço machucado. Depois desse episódio, Angel saiu da casa dos pais e morou por um tempo com sua irmã e sua sobrinha até conseguir ser aceita na residência feminina da sua universidade. Atualmente, ela tem um namorado que mora no estado de São Paulo. Ela passou as últimas férias de fim e do meio do ano na casa dele junto com a família do namorado e relatou ter sido muito bem tratada sem nenhum caso de preconceito ou discriminação por parte dos pais e irmãos do namorado. O relacionamento familiar dela melhorou a mãe e as irmãs já a tratam com o pronome feminino e passaram até a chamá-la de Angel, porém, o pai e os irmãos homens ainda a chamam com o nome masculino e a tratam como “ele”. Os pais a ajudam financeiramente às vezes e ela os visita aproximadamente a cada três meses. A pesquisa está concentrada apenas na narrativa de vida de Angel, nós tínhamos a intenção de tentar nos aproximar da mãe de Angel para algumas conversas, mas não foi possível. Angel achou melhor não envolver a mãe na pesquisa e sugeriu que o namorado é que

---

<sup>14</sup> Por exemplo, o Núcleo Interdisciplinar Tirésias – Núcleo de estudos de gênero, diversidade sexual e direitos humanos que Angel é bolsista de apoio técnico.

fosse entrevistado, o que foi feito em entrevista via *Skype* e que será abordado no capítulo sobre os relacionamentos amorosos das pessoas trans.

Antes de partir para a análise das entrevistas é preciso fazer um aviso: Angel é bastante comunicativa, fala muito e quase tudo dito por ela foi significativo para a pesquisa. Por isso, algumas passagens da fala de Angel serão transcritas sem cortes, pelo fato de haver um alto grau de riqueza no conteúdo em sua fala, o que possibilitou uma análise muito instigante para a pesquisa. A análise das falas das colaboradoras de pesquisa obedecem uma sequência de abordagem. Primeiramente, será apresentado, de modo introdutório e geral, um pouco da história de vida da colaboradora de pesquisa. Em seguida, serão trazidos trechos sobre a relação familiar e por último será problematizado, também a partir das entrevistas, como a moral afeta a vida familiar dessas pessoas trans.

### **A imposição do gênero na infância**

Angel: O que mais me marcou na minha infância, eu acho, gente, eu acho que foi aquela questão de sempre se sentir uma garota, né? Desde seis anos, eu tinha uma noção de que eu era diferente, claro que eu não tinha toda uma teoria estruturada, mas era uma sensação assim, eu queria brincar sempre com as meninas e sentar com as meninas... Na aula de brinquedos que no ‘prézinho’ tinha, eu queria brincar com as bonecas, mas eu não tinha boneca, era muito engraçado, eu não podia levar uma boneca porque eu não tinha. Então, assim, o que mais me marcou foi essa dualidade, assim, de ter que viver com um gênero imposto, mas sempre se reconhecendo enquanto o outro gênero e era uma sensação assim, sabe? Meio desconfortante porque você querendo brincar e não podia e quando podia era uma festa, quando as meninas me aceitavam nos grupos, ‘aaai!’, eu tive amizades muitas maravilhosas. Acho também que outra coisa que marcou foi o preconceito, já sofria, já era chamada de ‘veadinho’, de ‘baitola’...

Pesquisador: Isso com quantos anos?

Angel: Sete anos, quando eu entrei na primeira série, não... Oito anos porque eu entrei atrasada. Quando eu entrei com oito anos na primeira série, eu já era aquela criança que queria as coisinhas rosas, só ficava com as meninas, era incrível, sentava dez meninas, ‘tava’ eu no meio e aí eu já sofria o preconceito ali, né? Inclusive, teve uma professora que uma vez, nunca esqueço, eu ‘tava’ andando assim (faz um gesto simulando que estava carregando um livro sobre o tórax), né? E ela falou: “não, menino não leva assim, menino leva assim debaixo do braço” e isso bem na primeira série, nunca contei pra minha mãe nem

pra ninguém isso, só assim, contei pra minhas amigas, mas eu não contei pra minha família naquela época e eu fiquei assim: “por que ela ‘tá’ fazendo isso?”, sabe? Pra você vê, a criança não tem acesso a essa coisa estruturada, a esse preconceito... Então, por que ela mandou usar daquele jeito? É tão legal usar assim, minhas amigas usam porque eu não posso usar, entende? Bem assim o pensamento (Entrevista realizada no dia 29/06/2015).

Bento (2011) assinala a existência na nossa sociedade de um terrorismo continuamente reproduzido pelas relações sociais. “*Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica*” (BENTO, 2011, p. 552). As práticas heteroterroristas marcam e produzem a subjetividade dos indivíduos.

Quando se age e se deseja reproduzir a/o mulher/homem “de verdade”, desejando que cada ato seja reconhecido como aquele que nos posiciona legitimamente na ordem de gênero, nem sempre o resultado corresponde aquilo definido e aceito socialmente como atos próprios a um/a homem/mulher. Se as ações não conseguem corresponder às expectativas estruturadas a partir de suposições, abre-se uma possibilidade para se desestabilizarem as normas de gênero, que geralmente utilizam da violência física e/ou simbólica para manter essas práticas às margens do considerado humanamente normal. O processo de naturalização das identidades e a patologização fazem parte desse processo de produção das margens, local habitado pelos seres abjetos (BENTO, 2011, p. 553).

Vemos na atitude da professora em fazer uma correção no comportamento de Angel para que a mesma siga as normas atribuídas aos papéis sociais de menina ou de menino, devendo seguir a imposição do gênero identificado no nascimento como uma prática heteroterrorista, mais parecida com uma vigília do gênero que tem como finalidade principal identificar, classificar e corrigir as condutas desviantes da heterossexualidade compulsória (RICH, 2010). A heterossexualidade compulsória coloca o modelo heterossexual como fundamento da sociedade e como pressuposto para que as diversas condutas humanas sejam classificadas, inseridas ou invisibilizadas nas instituições sociais e isso acontece pelo fato da heterossexualidade ser vista como algo natural, já dado no nascimento e que precisa ser preservado para que não se perca no desenvolvimento do indivíduo. Para o senso comum, não faz sentido perguntar: “você acha que já nasceu sendo heterossexual?”, mas como afirma Bento:



Os corpos já nascem operados. Como sugeriu Preciado, todos estamos já mais ou menos operados(as) por tecnologias sociais precisas. Todos somos pós-operados. Não existe corpo livre de investimentos discursivos, *in natura*. O corpo já nasce maculado pela cultura (BENTO, 2006. p. 89).

Essas operações de gênero realizadas no corpo por meio da cultura são visíveis através da percepção da influência da linguagem no desenvolvimento humano, inclusive nos heterossexuais. Cada corpo tem a sua maneira de falar, de gesticular, de andar e essas maneiras de ser de cada corpo são classificadas de acordo com um padrão binário de observação que obedecendo à ordem social heteronormativa rotula como normais apenas os indivíduos homens com pênis que gostam de mulheres e as mulheres com vagina que gostam de homens, excluindo assim, corpos, sujeitos e maneiras de viver e desejar que não se enquadram nesses padrões biologizantes e heterossexistas. A reprodução das normas de gênero heterossexuais através da educação familiar, escolar e/ou midiática funciona para a sustentação de uma grande máquina de produção de corpos que se encaixem no padrão heteronormativo de existência. Não são somente os gays, as lésbicas, as travestis e as pessoas trans que sofrem com a imposição da heteronormatividade na nossa sociedade, essa imposição é evidenciada e retomada constantemente na socialização das crianças, sejam elas crianças que se reconhecem com o gênero masculino, feminino, transgênero, etc. Como já citado anteriormente, Berger e Luckman (1987) assinalam que é na socialização primária – experimentada na infância – que o indivíduo torna-se membro da sociedade, pois é nessa etapa que a criança aprende não só a linguagem verbal e corporal do seu grupo social, mas como também tem acesso às regras sociais de convivência, tanto no espaço público quanto no privado, entendendo e formulando as primeiras impressões sobre o que é permitido ou proibido, certo ou errado.

Se pensarmos no modo como maioria das crianças são socializadas na nossa sociedade, não precisará ir muito longe no pensamento para perceber que se percebe como os enunciados heteroterroristas são tomados como práticas recorrentes na criação das crianças. De acordo com Bento (2011), os investimentos de gênero a partir do uso de enunciados heteroterroristas se iniciam quando o médico proclama ainda quando o bebê está na barriga da mãe: “o seu bebê é um menino!” ou “o seu bebê é uma menina!”, esse

anúncio do médico dá a base de sustentação para o início de uma série de práticas e investimentos discursivos por parte dos pais do bebê para a formação do gênero da criança de acordo com a ordem heterossexual, ou seja, se o médico identifica no exame de ultrassom que o bebê ainda na barriga da mãe possui um pênis e anuncia que é um menino, a família do bebê irá começar a comprar as roupas da criança que provavelmente serão de preferência da cor azul e nunca da cor rosa, comprarão também os brinquedos com o passar do tempo e que serão majoritariamente bolas de futebol, carrinhos de brinquedos, bonecos de super-heróis homens, guerreiros ou soldados.

Os familiares, professores e as pessoas mais próximas muito possivelmente também falarão durante a socialização primária da criança, por exemplo: “homem não chora!”, “esse menino quando crescer vai ser um garanhão, namorador!” ou como aconteceu com Angel, “menino não segura caderno desse jeito!”, e assim, irão inculcar na criança uma série de ideias que marcará a constituição de sua subjetividade. De modo parecido acontece quando o médico identifica uma vagina no bebê durante o exame de ultrassom e afirma: “é uma menina!”, a família também começa a investir na formação do gênero da criança coerente com aquilo que é atribuído aos papéis de homem e mulher na nossa sociedade, nesse sentido, a família vai se esforçar para que a filha assuma esse papel, dando-lhe de presente roupas rosa, brinquedos atribuídos como mais apropriados ao gênero feminino, como por exemplo, bonecas, casinhas, panelas de brinquedos e essa criança também será submetida aos efeitos do heteroterrorismo quando as pessoas que a cercam a reprimirem com declarações como: “feche essas pernas, menina não senta de perna aberta!”, “minha filha não vai namorar nem tão cedo!” ou “menina, você tem que ajudar sua mãe nos afazeres domésticos!” e também será constituída como membro da sociedade mantendo sempre relação com a separação binária dos papéis sociais de gênero.

### **A identidade virtual e real frente ao espelho**

Quando o gênero atribuído no nascimento não corresponde ao gênero que a pessoa se reconhece no decorrer da vida, ocorre um movimento de rejeição e de transição da sua própria identidade de gênero. Erving Goffman (1988) cunhou o

conceito de estigma para caracterizar as discrepâncias ocorridas entre a identidade virtual e a identidade real de um indivíduo. Para o autor, a identidade virtual corresponde às expectativas normativas que um indivíduo deve ter para ser caracterizado e reconhecido como membro coerente à ordem social. Já, a identidade real refere-se às características verdadeiramente encontradas nos indivíduos<sup>15</sup>. Quando são observadas diferenças entre essas duas identidades é que é formado o estigma. Porém, manteremos o olhar analítico por enquanto apenas nessa noção preliminar para se entender o conceito de estigma, ou seja, a discrepância entre a identidade virtual e a real, para problematizar a lembrança mais valiosa de Angel:

Angel: Eu acho que a minha lembrança mais valiosa foi quando eu me vesti de menina pela primeira vez, foi a mais valiosa da minha vida. Foi quando eu ‘tava’ num carnaval, faz uns quatro, cinco anos... Porque no carnaval todo mundo pode se vestir de mulher, né? Os homens podem, né? E eu lembro que eu botei um vestido que a minha sobrinha me deu e eu fiquei produzida, foi tão bom aquela sensação porque eu me olhava no espelho e eu me reconhecia, era uma sensação assim tão de paz e tranquilidade consigo mesma porque ali era aceitável, ali eu podia, ali eu não seria sancionada e eu lembro que as pessoas, assim... Às vezes eu cheguei e falei: “meu deus, o pessoal vestido, como as mulheres aguentam usar isso?” e as pessoas ficavam assim: “mas, você não é mulher, não?”. Era incrível o reconhecimento social e eu ‘tava’ nesse carnaval e eu me senti muito bem porque eu passei o dia... Eu lembro que eu não queria mais tirar a roupa, eu queria passar os quatro dias que eu ‘tava’ em Pirangi do Sul assim, querendo ficar assim, isso pra mim foi a coisa mais linda porque é uma libertação, né? Você poder ser quem você é. Eu me lembro a roupa. Um vestido floridinho com flores laranjas que amarrava na cintura, uma sandália com uma pedrinha bem aqui assim no meio, uma pedrinha dourada, um batom vermelho, um ‘cilhão’ que minha amiga fez, um cabelo pra trás, uma tiara e uma bolsinha e estavam me chamando de prostituta de luxo porque eu ‘tava’ muito bonita, né? Inclusive, eu participei do concurso que elegia a melhor *drag*... Não era *drag*, o melhor cara que estava vestido de mulher e aí não queriam me deixar, quando eu subi no palco, veio gente e falou assim: “não, mulher não pode participar”, e aí teve gente que ficou assim: “não, tire ela daí, mulher não pode participar” e foi muito interessante aquilo, foi muito gostoso, acho que foi assim, a lembrança mais gostosa da minha vida porque era eu, de verdade, eu tinha uma aceitação naquele dia (Entrevista realizada no dia 29/06/2015).

---

<sup>15</sup>Em seu estudo sobre os desviantes, Goffman não chegou a analisar especificamente as pessoas trans, mas podemos fazer uso de suas reflexões para ponderar como o estigma é formado em relação às travestis e transexuais e como a identidade social pode ser problematizada de um ponto de vista moral.

Evidentemente, é preciso esclarecer que quando Goffman enxergava que a diferença entre a identidade virtual e a real tinha um caráter negativo, essa diferença produzia um estigma. Para o autor, essa carga negativa poderia ser determinada por três tipos:

Podem-se mencionar três tipos de estigma nitidamente diferentes. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo<sup>16</sup>, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 1988, p. 07).

Entretanto, a discrepância entre a identidade virtual e a real percebida por Angel frente ao espelho inverte as polaridades das forças descritas por Goffman – quando pensamos em um sentido referente às pessoas trans – pois, enquanto no âmbito social essa diferença entre as identidades virtual e real é vista a partir de um olhar moral que estigmatiza os diferentes, mas que no caso de Angel, foi graças à percepção dessa diferença que ela pode reconhecer o seu gênero real frente ao espelho e se libertar da sua identidade virtual ou, seja, daquilo que era esperado para a sua vivência de gênero conforme a matriz heterossexual.

### **A relação com a mãe**

Quando Angel reconheceu que o gênero com o qual ela se reconhecia não era o mesmo atribuído no nascimento, surgiram os conflitos familiares devido a sua forma de estar no mundo. Algumas etnografias, como por exemplo, as de Hélio Silva (1993; 2007), Kulick (2008) e Andrade (2012) apresentam o momento que a família toma

---

<sup>16</sup> Goffman (1998) não apresenta nessa obra uma visão crítica sobre o conceito de homossexualismo. É importante ressaltar que o sufixo “ismo” refere-se à patologização das identidades das pessoas homossexuais e não é o conceito adotado nessa pesquisa. Consideramos mais apropriado a adoção do termo homossexualidade para falar sobre o desejo das pessoas que se reconhecem como homossexuais de maneira não patologizada.

conhecimento ou afronta a pessoa trans em relação a sua identidade de gênero como o momento mais tenso das histórias de vida dessas pessoas. Angel narra o momento da separação de sua família como a sua lembrança mais dolorosa e afirma:

Angel: Quando você é trans, travesti, a vida se torna dolorosa porque a transição é que mais machuca todas nós, mas o pior pra mim foi quando eu tive que sair de casa, porque eu fui aquela criancinha que... ai, eu me emociono quando eu falo, Marcos, porque ainda é uma coisa que eu não resolvi comigo mesmo e eu tenho muita mágoa da minha mãe, dos meus pais, porque (a voz embarga e ela fala chorando) eu sempre achava que ia sair de casa como meus irmãos, sabe? Que, tipo, eu ia sair de casa pra minha faculdade, “Mãe, arrumei um emprego como psicóloga e agora vou deixar a senhora, mas eu saí de casa expulsa, saí de casa com a cara roxa, com os braços com pontos e os dedos quebrados porque minha mãe tinha me batido de raquete e quebrado meus dedos com um cabo de vassoura (o choro aumenta) e eu nunca mais pude voltar, nunca mais, nunca mais! Porque hoje eles me aceitam, mas aceitam assim, fora de casa, não sei se você entende, é bom, é tipo assim...

Pesquisador: como visita?

Angel: É! Isso. Então... (ela pára de chorar) O que mais me doeu foi assim, sair de casa... Porque, tipo, eu era... Das minhas irmãs eu era a que... Tanto é que eu fui a que deu mais tarde, que perdeu a virgindade mais tarde, não engravidei, né? Como as minhas irmãs engravidaram cedo, minhas irmãs engravidaram cedo, as minhas irmãs fumavam na escola, usavam drogas. Assim, minhas irmãs não tinham notas boas... São seis irmãos, só três terminaram o ensino médio e eu sou a única numa faculdade federal em um curso altamente concorrido que é psicologia. Na época (que ela ingressou na universidade) era o segundo curso mais concorrido, eu passei e eu sou de escola estadual, entendeu? Então, assim, é muito doloroso ainda quando eu penso que eu saí da minha casa não porque eu quis, mas porque eu não era mais bem vinda, sabe? E isso dói porque eu sempre fui aquela menina tão quieta, eu sempre era a melhor da turma, tirava dez em tudo, sabe? Eu era líder da turma, eu era muito estudiosa, Marcos, muito estudiosa, sempre fui, até hoje eu sou muito estudiosa, eu tenho facilidade para aprender as coisas e essa foi a minha mágoa. Eu acho que até hoje, eu tenho mágoa com a minha mãe porque... Com meu pai também, porque assim, por que eu tive que sair de casa? Só porque eu era travesti? Sabe? Por quê? Eu não fumava, eu não me prostituía, eu não fazia nada e na época eu já ‘tava’ na Universidade Federal, né? Então, eu saí expulsa de casa, então eu acho que... Tanto que eu fiquei perdida no mundo, eu era aquela menina que não conhecia o mundo, então não sabia fazer nada, sabe? Aí tipo assim, eu sabia cozinhar, sabia passar, mas, tipo, eu não sabia viver no mundo e aí eu fui morar com pessoas estranhas que nem conhecia porque, tipo, ou era morar com essas pessoas ou era ficar na rua, sabe?

Pesquisador: E a expulsão se deu quando e como?

Angel: Foi assim, eu comecei a colar as roupas no corpo porque eu queria mostrar a cintura e quadril redondos e o cabelo já grande, eu já tinha deixado o cabelo crescer porque eu não aguentava mais aquele cabelo curtinho, né? Pra nós travestis o cabelo grande é uma arma de feminilidade, porque é um símbolo do feminino, eu gosto dessa expressão... Claro que tem homens com cabelo grande, né? Se a gente for pensar, quando pensa num cabelo grande geralmente se atribui a uma mulher, né? E aí... Eu... Eu tive que sair e foi aquilo, né? Você sair de casa desgarrada mesmo assim, tipo, você 'tava' indo direitinho e do nada você 'paff', é jogada assim e eu fiquei muito perdida e eu morei com pessoas que eu nem sabia quem eram, mas tipo, eram pessoas boas, mas imagine você sair da sua casa e ir morar com pessoas que você não conhece. [...] Então, foi assim, muito drástico. Então, até hoje eu ainda choro, sai lágrima porque eu queria ter saído como meus irmãos, meus irmãos estão lá, a minha irmã... Não é julgando, mas a minha irmã engravidou com 17 anos, não sabia nem que era o pai e minha mãe colocou o bebê dentro de casa e ela dentro de casa, por que não pôde fazer isso comigo também? Parece que uma filha cisgênera pode fazer tudo, tudo é permitido pra uma pessoa cisgênera, mas o fato de você ser trans já é proibitivo, você não pode ter em casa, entendeu? Você pode ter ela fora de casa. Seu filho pode fumar droga, matar alguém, mas você vai acolher ele dentro de casa, mas parece que quando você é travesti, não, isso é o inaceitável. Hoje não, hoje eu sou aceita, tanto é que meu pai vai me levar pra o aeroporto, tal, mas tudo doeu (Entrevista realizada no dia 29/06/2015).

Quando Angel assumiu uma identidade mais feminina dentro de casa, usando roupas mais justas e deixando o cabelo crescer, a sua família não aceitou e a expulsou de casa violentamente. Angel foi morar com uma amiga e a mãe dessa amiga por um tempo, mas relata que não gostava por não se sentir à vontade e também por a mãe dessa amiga ser muito desconfiada em relação a ela, não a deixando em momento algum que Angel permanecesse em casa sozinha, por exemplo. Depois, Angel passou um período morando com a irmã e a sobrinha até conseguir uma vaga na residência feminina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Porém, Angel narra que na relação com a mãe havia uma ambiguidade no que se refere a sua identidade, pois antes da transformação a mãe de Angel comprava adereços cor de rosa para ela, nas palavras de Angel era como se fosse uma aceitação ambígua.

Angel: Eu tinha muito ódio da minha mãe, ódio, eu odiava a minha mãe.

Pesquisador: Depois dessa discussão, né?

Angel: Isso. Depois disso, mas na verdade antes disso eu já tava com ódio da minha mãe porque assim antes de eu fazer a transformação, eu já tinha um jeito muito feminino, muito mesmo, todo mundo comentava: “ai, esse menino é afeminado, esse menino não é gay não, Dona Lourdes?” O nome da minha mãe é Lourdes. “Esse menino não é gay não? E não sei o quê, não sei o quê”, e então a minha mãe começou a me agredir, ela me agredia verbalmente, “esse viado não sei o quê”, apesar que de certa forma ela comprava lençol rosa pra mim, mosqueteiro rosa pra mim, era como se fosse uma aceitação ambígua, sabe? Odiava, mas em casa aceitava, mas quando saía de casa ficava com raiva, entendeu? E aí, eu tinha muito ódio porque minha mãe me agredia, me xingava, minha mãe não me entendia. Hoje eu entendo que ela não entendia, ela não sabia que a filha dela não era um menino porque ela criou um bebê, pra ela ter um pênis era um menino, ela não consegue entender esses deslocamentos que hoje a gente entende. Hoje ela até faz questão de tentar, “não, você é menina”, eu nunca esqueço, né? Que hoje quando eu fui falar assim... Ela ‘tava’ falando pra minha irmã sobre calcinha: “olhe, tem que passar o fundo da calcinha porque senão a vagina pega fungo”, aí olhou pra mim e falou: “olha, quando você tiver a sua, você também tem que fazer isso porque senão você vai pegar fungo na vagina”. Então, pra mim de certa forma foi uma aceitação que ela ‘tava’ dizendo e, tipo, eu nem comentei com ela que queria operar ou não, mas pra ela, ela acha que eu vou e ela já falou: “olha, eu aceito”. É, antigamente eu tinha ódio, hoje eu amo a minha mãe, amo da minha forma, tendo isso que eu te falei, ter saído de casa, acho que é algo que eu ainda queria conversar com ela, mas eu não tenho ódio, eu consigo entender que minha mãe não entendia, não sabia lidar com uma filha trans e hoje ela já me chama de Angel, já me trata por ela. [...] Nunca esqueci um dia que eu fiquei muito emocionada, perguntaram... A mulher, que maldade, Senhor. Eu senti a maldade na voz: “ai, Dona Lourdes, é a sua filha, é?”, aí minha mãe disse: “é! Faz psicologia na federal, você sabia? A única que faz faculdade lá de casa”, bem assim, deu uma cortada, a mulher: “ah, tá”, chega ficou sem graça e saiu, porque ela fez de propósito pra ver minha mãe falar: “é meu filho”, não, minha mãe falou: “é minha filha”. [...] Minha mãe não entendia, hoje ela faz um esforço, do jeito dela, que eu vejo que é do jeito dela e eu a amo. Hoje eu tenho assim, um carinho por ela, um cuidado, às vezes eu chego lá: “mãe, tá tudo bem? Não sei o quê”. Claro que eu queria poder voltar pra minha casa, as pessoas perguntam: “você queria voltar pra sua casa?”, eu queria, quem é que não quer ficar perto da sua própria família, sabe? Quem é que não quer, Marcos? Eu quero! Porque hoje minha família me tolera e me respeita, sabe? Até meu pai me vê como uma menina. Meu pai não consegue me chamar de menina, mas ele me dá o tratamento pra uma menina (Entrevista realizada no dia 29/06/2015).

O relato de Angel é carregado de moralidade, daquilo que para a família dela não poderia ser rompido e ela rompeu, ou seja, a identidade de gênero atribuída no nascimento não correspondia à identidade de gênero que Angel reconhecia em si e

quando a transição se iniciou o convívio familiar foi partido na mesma velocidade que foram rompidas as normas de gênero.

As normas de gênero definem que o homem/mulher de verdade tem pênis/vagina, deverão comportar-se ativamente/passivamente e será a heterossexualidade que dará sentido às diferenças anatômicas. Há uma amarração, uma costura, ditada pelas normas, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas à margem, pois são analisadas como identidades “transtornadas” (BENTO, 2005, p. s/n)<sup>17</sup>.

Na pesquisa anterior<sup>18</sup>, também foram colhidos casos parecidos, onde quando a pessoa trans se assumia dentro de casa tinha o convívio familiar cerceado, era expulsa de casa no primeiro momento, mas depois tinha os laços retomados, porém, sem a aceitação do retorno da pessoa trans ao ambiente familiar, como é o caso da travesti Luana (MARIANO, 2013) que aos quinze anos quando decidiu transformar seu corpo, saiu de casa da mãe e apenas a avó retomou o vínculo afetivo com ela., aceitando-a em casa como visita. Depois desse episódio, a mãe de Luana mantém contato por telefone, mas até hoje mesmo morando na mesma cidade, quinze anos depois (atualmente Luana está com trinta anos), a mãe viu a filha como travesti.

Nem Angel nem Luana foram expulsas de casa porque cometeram algum crime prescrito na lei ou porque foram violentas com seus pais ou porque desistiram de estudar. Elas foram expulsas de casa simplesmente por serem travestis, desobedientes de gênero. A heteronormatividade estigmatiza as pessoas que desobedecem as normas de gênero impostas pela nossa sociedade, produzindo e direcionando o xingamento, a vergonha e a violência às pessoas trans. Como diria o antropólogo Hélio Silva: “*travesti tem dupla pele: a de purpurina e a de humilhação. Em que ordem não se sabe. Ou talvez numa pele só tecida pelos dois ingredientes*” (SILVA, 1993, p. 41). Obviamente, Silva está referindo-se nessa passagem a performatividade de gênero expressa pela imagem da travesti e o estigma destinado a ela devido a sua conduta dita “desviante”

---

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=586&sid=43>> Acesso em: 18 dez. 2015.

<sup>18</sup> Relações familiares de travestis e transexuais em Natal-RN, de Marcos Mariano Viana da Silva. Monografia apresentada à coordenação do curso de bacharelado em Ciências Sociais da UFRN.



nos moldes como pensava Goffman (1988). Entretanto, podemos ponderar que essa afirmação de Hélio Silva oferece uma margem para o pensamento de que a travesti faz do uso do seu corpo, um segredo revelado. Enquanto, o indivíduo se reconhece como gay, o segredo da sua sexualidade desviante da norma heterossexual pode ser preservado, mas quando a pessoa transforma seu corpo e se assume como tal, a revelação cai como uma bomba, “*fulano virou mulher*”. Primeiramente, acontece a confusão no senso comum, na medicina e na religião do que é gênero e do que é sexualidade, e por causa dessa confusão as travestis são rotuladas como seres ininteligíveis, corpos estranhos, abjetos. Enfim, é de suma importância lembrar que não é só com a mãe da pessoa trans que a relação pessoal toma contornos tensos.

### **“Eu tinha que mostrar pra o meu pai”**

Angel: Meu pai, meu pai foi militar. Meu pai era daqueles que falava que se tivesse um filho gay matava. Meu pai até hoje não disse um A comigo. Sabe o que meu pai disse? Olha, eu nunca esqueci. Meu pai nunca tinha me visto de menina e aí eu fui lá, eu tenho que mostrar pra o meu pai que eu sou menina porque meu pai morava em São Paulo, veio pra cá e não tinha me visto de menina, eu tinha que mostrar pra o meu pai. Eu cheguei em casa assim, ó! Eu me tremia, eu ‘tava’ cagando nas calças. Meu pai deitado assim na rede, me viu entrar e eu pensava que meu pai já ia me dar o sermão. Meu pai pegou me olhou e fez assim: “oi, pelado!”, que é o meu apelido que ele me deu desde pequena porque eu não tinha cabelo na cabeça até os três anos. Então, ele só me chama assim e eu nunca me senti mal. Aí ele olhou pra mim e falou: “oi, pelado!” e cheirou minha cabeça e me abraçou e fez: “você tá bem?”, eu fiquei assim, gente, eu me tremendo e assim: “meu pai não vai me xingar? Não vai falar que sou a vergonha da família? Aí beleza, eu cheguei, sentei e fiquei sentada na sala com ele, aí ele começou a assistir o programa dele, aí minha mãe fazendo comida e meu pai assim: “vá ajudar a sua mãe”, aí depois falou assim do nada: “olhe, eu não tenho nada contra você, você quer vir com suas roupinhas desse jeito”, eu toda de menina maquiada, “você quer vir, venha, pode vir, aqui é a sua casa. Venha visitar a gente, se precisar de alguma coisa, fale comigo, eu sou seu pai, eu não vou lhe botar no inferno não, agora uma coisa eu não aceito”, bem assim, aí eu: “ai meu deus e agora?”, “eu só quero que você termine sua faculdade, se você não terminar sua faculdade eu vou ficar magoado”, sabe? Ele falou: “eu quero que você se forme porque uma Universidade Federal vai impulsionar sua vida” e isso meu pai não tem faculdade, ele não terminou o ensino médio, apesar de ser muito inteligente. Eu acho assim, meu pai não me agrediu nunca. Eu apanhei na infância, apanhei muitas poucas vezes. Às vezes meu pai falava pra minha mãe: “deixa, Lourdes! Deixa ele, é o jeito dele!”, porque eu sempre fui aquela

criança delicada e meu pai ele não tinha problema, era muito engraçado. Meu pai colocava meus irmãos pra trabalhar no pesado e eu meu pai botava pra ficar com minha mãe, na loja, meu pai botava eu pra atender telefone, olha a diferença, era muito engraçado, meus irmãos tinham que fazer os trabalhos manuais, tal e eu ficava sentada na mesa assim, no escritório, sentada lá e anotando telefone, anotando recado e era muito incrível. Então assim, meu pai sempre me tratou muito bem, né? E hoje ele me respeita, ele não consegue me chamar pelo feminino, mas ele... É engraçado, lá em casa antes quando eu chegava eu tinha que limpar o quintal, essas coisas com meus irmãos, hoje não, hoje se eu chegar lá, “vá ajudar sua mãe! Ah, tem essa roupa pra passar, passa pra mim”, se a gente for pegar são atribuições impostas às mulheres na sociedade, “ah, vá ajudar sua mãe na cozinhar”, entendeu? Então, tipo assim, “vá ajudar a sua mãe a limpar a casa”, não é mais, “ah, vamos pegar peso comigo”, né? Você vê que são atribuições femininas, inclusive, me proibiu de andar sem camisa dentro de casa... Porque mulher tem seios e pra sociedade machista, a gente não pode mostrar os seios. Então, você vê que é um reconhecimento feminino apesar do pronome masculino (Entrevista realizada no dia 29/06/2015).

Esse trecho da narrativa de Angel nos faz pensar sobre como o machismo é incorporado na subjetividade das trans para servir de atributo de reconhecimento social. A divisão sexual do trabalho narrada por Angel como uma forma de dar reconhecimento a sua identidade de gênero alocando-a em funções atribuídas aos papéis sociais das mulheres foi uma porteira desvelada pelo movimento feminista do século XX como algo a ser ultrapassado. Como alguém pode reclamar para si a identidade de gênero feminina retornando aos argumentos impostos pelo senso comum machista de que para ser mulher é preciso ser reconhecida como alguém que deve fazer coisas atribuídas às mulheres, como lavar a louça, arrumar a casa ou ser secretária? Guardaremos essa provocação para mais tarde quando discutiremos o ato de “aquendar” e “desaquendar” identidades. Por enquanto, continuaremos a atravessar as relações familiares de Angel.

### **A relação com os irmãos e irmãs**

A família de Angel é composta por o pai, a mãe, três irmãos homens, duas irmãs mulheres, além de Angel. Também houveram conflitos quando Angel começou a transformar o corpo e se assumiu trans com os irmãos.

Angel: Eu não gosto dos meus irmãos, sou muito sincera. Eu não gosto dos meus irmãos homens, né? Gênero homem, porque eu não gosto nem de usar gênero feminino e masculino porque eu acredito que há mulheres masculinas e há homens femininos. Eu gosto de usar gênero como homem e mulher, enfim... Meus irmãos eu não gosto porque assim, meus irmãos são falsos moralistas, um é evangélico e assim, tipo, traiu a esposa, fez um monte de coisa e quer dá uma de: “Ah, mas isso é pecado”, aí olhei pra ele falei: “eu acho que pecado é a gente fazer mal às outras pessoas como você fez a sua esposa que nunca lhe fez nada, que era mãe dos seus filhos, dona de casa, extremamente voltada pra ele e ele transou com sei quantas mulheres e assim passou chifre, fez um mal muito mal a ela, abandonou as filhas”. Eu falei: “feio é isso”, porque assim, a minha transformação não faz mal a ninguém, às vezes faz mal só a mim, pelo preconceito que eu sofro, mas qual é o mal que eu te faço? E meu outro irmão, eu não gosto muito dele porque assim, ele quer ser um machão, tal... Que eu tenho um irmão dois anos mais novo que eu e é engraçado que eu já sei que ele já ficou com gay, já teve relações homoeróticas, né? E ele pousa de machão e tal, não sei... Pra mim um homem que fica com outro homem isso não faz ele gay porque uma homoafetividade é muito mais do que uma relação sexual, mas ele teve um contato com outro homem e assim... Com os amigos dele, minha mãe já chegou a brigar com os amigos dele porque eles ‘tavam’ rindo e ele não falou nada. Passei e os amigos dele soltando piada, inclusive, um me chamando de gostosa, um que sempre quis ficar comigo, um nojento, ‘véio’! Tenho nojo dele! E assim, minha mãe já chegou a brigar e ele simplesmente nem aí, sabe? Tipo, ao invés de me defender, inclusive, minha mãe falou: “olha, é seu sangue! Não importa o que ela seja é seu sangue! Ela podia ser até marginal, mas ela ia ser seu sangue, tem que defender, é família!”. [...] Já, minhas irmãs eu amo, que as minhas irmãs sempre me trataram assim, bem, sempre fui muito aceita pelas minhas irmãs, a mais velha, ela falava, quando eu me transformei, ela falava: “já sabia! Você brincava com as minhas barbies, vestia as minhas roupas. Já sabia!”, ela fazia chuquinha em mim assim, sabe? Ela falava: “Eu já sabia!”, tanto que ela foi umas pessoas que falou assim: “mãe, deixa ela! É o jeito dela!”. Ela falou assim: “Eu não queria que você fosse assim, mas se você é assim eu vou lhe perturbar, deixa você ser assim, viva a sua vida!”, sabe? Eu sei que ela não queria, nem meu pai, nem ninguém, mas se eu sou assim, vai fazer o quê? Vai me matar? Não! Me deixa viver, me deixa gerir a minha vida porque afinal a vida é minha. Mas assim, minhas irmãs, super de boa, a minha outra irmã mais nova, ela quer que eu seja a madrinha e é a madrinha, ela falou: “ah, é a madrinha do Mateus!”. Então, você vê que minhas irmãs são de boa (Entrevista realizada no dia 29/06/2015).

Tivemos a intenção de apresentar o que Angel relatou sobre o relacionamento com os seus familiares, mãe, pai, irmãos e irmãs para expor e adiantar uma conclusão da nossa pesquisa: a transgressão da heteronormatividade, por mínima que seja, afeta as

relações mais primárias e íntimas do ser humano que é a vivência familiar. Nesse sentido é muito relevante lembrar as palavras de Pelúcio – se possível fosse quase se apropriar de sua fala – para afirmar:

A partir das etnografias de Hélio Silva (1993), Don Kulick (1998), Marcelo Oliveira (1997) e Marcos Benedetti (2005) recolho relatos convergentes com meus dados de campo. Quando as travestis “se assumem”, o espaço doméstico da família, via de regra, se torna insustentável. Perde seu caráter de acolhimento e proteção, passa a ser ameaçador. São lugares comuns as histórias de irmãos mais velhos que hostilizam e agridem fisicamente as travestis, ainda “viadinhos”; o pai que joga na rua o filho e seus pertences; a mãe que chora desolada perguntando onde teria errado, vigiando os passos do filho, procurando protegê-lo das pancadas do pai e dos risos dos vizinhos e, por vezes, ela mesma usando da força física para “corrigir” o que considera seu erro (PELÚCIO, 2009, p. 70).

O que obriga o pai, a mãe ou os irmãos a serem violentos com uma pessoa que se assume travesti dentro de casa? Não vemos outra resposta possível a esse questionamento a não ser a heteronormatividade, a moral heterossexual que faz com que os pais se sintam fracassados e envergonhados por terem feitos investimentos de gênero nos seus filhos e não terem obtido o resultado esperado. Daí vem, por exemplo, as declarações dos pais: “onde foi que eu errei?” ou as manifestações dos irmãos ao dizer que a irmã travesti é “a vergonha da família”. A heteronormatividade é um sistema de investimentos – baseado nas normas de gênero heterossexuais – que quando não são colhidos os frutos aguardados, são aplicadas punições a quem não correspondeu com o que se esperava pela ordem social heterossexista, afinando assim essa noção de investimento e punição da heteronormatividade ao que Peter Berger (1997) teoriza sobre a relação sociedade e indivíduo, ou seja, quando o indivíduo não corresponde às expectativas sociais que são por sua vez, constituídas pela moral, costumes e convenções sociais, esse mesmo indivíduo torna-se subordinado a estranhamentos, punições e rejeições da sociedade.

Com isso, finalizamos a apresentação inicial da vivência familiar de Angel e partimos para a segunda etapa do nosso trabalho que corresponde em analisar ainda a partir dos relatos das entrevistas com Angel, temas específicos como o uso dos termos cis e trans, a moral e a noção de “aquendar” e “desaquendar” identidades.

## Os usos e abusos dos termos Cis e Trans

Consideramos necessário falar do uso dos termos cis e trans porque – além de ser um tema atual dentro do ativismo trans – foi uma reivindicação trazida à dissertação pelas próprias colaboradoras da pesquisa<sup>19</sup>. O mais longe que conseguimos encontrar sobre a origem do termo cis foi que o termo pode ser atribuído a Carl Buijs<sup>20</sup>, ativista homem trans holandês, ainda na metade da década de 1990. O termo cis ganhou visibilidade no movimento trans e começou a ser usado no Brasil pelas ativistas, pessoas trans e acadêmicos que simpatizaram com o termo. Angel em uma das entrevistas, interpelou o pesquisador para saber qual era a sua posição sobre o uso do termo cis e antes da resposta ser dada, ela já esclareceu sua opinião afirmando:

Angel: Por que que você cisgênero pode me catalogar como trans, dizer que a minha vivência é trans e eu não posso dizer que a sua vivência é cis? [...] Porque quando a gente coloca só o termo trans parece que só a experiência trans é transgressora, como se existisse um normal e um patológico, será que existe? O normal e o patológico? Por que eu não posso catalogar todas as experiências? É igual à sexualidade, tem várias experiências no espectro da sexualidade. Eu não gosto dessa coisa de trans e não trans, é muito complicado. [...] O termo cisgênero é usado pelo movimento, inclusive, como resistência epistêmica (Entrevista realizada em 26/11/2015).

Durante uma comunicação no II Seminário Internacional Desfazendo Gênero (Salvador, Bahia, 2015), Berenice Bento usou o termo pessoas trans e pessoas não trans para apresentar os sujeitos envolvidos no conceito exposto por ela naquela ocasião, o transfeminicídio. Nessa mesma ocasião, durante o debate, foi perguntado a Bento o motivo pelo qual ela não adota o termo cis em seus trabalhos. A professora respondeu que ainda não tinha opinião formada sobre o assunto e que não se sentia segura com nenhum termo “guarda chuva”, por isso preferia utilizar o termo mulheres trans e mulheres não trans, desconstruindo assim a lógica do normal e patológico colocando a

---

<sup>19</sup> Angel e Fabiana (duas colaboradoras de pesquisa) fazem uso do termo cis em suas falas.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://sjwiki.org/wiki/Cisgender>> acesso em: 30 nov. 2015.

pessoa trans como referência principal. Consideramos o argumento de Bento pertinente e coerente com a proposta de visibilizar as pessoas trans.

A palavra cis é oriunda do latim e significa do mesmo lado (RODRIGUES, 2014). Já, o conceito de cisgênero não há uma definição consensual, de acordo com Leandro Colling (2015):

O conceito de cisgênero varia a depender de quem o utiliza. Em texto postado no blog *Transfeminismo*, Bia Pagliarini Bagagli conceitua cisgênero da seguinte forma: “[...] uma explicação simples é que se você se identifica com o gênero que lhe foi designado em seu nascimento, você é cis (BAGAGLI, 2014). Halley Kaas, outra importante ativista transfeminista brasileira, diz: “O alinhamento cis envolve um sentimento interno de congruência entre seu corpo (morfologia) e seu gênero, dentro de uma lógica onde o conjunto de performances é percebido como coerente. Em suma, é a pessoa que foi designada ‘homem’ ou ‘mulher’, se sente bem com isso e é percebida e tratada socialmente (medicamente, juridicamente, politicamente) como tal (KAAS, 2002)” (COLLING, 2015, p. 58).

Essas definições combinam com o pensamento de Jaqueline Gomes de Jesus (2012) que defende que o termo cisgênero corresponde a um “*conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento*” (JESUS, 2012, p. 14). Entretanto, precisamos complexificar um pouco mais a noção de cisgênero apresentada por essas pensadoras e ativistas pelo fato dessas definições evidenciarem uma possível contradição conceitual e teórica com as lutas do movimento feminista, as reivindicações do próprio movimento trans e os ativismos *queer*. Vejamos, se tomamos por referência que a noção de cisgênero equivale a identificação e congruência com o gênero que foi designado no nascimento, isso parece sugerir uma postura passiva diante dos padrões impostos pelas normas de gênero ou como diria Butler uma paz com o gênero designado ao nascer.

Olha, cisgênero é um conceito importante porque ele descreve um grupo de pessoas que estão em paz com o gênero que lhes foi designado ao nascer. Eu fui designada menina, eu me tornei uma menina, eu gosto de ser menina, eu sou uma menina. Bem, essa é uma possibilidade. A razão da importância de cisgênero é que ele não diz que isso é normal... Ele não diz que isso é normal, diz que essa é uma possibilidade de viver um gênero, certo? Você pode viver o seu gênero, você pode viver no seu corpo com o gênero que lhe foi

designado e você pode estar em paz com isso. E você pode se apresentar assim ao mundo e estar de acordo com isso. E tudo bem. Isso é ótimo. Mas é apenas uma possibilidade entre outras. Isso não deve ser a norma, não deve ser o que todo mundo gostaria de ser. Não é o normal. É apenas uma possibilidade entre outras. A única preocupação que eu tenho em relação ao conceito de cisgênero é que às vezes quando eu vejo as pessoas falarem sobre isso, elas reproduzem esse binário: “Ou você é cis ou você é trans”, não! Existe toda uma variedade no meio disso. Você pode ser gênero *queer*. O gênero *queer* é muito importante para as pessoas que não estão de acordo com o gênero que lhes foi designado ou que é confundida com homem, por exemplo, se você é uma mulher que é confundida com um homem ou é tratada como um monstro por ninguém saber o que você é. Eles não gostam de não saber o que você é, você pode sofrer discriminação por causa disso. E, para as pessoas *queers*, elas não são cisgêneras nem transgêneras. Então, vamos lembrar que existe todo um complexo contínuo e que toda vez que virmos esse binário aparecendo de novo é preciso lembrar do gênero *queer* (BUTLER, 2015<sup>21</sup>).

Porém, com essas palavras, Butler parece se esquecer da noção de gênero defendida por ela própria que entende o gênero como algo performativo, e portanto, construído socialmente (BUTLER, 2003). Nesse sentido, como a autora pode defender um termo que sugere na sua evocação um retorno ao essencialismo biológico corpo-gênero? Ao afirmar que cisgênero corresponde a estar em paz com o gênero atribuído no nascimento é quase como afirmar que a luta das feministas lésbicas e negras não trans, por exemplo, não valeram nada para combater os padrões de gênero impostos ao feminino. De acordo com essas definições de cisgênero, mulheres negras e lésbicas são cis, ou seja, estão em paz com o gênero que lhes imposto no nascimento. Como assim em paz? Como afirmar que as mulheres feministas, lésbicas ou negras não trans estão em paz com o seu gênero se as suas lutas são para confrontar as normas de gênero impostas ao feminino? Lutas contra, por exemplo, a submissão ao machismo e a heterossexualidade compulsória.

O conceito de gênero anunciado por Butler (2003) não está alinhado com a argumentação mais antiga encontrada por Leila Dumaresq (2014) para definir a noção de cisgênero. Segundo a autora:

---

<sup>21</sup>Comunicação de Judith Butler realizada durante o I Seminário Queer: Cultura e subversões da identidade em Setembro de 2015 no Brasil (São Paulo – SP, 2015). Vídeo Disponível em: <<https://www.facebook.com/video.php?v=810479832382580&set=vb.100002617117676&type=2&theater>> traduzido por Rogério Teodoro. Acesso em: 15 out. 2015.

A definição mais antiga de 'cisgênero' que encontrei é esta: “Uma vez que definimos gênero como “as características comportamentais, culturais ou psicológicas associadas à um sexo, cisgênero literalmente significa: estar do mesmo lado das características comportamentais, culturais ou psicológicas associadas à um sexo. Simplificando, significa que a identidade e apresentação de alguém é compatível com sua morfologia física” (DUMARESQ, 2014)<sup>22</sup>.

Os esforços dos estudos *queer* dos últimos vinte e cinco anos foram justamente para desassociar a tríade identidade de gênero-sexualidade-sexo. Os significados dos padrões impostos para o gênero, a sexualidade e o sexo são vistos por Butler (2003) como resultados de construções sociais. Portanto, afirmar que cisgênero significa estar do mesmo lado das características comportamentais, culturais ou psicológicas associadas à um sexo, parece indicar que o gênero não é produto de investimentos e construções sociais, da forma como nós nos reconhecemos no mundo e como fazemos a nossa própria imagem. Afirmer que existe uma identidade de gênero compatível com a morfologia física é um retorno ao determinismo biológico. Talvez por isso, Dumaresq (2014) chama a atenção em seu texto para o fato da incorporação de termos biomédicos na citação acima e aponta outros entendimentos do conceito de cisgênero, como por exemplo, as ponderações feitas por Julia Serano:

Como alguém que foi designada masculina ao nascer, mas que vive e identifica-se como feminina, eu devo ser descrita como uma mulher transexual, mulher transgênera ou mulher trans. Aquelas mulheres que (diferentes de mim) foram designadas femininas ao nascer, devem ser descritas como mulheres cissexuais, mulheres cisgêneras ou mulheres cis (SERANO *apud* DUMARESQ, 2014).

Dumaresq (2014) continua apontando os amadurecimentos da noção de cisgênero nas considerações de Viviane Vergueiro:

Cisgêneridade eu entendo como um conceito analítico que eu posso utilizar assim como se usa heterossexualidade para as orientações

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/o-cisgenero-existe/>> Acesso em 11 jan. 2015.



sexuais, ou como branquitude para questões raciais. Penso a cisgêneridade como um posicionamento, uma perspectiva subjetiva que é tida como natural, como essencial, como padrão. A nomeação desse padrão, desses gêneros vistos como naturais, cisgênero, pode significar uma virada descolonial no pensamento sobre identidades de gênero, ou seja, nomear cisgêneridade ou nomear homens-cis, mulheres-cis em oposição a outros termos usados anteriormente como mulher biológica, homem de verdade, homem normal, homem nascido homem, mulher nascida mulher, etc. Ou seja, esse uso do termo cisgêneridade, cis, pode permitir que a gente olhe de outra forma, que a gente desloque essa posição naturalizada da sua hierarquia superiorizada, hierarquia posta nesse patamar superior em relação com as identidades Trans, por exemplo (VERGUEIRO *apud* DUMARESQ, 2014).

Vergueiro, Butler (2015) e Angel assinalam algo legítimo e necessário que é a tentativa de elaborar por meio do uso de novos termos o fim da hierarquização dos gêneros tendo como referencial o normal e o patológico. No entanto, Butler (2003) já havia defendido que não existe a figura da mulher de verdade e que gênero é algo a ser feito e não determinado de maneira estática no nascimento. O que existe são investimentos de gênero – que pertencem à ordem do social – impostos às pessoas que nascem com pênis, vaginas ou genitálias indefinidas, como é o caso das pessoas intersexuais. Identidade de gênero, segundo os estudos *queer*, não tem a ver com a genitália e sim com os papéis sociais colocados como obrigatórios ou recomendados a aquilo que se atribuí – também socialmente – ao masculino e ao feminino. Portanto, não consideramos a noção de cisgênero – como está citada neste trabalho – a mais coerente para ser adotada dentro dos estudos *queer*, porém, acreditamos que as reflexões sobre esse termo estão sendo produzidas a todo vapor pelo o ativismo e pela a Academia, tornando assim possível um melhor esclarecimento do uso do conceito no futuro. Mesmo assim, será visto o termo cis nessa pesquisa nas transcrições das entrevistas das nossas colaboradoras, pois jamais tivemos a intenção de excluir ou censurar as suas falas, mas, cabe ressaltar, que temos o direito enquanto pesquisador de problematizar o que é visto, ouvido e vivenciado em campo.

Por fim, entendemos que a classificação entre cis e trans pode potencialmente elaborar um deslocamento no pensamento em duas vertentes. A primeira foi apontada por Butler (2015), o risco de cair na binariedade e dividir o mundo em apenas essas duas categorias identitárias cis *versus* trans. O uso do *versus* é a justificativa da segunda vertente, pois parece que existe uma espécie de movimento de desqualificação por parte

das pessoas trans do trabalho realizado pelas pessoas cis usando como argumento principal um discurso de legitimidade da experiência vivida. Colling (2015) relata um caso acontecido com ele quando estava fazendo sua pesquisa na Argentina sobre o movimento trans e o ativismo *queer* local que serve para introduzirmos essa questão.

Meu propósito também era, desde o princípio da pesquisa, entrevistar o ativista Mauro Cabral. Enviei uma mensagem para ele, via facebook, informando sobre minha pesquisa e meu interesse em entrevistá-lo em Buenos Aires. A resposta foi a seguinte: “Olá, Leandro, muito prazer. Obrigado pelo convite, mas eu não participo de iniciativas acadêmicas deste tipo a menos que sejam produzidas por pessoas trans. É meu modo de protestar pela objetificação acadêmica de nosso trabalho, e pela ausência de pessoas trans realizando investigações. Obrigado por tua compreensão. Saudações, Mauro”. Eu apenas respondi: “ok, obrigado” (COLLING, 2015, p. 56).

Na nossa pesquisa também ocorreu caso parecido. Angel relatou em uma de nossas conversas que participaria da pesquisa por causa da amizade e do apreço que tem com o pesquisador, mas que não considerava mais relevante o que era escrito sobre as travestis ou transexuais por estudiosos que fossem pessoas cis, brancas e heterossexuais. Quando, durante a entrevista, o pesquisador a questionou sobre a importância dos trabalhos acadêmicos feitos por pessoas não trans, como por exemplo, Bento (2006), Kulick (2008) e Pelúcio (2007), que se esforçaram em visibilizar as pessoas trans dentro dos estudos de gênero, Angel respondeu:

Angel: Eu reconheço que foi preciso você falar para eu chegar aonde eu cheguei. Então eu não vou invisibilizar a sua fala, mas que a minha fala também venha à tona porque agora eu também posso falar. [...] Porque Marcos, sabe o que me dói, você ‘tá’ aqui na Academia, eu ‘tô’ na Academia, mas 90% das trans estão aonde? Você ‘tá’ entendendo? Se esse discurso ficar só aqui, não sair daqui, se só pessoas que já têm benefícios e privilégios falarem não adianta, não transforma a realidade. É esse o meu medo. O que adianta quando você ‘tá’ me vendo aqui e quando você passa na Roberto Freire<sup>23</sup> as meninas estão lá? É só isso, mas eu não ‘tô’ dizendo que você ‘tá’ roubando minha fala nem nada, ao contrário. E eu aprendi muito com

---

<sup>23</sup> Avenida famosa no bairro de Ponta Negra em Natal-RN por ter alguns pontos de prostituição de pessoas trans.

you also in these years, very much (Interview conducted on 26/11/2015).

What is evidenced in the response of Angel is that now trans people are assuming positions of power in the Academy and seek to speak for themselves and not be further explored<sup>24</sup> by academics and university staff without any response to change the reality that transvestites and transsexuals in a socially more vulnerable situation are inserted. However, it is important to remember that one cannot only hold the Academy responsible for actions that should be demanded by the competent organs of the public administration to solve social issues of a determined group, despite the fact that it is quite clear the effort of the Academy in developing concepts and arguments that find resonance in the elaboration of public policies, as is the case, for example, of academic discussions and the trans movement with respect to the implementation of social name, access to gender reassignment surgery without a pathologizing procedure by the medical profession and the efforts to criminalize homophobia, lesbophobia and transphobia. For this, we consider the words of Colling (2015) when he completes that:

Positions like Cabral's can also produce a "half-turn" to a certain type of strategic essentialism (which does not seem strategic, but essentialist pure and simple) that we thought was already sufficiently problematized in our studies, especially in relation to the more current and to activism post-reflections originating from the studies on *queer*. In the name of the affirmative identity of trans people, which necessitates, it is obvious, from these affirmations, of more recognition and legitimacy, the people who are not trans (named cisgender) have passed to have their work automatically questioned or considered as objectifiers/exotifiers simply because they would be cisgender people talking about the trans universe<sup>25</sup>. Thus, the power of the concept of cisgender, which names the people who identify themselves with the gender assigned at the moment of their birth,

---

<sup>24</sup>Cris Stefanny, president of the Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil – ANTRA, during the Week of Debates on National Policy of Integral Health of the LGBT Population, at IFRR Cidade Alta – Natal/RN, gave a speech exalting and affirming that she no longer gave interviews to researchers/cis people for not wanting to serve as a laboratory rat to the University and that academic research does not return effective to the trans movement.

<sup>25</sup> However, in this passage it is necessary to mark our point of view: the term "trans universe" is not used in this research for considering that the enunciation can give the understanding that trans people live in a parallel reality, despite the expression still being used by some people, including, by Sheila (one of the research collaborators) who we did not adopt in the writing of the text, as Angel and Fabiana reported in informal conversations that they did not agree with its application.

se transforma na retomada, ao pior estilo do essencialismo, de uma dicotomia entre pessoas trans *versus* pessoas cis (COLLING, 2015, p. 59).

Angel na sua fala pergunta ao pesquisador: “*Por que que você cisgênero pode me catalogar como trans, dizer que a minha vivência é trans e eu não posso dizer que a sua vivência é cis?*”. Porém, os estudos em sociologia e antropologia brasileira dos últimos vinte anos, como pode ser visto em Silva (1993; 2007), Benedetti (2005), Bento (2006), Kulick (2008), Pelúcio (2009), Teixeira (2009), Damásio (2009) e Andrade (2012), identificam as suas colaboradoras de pesquisa seguindo um padrão ético de considerar o autoreconhecimento dessas pessoas, ou seja, se a colaboradora de pesquisa afirma que se reconhece como travesti, transexual ou trans isso será levado em conta e transparecido na escrita do texto, compreendendo assim uma prática de não falar por, mas falar com as colaboradoras de pesquisa (PELÚCIO, 2015)<sup>26</sup>. No nosso entendimento, ao longo da história, os termos que foram cunhados e usados por pessoas não trans para catalogar, classificar e/ou diagnosticar arbitrariamente a existência das pessoas trans foram: homossexualismo, transexualismo, transtorno de identidade de gênero e disforia de gênero<sup>27</sup>.

O termo trans é usado pelo movimento social há anos como estratégia e forma, principalmente, de identidade política para o reconhecimento social das pessoas que se identificam como travestis, transexuais e/ou transgêneros<sup>28</sup>. Quando o pesquisador conheceu Angel, a mesma afirmava que se identificava como transexual e que queria ser reconhecida como mulher. Durante o decorrer da pesquisa, Angel começou a afirmar

---

<sup>26</sup> Conferência: “Contra-hegemonias – os estudos queer entre os saberes insurgentes”, realizada durante o I Seminário Queer em São Paulo, 2015.

<sup>27</sup> Termos cunhados por médicos e que existiram/existem ainda como categorias patologizantes no Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM), organizado e publicado pela Associação de Psiquiatria Norte-Americana (APA).

<sup>28</sup> O blog *Transfeminismo* usa o termo trans\* com asterisco para assinalar que: “O termo trans pode ser a abreviação de várias palavras que expressam diferentes identidades, como transexual ou transgênero, ou até mesmo travesti. Por isso, para evitar classificações que correm o risco de serem excludentes o asterisco é adicionado ao final da palavra transformando o termo trans em um termo guarda-chuva [umbrella term] – um termo englobador que estaria incluindo qualquer identidade trans “embaixo do guarda-chuva”. Daí a ideia do guarda-chuva. Além disso, o termo também pode incluir pessoas trans\* que se identificam dentro e/ou fora do sistema normativo binário de gênero, ou seja, da ideia normativa que temos de “masculino” e “feminino” que forma um binário”. Disponível em: <<http://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/>> Acesso em: 11 de jan. 2016. Porém, a Articulação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA), faz uso do termo trans, na maioria das vezes, sem asterisco, como é possível ver nos cartazes dos encontros e conferências municipais, estaduais, regionais e nacionais organizados e/ou apoiados por ela. Disponível em: <<https://www.facebook.com/antrabrazil/?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: 11 de jan. 2016.

que preferia ser reconhecida como travesti, pois se convenceu que a categoria transexual pode ser entendida como uma tentativa de higienização do termo travesti, porém as vezes ela aciona o termo trans e o termo travesti para se autoidentificar, por isso adotamos tanto a categoria trans como o termo travesti para referenciar às nossas colaboradoras de pesquisa<sup>29</sup>.

Contudo, estamos cientes que há um intenso debate no ativismo político e na academia brasileira em torno da nomeação identitária. Ao optarmos pela utilização do termo trans estamos, principalmente, reforçando a tese de que se trata experiência de gênero em conflito e em disputa com as normas de gênero.

### **A moral no ambiente familiar**

Angel relatou que na balança da moral ser trans pesa muito e que em comparação com os erros que por ela podem ser classificados como erros morais, nada se compara para a família à travestilidade, colocando em cheque assim uma visão já anunciada por outras pesquisadoras como, por exemplo, Pelúcio (2007) que anuncia que o senso comum enxerga o corpo trans como a encarnação da ininteligibilidade, como uma abjeção.

Angel: Tudo o que as pessoas consideram imoral, a maioria das coisas eu faço (risos) e aí a minha visão de moral é tão diferente, sabe? [...] Pra mim ser imoral é ser desonesto, mas é desonesto consigo mesmo, sabe? Tipo, você acredita em algo, mas você não faz aquele algo porque você tem medo disso ou daquilo ou você critica alguém porque uma pessoa está fazendo e você faz pior. Então, pra mim, isso é ser imoral. [...] Eu acho que moralidade tem a ver com ser desonesto com os outros, consigo mesmo, porque tipo, eu não acho que seja imoral fumar droga, se você tem uma relação com aquilo, se você consegue lidar com aquilo. Não acho que seja imoral você se prostituir porque muitas minhas se prostituem e aí eu falo assim pra mim: “Eu não quero esse destino” e as pessoas ficam assim: “ah, você ‘tá’ sendo higienista, mas não é que esteja sendo higienista, mas é que eu não me vejo fazendo isso. [...] Agora eu entendo que ser imoral também... Eu acho que violência é uma forma de ser imoral, quando você não

---

<sup>29</sup>Uma vez que, além de Angel, Sheila e Fabiana se reconhecem como travestis, mas também acionam o termo trans para se autoreferenciarem.

respeita a integridade do outro, não respeita a humanidade do outro você acaba sendo imoral. [...] É muito difícil, o que é imoral? É muito relativo, depende do ponto de vista de cada pessoa porque pra as pessoas eu viver assim é imoral. [...] É muito relativo, mas eu acho que a questão de ser desonesto mesmo, assim, de acreditar em algo e não ir atrás ou de mentir pra si mesmo e ‘tá’ fazendo, sabe? Falar que uma pessoa não pode, mas tipo, fazer igual. Na minha casa tem muito disso, minha irmã chegou a falar: “ah, se o pai aceita Angel desse jeito, então vai me aceitar”, e isso, tipo, eu nunca dei trabalho na minha casa, eu saí muito cedo, eu não fumo, não bebo, tudo o que as pessoas consideram imoral pra família tradicional eu não faço. Essa minha irmã, ela, tipo, vive pegando cara casado, engravidou de pai solteiro, tipo, mentia pra minha mãe, enganava minha mãe, já apanhou de homem, ‘ta’ lá na casa da minha mãe dando trabalho, fica bebendo o tempo todo... E aí eu pergunto: “quem é mais imoral nessa história?”, porque ela vem dizer que meu pai tem que aceitar porque eu fui mais imoral e ela não? Aí eu boto na balança, é mais fácil aceitar uma filha trans que tem uma vida toda regrada, de certa forma eu estou pondo até um conceito de moral aí, né? Uma filha toda regrada ou uma filha toda destrambelhada que é cis? “ah, ela cumpriu o padrão da cisnormatividade, ‘tá’ tudo de boa, mas a outra que é trans, só porque ela é trans, ela vai ser o demônio encarnada na terra, entende?”(Entrevista realizada em 26/11/2015).

É interessante como em seu relato, Angel recorre a moral para contrapor as punições morais imputadas contra ela, ao indagar “*quem é mais imoral nessa história?*”, Angel formula uma distinção hierárquica dos princípios morais. A referência a uma vida toda regrada revela a influência da regulação dos dispositivos morais em sua subjetividade, além de classificar o comportamento da irmã como mais grave – como engravidar cedo, mas se esquecendo de responsabilizar o pai da criança – Angel reforça uma visão de moral hegemônica nos relacionamentos familiares, como a asserção de ser uma boa filha é aquela que não dá trabalho ou preocupa os pais.

Para Angel, a heteronormatividade não impõe apenas a classificação da vivência trans como algo imoral, mas mesmo quando se há a mínima aceitação da pessoa trans, dentro e fora de casa, essa aceitação vem acompanhada de condições moralizantes, no caso de Angel, na tentativa de fazer com que ela seja uma trans Amélia<sup>30</sup>.

Angel: Existe moralismo em tudo, acho que moralismo vem de dogma, né? Moral vem de um dogma, as pessoas devem ser de um

---

<sup>30</sup> Uma referência à música de Mário Lago e Ataulfo Alves: “Ai que saudades da Amélia”, a letra fala de uma mulher que não fazia muitas exigências ao companheiro, era comportada e não pensava em luxo e riqueza, “*Amélia não tinha a menor vaidade, Amélia que era mulher de verdade*”.

jeito e se padronizar daquele jeito. [...] O que eu mais vejo em relação a isso é ao meu corpo, por exemplo, eu percebo que quando eu ‘tô’ assim com decote, uma roupona colada, as pessoas ficam me olhando e fazendo assim: “nossa, você não acha que essa roupa ‘tá’ muito colada? Nossa, essa saia tá muito curta, né?”, você vê o machismo aí, né? [...] A moral vai afetando minha vida no sentido de que eu deva ser uma trans Amélia, né? [...] O que é que minha afeta muito é que tenho que ser uma trans Amélia, ainda mais por ser psicóloga, se eu for aquela trans putona... Uma vez eu ‘tava’ na sala e eu ‘tava’ com uma saia minha pretinha que não cabe mais em mim, por isso que eu quero emagrecer, era uma saia preta que era colada, minha bunda ficava desse tamanho, as minhas coxas... Aquela saia eu me sentia assim, a Beyoncé, a diva e aí as pessoas ficavam assim, olhando pra mim, né? Aí eu falei assim: “ai, eu ‘tô’ bem putona hoje, adorei falar assim e as pessoas (faz cara de espanto), sabe, na sala? Gente, vocês nunca se sentiram assim, gostosas, divas? Nunca se sentiram a mulher mais bonita do mundo? E eu magrinha, né? A cintura desse pingo, o ‘quadrilzão’, as ‘coxonas’, bem maquiada, eu ‘tava’ me sentindo ótima e bem puta, bem perigete, bem gostosa, eu gosto de me sentir assim e quando eu falei que ‘tava’ bem putona, as pessoas ficaram (faz cara de espanto), né? Às vezes eu ‘tô’ aqui com vestido, “esse vestido não é muito curto pra sua perna não? Ah, mas uma mulher falando palavrão, que coisa feia, você fala muito palavrão”, adoro falar palavrão, é gostoso, foda, caralho, porra, pica, buceta, maravilhoso, eu falo coisas gostosas, entendeu? Então pra mim eu vejo um falso moralismo, né? As pessoas querem que eu seja aquela trans educadinha, bonitinha, formal, como se fosse indecente ser de outro jeito e aí eu vejo machismo. [...] E aí que me irrita, né? A moral pra querer enquadrar o meu corpo, querer tolher o meu corpo, querer tolher minhas possibilidades como seu eu não pudesse ser aquilo que eu sou, né? E a moral afeta porque o homem que se veste... Porque infelizmente pra sociedade eu ainda sou um homem que transgrediu as coisas, as normas da natureza, você acha que isso não afeta? Afeta a moral cristã, você nasce homem, você tem um pênis, a porra de um pênis, você é homem, eu transgredi isso, então a moral também afeta isso porque as pessoas ficam assim: “ai, eu posso até aceitar, mas pela minha crença você é um homem” e hoje quem fizer isso vai tomar um processo lindo, né? Porque eu tenho uma certidão maravilhosa que diz que eu sou mulher (Entrevista realizada em 26/11/2015).

A família de Angel é evangélica e como para a fé cristã uma das coisas mais morais que existem é a noção de pecado e como o corpo das travestis é tida pela moral cristã como a própria encarnação do pecado, uma vez que para o domínio religioso o sexo deve ser visto apenas como sinônimo de reprodução e qualquer mudança corporal que seja para a satisfação própria do indivíduo é tida como um malfeito contra o templo do Espírito Santo que é o corpo, a travesti não é só vista como um ser imoral como também posta em comparação com erros, contravenções ou crimes previstos, inclusive,

na lei são considerados como inferiores ao crime moral de mudar o gênero designado no nascimento.

### **“Aquendendo” e “desaquendendo” identidades**

Segundo Pelúcio (2009), o termo “aquendar” é muito usado pelas travestis e significa: *“prestar atenção a algo, olhar, ver. No caso da expressão “aquendar a neca”, significa esconder o pênis”* (PELÚCIO, 2009, p. 255). Já, o termo “desaquendar” refere-se a *“ir embora, desencanar”* (PELÚCIO, 2009, p. 256). Esses dois termos serão apropriados nessa pesquisa para problematizar os acionamentos das identidades de travesti e de mulher, assim como, a noção de passabilidade trazida por Angel em seu discurso.

A noção de passabilidade foi apresentada à pesquisa a partir da fala de Angel que considerava como um grande trunfo de reconhecimento social a atitude do pai em só destinar a ela tarefas “atribuídas” às mulheres, como lavar a louça e arrumar a casa, por exemplo. Segundo Ana Paula Vencato (2009) que estudou os crossdress, a passabilidade corresponde a *“uma categoria que implica, no contexto estudado, em passar por mulher quando estão montadas em locais públicos, ou seja, circularem sem que as pessoas percebam que são ou tenham sido homens”*(VENCATO, 2009, p.175). Esse ato de “passar por” também estudado em maior profundidade por Duque (2013) é algo citado em entrevistas e conversas informais por todas as nossas colaboradoras de pesquisa, mas que precisa ser problematizado. A nossa pesquisa iniciou a sua investigação sobre a noção de passabilidade a partir de um ponto de vista diferente do de Duque (2013) que mirou o seu olhar analítico principalmente para os investimentos corporais das pessoas trans. Alcançamos essa questão de uma maneira crítica quando foi abordado nas entrevistas o tema da busca pela beleza no corpo trans.

Angel: as vezes onde eu passo, as pessoas ficam me olhando como se eu fosse um E.T., e assim, não é só uma pessoa, é uma, duas, três, quatro, na quinta pessoa você já ‘tá’ se sentindo péssima, porque dá a sensação de: “o que é que lhe falta?”. Só que aí eu venho me questionando, por que eu enquanto uma mulher trans tenho que ter o padrão de uma mulher cis se meu corpo é trans? [...] Por que que um



padrão cis tem que ser imposto a mim, já que eu sou trans? Só que aí eu penso que eu tenho muita vontade de modificar o meu corpo para que eu passe menos preconceito, para que as pessoas me olhem mais como natural e menos como diferente, sabe? Apesar de que eu me afirmo enquanto travesti, mas aí é nos lugares e espaços. Não é que eu não seja travesti o tempo todo, eu sou! Só que eu sou muito mais do que ser travesti (Entrevista realizada em 26/11/2015).

As palavras de Angel parecem indicar uma busca pela invisibilização da identidade travesti ou pelo menos o direito de não ter a sua identidade interpelada em todos os momentos. Ao alegar que: *“Apesar de que eu me afirmo enquanto travesti, mas aí é nos lugares e espaços. Não é que eu não seja travesti o tempo todo, eu sou! Só que eu sou muito mais do que ser travesti”*, Angel sugere a possibilidade de fragmentação da identidade ou o acionamento de identidades sociais e políticas dependendo do contexto, ou seja, algo que poderia ser descrito da seguinte maneira: quando eu considero a situação oportuna eu “aquendo” (escondo) a minha identidade de travesti para “desaquendar” (deixar fluir) a minha identidade de mulher ou de universitária ou de lésbica, etc. ou vice-versa, tendo em vista que como cada identidade política reivindica um espaço diferente na luta por direitos, a manobra de “aquendar” e “desaquendar” identidades pode ser concebida como uma estratégia política de enfrentamento das desigualdades sociais. Porém, não é exatamente essa concepção revelada por Angel no seu relato, porque além da identidade política há um desejo pela satisfação de expectativas corporais e atenuação do preconceito sofrido por ela através da tentativa de não ser reconhecida o tempo todo como uma travesti. Angel se pergunta o motivo pelo qual ela como pessoa trans tem que se encaixar em um padrão de beleza não trans.

Angel: Claro que tem um padrão que cobra que nós mulheres sejamos impecáveis e bonitas, mas quando você é uma mulher trans parece que isso é em dobro, você pode ser uma mulher trans, mas só se você conseguir chegar ao padrão de uma mulher cis. Isso é muito complicado. Como eu falei, como é que um corpo trans vai se encaixar num padrão cis? É muito complicado isso, mas eu mudaria<sup>31</sup> também, não vou mentir, para ficar mais passável. É aquilo que a gente ‘tava’ comentando, eu afirmo a identidade travesti aonde eu vou, mas em certos lugares me causa um problema, sabe? Não tenho vergonha nenhuma de ser travesti, mas por exemplo, as vezes quando

---

<sup>31</sup> A pergunta feita à Angel que motivou essa resposta foi: “se você mudaria alguma coisa no seu corpo e por que mudaria?”, por isso nessa passagem, Angel está afirmando que sim, que mudaria algo no seu corpo para ficar mais passável.

eu sou identificada, por exemplo, esses dias eu tive que parar e sentar e chorar sozinha. [...] Eu passei numa obra aqui da UFRN, eu não tive nem força pra voltar lá... Aí o cara me viu e falou: “nossa, que bonita!”, aí o outro fez: “isso é um ‘viado’! Não tá vendo não que é um traveco? Um traveco bonito, mas é um traveco”. Quando eu escutei isso assim... Doeu, naquela hora escutar isso. Ali eu queria ter passado como qualquer outra mulher cis pra não escutar isso, então eu também mudaria pra ter uma passabilidade pra evitar certotipo de preconceito. Numa mesa é muito legal, você chegar e dizer: “sou travesti”, as pessoas: “uau, uma travesti tá aqui falando pra gente, ela faz psicologia”. [...] Mas, por exemplo, em alguns lugares, até pra comprar roupa as pessoas ficam olhando você entrar no provador assim, assustadas, no provador feminino. Então, você percebe que é uma violência ali que lhe permeia o tempo todo e eu queria evitar isso, sabe? Eu me sentiria mais confortável com meu corpo se eu fosse muito mais parecida com mulher cis, não que eu odeie quem eu sou, mas pra evitar realmente preconceito (Entrevista realizada em 26/11/2015).

Mas afinal, que padrão seria esse? Não seria o mesmo padrão de beleza imposto pela sociedade machista, pela mídia e pela indústria de cosméticos ao feminino? Dizer que uma mulher trans precisa adquirir o padrão de beleza das mulheres não trans para se tornar mais passável, além de evidenciar a potencial hierarquização dos corpos, é quase como assegurar que a vivência de gênero feminina é exclusiva às mulheres não trans e isso é exatamente o contrário do entendimento da noção de gênero de acordo com Butler (2015).

Significativamente, se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a aparência de substância é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença. O gênero também é uma norma que nunca pode ser completamente internalizada: “o interno” é uma significação de superfície, e as normas do gênero são afinal fantasísticas, impossíveis de incorporar. Se a base da identidade de gênero é a repetição estilizada de atos ao longo do tempo, e não uma identidade aparentemente sem suturas, então a metáfora espacial de uma “base” é deslocada e se revela como uma configuração estilizada... Entretanto, se os atributos de gênero não são expressivos mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam. A distinção entre expressão e performatividade é crucial. (BUTLER, 2015, p. 242-243).

Para Butler (2015), o gênero é uma realização performativa, portanto, não se pode conceber que existe um corpo verdadeiro adequado por natureza à vivência em um determinado gênero. Em outras palavras, a expressão “passar por” indica um retorno ao essencialismo biológico corpo-gênero. Bento (2006) também chama atenção na sua investigação histórica sobre como o modelo dimórfico dos corpos tentaram impor uma verdade sobre os sexos, explicando que os casos estudados por Friedli (1999) relataram vários casos de mulheres no século XVIII que se passavam por homens, demonstrando claramente a influência do discurso do sexo verdadeiro dessa expressão, “passar por”. Porém, Bento (2006) alega que não se trata mais de “passar por” uma pessoa de outro gênero, mas de reivindicar para si uma identidade política e social com o gênero identificado, uma vez que gênero não é suscetível ao enclausuramento de um corpo visto como o mais adequado, natural ou verdadeiro para a sua vivência, concordando assim com Butler (2003) quando ela afirma que:

Se os atributos e atos de gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora (BUTLER, 2015, p. 243-244).

Desse modo, tomar como argumento principal para justificar a satisfação corporal das pessoas trans o sucesso no ato de “passar por” mulher denota o retorno ao discurso das idealizações de gênero. Dizer que uma mulher trans precisa alcançar o padrão de uma mulher não trans é elaborar um projeto de mulher ideal e de vivência do gênero feminino reforçando o argumento da natureza dos corpos. Mas que mulher ideal seria essa, uma vez que sabemos, inclusive, que as mulheres não trans gastam muito dinheiro com cirurgias de lipoaspiração, lipoescultura, implantação de silicone nos seios, na bunda e de botox em outras partes do corpo?

Angel: Eu quero ser desejada por quem eu sou, pela a aparência que eu tenho. É muito incrível isso, parece que eu vou ‘tá’ reafirmando algumas coisas, alguns discursos sociais e eu odeio fazer isso, mas claro que quando você tem uma aparência feminina muito mais delicada, aqueles ‘peitão’, tal, de certa forma você é mais cobiçada, quando eu parecia um garoto, quando eu tinha barba, ninguém olhava pra mim, hoje quando eu boto uma saia, quando minhas pernas ficam

à mostra, eu tenho coxas, uma perna muito bem desenhada, as pessoas ficam olhando. Eu gosto de me sentir desejada, eu gosto que olhem pra o meu corpo. Eu gosto que me reconheçam como um símbolo do feminino, como uma mulher, né? (Entrevista realizada em 26/11/2015).

Chega a ser uma questão contraditória e problemática a procura das pessoas trans pela invisibilização da identidade como travesti em alguns momentos, recorrendo para isso a apropriação de padrões machistas de beleza. O corpo desejado pelas pessoas trans é “uma aparência feminina muito mais delicada, aqueles ‘peitão’, tal...”, como descrito nas palavras de Angel, ou seja, um corpo que a satisfaça como um possível alvo de desejo das outras pessoas. A própria Angel aponta que é preciso se libertar dessa pressão social imposta às travestis de ser cada vez mais parecida com mulheres não trans. Ela argumenta que: “*eu percebi que o problema não é o meu corpo, é o discurso da sociedade sobre o meu corpo*<sup>32</sup>”. O que assinala que esse argumento de ser ou não ser parecida com mulheres não trans tem muito mais a ver com o reconhecimento ao que se atribuí socialmente ao feminino, tendo em vista as considerações de Butler ao defender que “*o gênero é um tipo de imitação para o qual não há um original*” (BUTLER *apud* BERNSTEIN, 2001, p. 99).

Em suma, finalmente, é preciso lembrar que a categoria de passabilidade é usada pelas nossas colaboradoras de pesquisa, porém, consideramos pertinente e necessário problematizar essa noção para não reproduzir idealizações de gênero naturalizadas. Por isso, brincamos com os termos “aquendar” e “desaquendar” para demonstrar como as identidades podem ser acionadas em certas situações, deixadas de lado em outras e retomadas em novos contextos. Não pretendemos impor, com isso, um novo conceito a realidade observada, mas o jogo entre essas palavras elaborado neste trabalho nos permitiu, ao nosso ver, analisar de maneira mais clara – sem cair na tentação dos essencialismos – as possibilidades de manipulações e agenciamentos das identidades.

---

<sup>32</sup>Entrevista realizada em 26/11/2015.

## FABIANA

Fabiana: Eu não tenho pai, não sei se você sabe, mas eu não tenho pai. Ter, tenho, né? Mas é porque eu sou adotada. Minha mãe é homossexual, mas ela nunca falou isso a mim, eu sei que ela é porque... Por causa da família que já veio conversar comigo. Agradeço a minha mãe ter me aceitado na minha família, ter me acolhido na hora dessa transição, porque eu acho assim: o maior conflito que a gente tem é ficar pensando na família, porque, tipo, desde criança, pegou você bebê e tal, e do nada você chegar assim e falar. Eu entendo o lado da família, né? Entendo que, enfim, se não é fácil pra gente, pra eles também não é (Entrevista realizada em 11/03/2015).

### 3.2.FABIANA

Fabiana é uma transexual jovem de apenas 18 anos e acabou de completar o ensino médio numa escola particular da zona sul de Natal-RN. Ela chegou até a pesquisa graças a ex-companheira da mãe de Fabiana que começou a frequentar o mesmo grupo de estudos que o pesquisador frequentou durante o ano de 2014 sobre teoria *queer* na UFRN<sup>33</sup>. Fabiana chegou a ir a uma reunião do grupo de estudos, mas quando foi perguntada como ela gostaria de ser chamada, respondeu o nome masculino. No dia que fomos apresentados à Fabiana, minha colega do grupo de estudos, apresentou-a como “*um sobrinho muito querido*”, por isso me referirei por enquanto a ex-companheira da mãe de Fabiana como tia dela. Na primeira vez que a tia de Fabiana foi à reunião do nosso grupo de estudos, ela justificou seu interesse pela atividade por estar vivendo uma situação na família de uma pessoa muito próxima que estava passando pelo processo de transição de gênero e ela não sabia como se comportar diante da situação. O coordenador do nosso grupo orientou-a que ela conversasse comigo porque eu poderia ajudar com alguns esclarecimentos e acompanhar esse processo, nós conversamos e ela se mostrou bastante preocupada com a forma que deveria tratar Fabiana.

A tia de Fabiana percebeu que ela estava um pouco diferente, com formas corporais mais arredondadas, estava deixando o cabelo crescer e andava nos últimos tempos mais distante, isolada da família. Ela relatou que numa visita, a tia aproveitou que estavam sozinhas e perguntou o que estava acontecendo, Fabiana abriu o jogo e contou que tinha algumas amigas trans, que estava tomando hormônios há cerca de um ano e meio e que “ele” gostaria de ser “ela”. Naquele momento, Fabiana ainda se vestia de maneira andrógina e não quis falar para sua tia o seu nome social. Dito isso, o pesquisador e a tia de Fabiana conversaram sobre alguns temas, foi dividido com ela algumas experiências recolhidas no nosso processo de pesquisa tanto da monografia quanto do mestrado, foi contado narrativas de famílias que apoiaram as suas filhas quando elas começaram o processo de hormonização e de se vestir com roupas atribuídas socialmente ao gênero feminino. Também foi citado algumas etnografias que

---

<sup>33</sup> Grupo de estudos do Núcleo Tirésias-UFRN, reuniu pesquisadores sobre as questões gays, lésbicas e trans de algumas áreas do conhecimento e foi coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Vladimir Felix da Silva durante o ano de 2014.

relatavam ou casos de expulsão ou de violência doméstica cometida pelos próprios familiares das trans ou de aceitação por parte dos familiares, como é o caso dos trabalhos de Don Kulick (2008), Marcos Benedetti (2005), Larissa Pelúcio (2007), Hélio Silva (1993; 2007), Flávia do Bonsucesso Teixeira (2009), Anne Damásio (2009), Tiago Duque (2009), Fernanda Cardoso (2009) e Luma Nogueira de Andrade (2012).

A tia de Fabiana também se mostrou muito preocupada com a questão da prostituição, ela tinha medo da sobrinha se prostituir porque as amigas trans de Fabiana eram muito bonitas, algumas se prostituíam e enquanto a maioria das amigas dela tinham dinheiro para investir no próprio corpo e se vestirem com roupas caras, Fabiana sentia essa necessidade, mas não sabia como porque não tem condições de comprar sem a ajuda dos familiares. Após a nossa primeira conversa, a tia de Fabiana depois de algumas semanas procurou o pesquisador para conversar novamente, ela disse que Fabiana tinha se assumido dentro de casa, que agora ela a chamava de “ela” sempre e só pelo nome social. Depois de alguns dias, Fabiana e a tia vieram até a UFRN encontrar o pesquisador, Fabiana já estava bem diferente, vestida com roupas femininas e maquiagem. Nesse dia, a tia de Fabiana a apresentou assim: “*essa é minha filha, Marcos*”.

Depois disso, houve uma aproximação com Fabiana, nós conversamos algumas vezes de maneira informal e marcamos uma entrevista com o uso do gravador. Escolhemos seguir um roteiro de perguntas semi-estruturadas, onde tanto eu quanto Fabiana respondíamos as mesmas perguntas, desse modo podíamos nos conhecer mutuamente. A primeira entrevista durou mais de três horas e outras conversas e entrevistas foram realizadas para aprofundar a pesquisa.

## **O relacionamento familiar**

Fabiana mora com a mãe e o irmão mais velho. A tia de Fabiana, amiga do pesquisador, não é mais companheira da mãe dela, porém mantém um contato constante com toda a família de Fabiana. Foi focado para ser analisado neste trabalho apenas os trechos narrados por Fabiana que foi percebido mais explicitamente como a

heteronormatividade afetou e afeta a sua vida familiar. Para iniciar nossa linha de investigação, traremos o relato de quando Fabiana se “assumiu” para sua mãe.

Fabiana: Foi meio engraçado quando eu fui falar pra minha mãe sobre a minha transição, né? Porque eu cheguei pra ela e, tipo, a gente sempre espera uma coisa, né? Explosiva. Aí eu falei pra mainha: “não, mainha, é porque eu sou trans, ‘tô’ tomando hormônio e tal, e ela: “tá! Tudo bem”, tipo, eu não ligo, faça o que você quiser. Aí eu comecei a rir, aí depois de rir eu comecei a chorar, aí pronto, eu fiquei, tipo, sem saber o que fazer. Foi um momento engraçado, mas bem tenso também(Entrevista realizada em 11/03/2015).

Esse momento entre o tenso e o engraçado de se “assumir” para a família como pessoa trans foi marcado na história de vida de Fabiana como um jogo de dizer e não dizer a verdade sobre sua própria identidade. Consideramos tenso a obrigação de que Fabiana teve para falar sobre como se reconhecia, no sentido de: será que ela teria que falar pra sua família se ela se reconhecesse com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento? Uma cena que poderia ser descrita mais ou menos da seguinte forma: “mãe, preciso falar uma coisa: eu me reconheço como menino mesmo”. Eve Kosofsky Sedwigck (2007) concebe uma reflexão sobre o “armário” como um dispositivo de regulação na vida de gays e lésbicas, algo que pode ser problematizado sobre a ótica foucaultiana diante das relações de poder como meio de conduzir condutas. Sedwigck entende o “armário” de duas formas: o armário é um meio de regulação da vida das pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo e também um dispositivo que concede privilégios para pessoas que se relacionam com o sexo oposto e que mantêm a ordem heterossexista do mundo com suas instituições e seus valores.No caso de Fabiana, a noção do armário poderia ser melhor problematizada como se fosse um guarda roupa trans, uma vez que a travesti encarna no corpo a verdade sobre o seu gênero.

Tia de Fabiana: Veja só, quando ela decidiu mudar de gênero, ela passou um tempo muito triste, assim um tempo, mais ou menos um ano e eu não conseguia entender... Eu mesma não conseguia entrar em contato com ela, eu olhava pra ela e não... A ligação que a gente tinha como se tivesse se rompido ou tivesse pra romper, tivesse pra se separar, é como se ela fosse outra pessoa, sabe? Ela não passava pra mim mais, ela não me olhava mais como ela me olhava antes, não via mais o brilho no olho dela nem a alegria porque ela sempre foi uma criança muito alegre, mas esse período que ela ficou assim eu sofri



porque eu não conseguia me aproximar, era como se ela não deixasse que eu a visse, como se ela tivesse se guardando ou se escondendo, mas aí depois eu entendi que ela estava com medo porque ela falou pra mãe dela, primeiro pra mãe dela, e a mãe dela veio falar comigo. Eu esperei que ela me procurasse, eu esperei mais ou menos umas duas semanas, sofrendo, né? Esperando que ela me procurasse, ela não me procurou, aí eu procurei. Aí quando eu procurei, eu perguntei se ela tinha alguma coisa pra conversar comigo, o que era que ‘tava’ acontecendo, aí ela contou e aí depois desse dia, depois que ela contou isso, a mãe dela disse que ela mudou completamente, voltou o brilho que ela tinha antes, entendeu? Por isso que eu digo, acho que a importância que eu tenho pra ela é de mãe porque ela conseguiu isso depois que ela falou comigo, foi que ela conseguiu voltar a respirar (Entrevista realizada em 29/04/2015).

Pensando sobre isso é possível recorrer às considerações de Michel Foucault (2007) que na sua análise da hipótese repressiva faz algumas ponderações sobre a incitação aos discursos do sexo da criança.

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos (FOUCAULT, 2007, p. 30).

Esses muitos silêncios marcam o jogo do dizer a verdade sobre a sexualidade de gays e lésbicas e a identidade de gênero de travestis e transexuais. Resulta daí a fraqueza da hipótese repressiva que ao invés de colocar sobre a sexualidade um silêncio absoluto, nossa sociedade a colocou no campo da incitação aos discursos, de como esconder e de como dizer, de confessar os prazeres individuais. A confissão, o jogo do dizer a verdade marca um dos momentos mais tensos do processo da produção identitária das pessoas trans. Segundo Silva (2007):

Parece que o (sic) travesti assiste a seu próprio nascimento e se diz pela primeira vez: eu sou menina. E toda a sua vida será consumida na produção e proteção dessa menina, que reivindica para si todas as complexas aspirações de qualquer outra, inclusive a mais notável sobre elas: tornar-se mulher (SILVA, 2007, p. 182).

Após a conversa com a tia, Fabiana assumiu a sua identidade feminina dentro de casa e revelou seu nome social. Fabiana narra que a sua relação familiar é saudável, que a sua mãe – apesar de trabalhar bastante como enfermeira e passar as horas vagas em um sítio da família e não conversarem muito – é carinhosa e preocupada com ela. Fabiana também considera a sua tia muito importante e a tem como se fosse uma segunda mãe, a sua tia é a pessoa da família que Fabiana mais conversa e é com ela que Fabiana consegue dinheiro para comprar hormônio.

Fabiana: Eu peguei e falei pra mainha, foi aquele negócio, eu chorei, aí eu disse: “mainha, fale pra tia”, aí ela: “não, vou falar não”. Uma semana depois, ela: “eu falei pra sua tia” e eu: “e aí?”, ela: “ela vai conversar com você”. Aí quando ela chegou que me disse... Menino, ela querendo chorar porque não sabia... Nem ela tinha nem conhecimento ainda, tinha assim, mas era pouco, tinha preconceito ainda. Aí eu peguei cheguei pra ela e falei que ‘tava’ tomando hormônio, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê, aí ela pegou e disse: “tá certo”. A maior preocupação dela era que eu fosse me prostituir, né? Com o tempo foram vendo que eu não ia e tal... Tia disse que ia me ajudar, aí até hoje eu faço, tipo, eu vou pra casa dela todo domingo e faço faxina lá (Entrevista realizada em 11/03/2015).

É com o dinheiro das faxinas na casa da tia que Fabiana compra os seus hormônios para investir na sua transformação corporal. A tia de Fabiana é bastante presente na vida da sobrinha, a própria nas entrevistas relatou várias vezes o afeto e a importância que o apoio da tia deu no seu processo de transição de gênero. A tia de Fabiana, apesar de não ser mais a companheira da mãe dela, sente que tem responsabilidades como uma se fosse uma mãe para Fabiana e por isso desenvolveu seus estudos<sup>34</sup> focando as questões de gênero e sexualidade na busca de se informar para conseguir entender e ajudar ainda mais Fabiana.

Tia de Fabiana: Eu poderia ser até a mãe, mãe, mãe mesmo. Poderia substituir a própria mãe dela, a que adotou, eu acho que eu me vejo nesse papel eu acho que ela conta comigo nessa função, nesse papel, né? Porque assim, Fabiana eu sinto como se ela fosse mesmo minha filha, entendeu? E eu acho que isso que eu sinto, ela também sente (Entrevista realizada em 29/04/2015).

---

<sup>34</sup> A tia de Fabiana cursa psicologia na Universidade Potiguar.

Há outro aspecto no relato de vida de Fabiana que foi descrito por ela como muito marcante, a relação com o irmão mais velho. A sua relação com o irmão é abalada, segundo Fabiana, devido um caso de abuso ocorrido na infância com ela pelo amigo do irmão.

Fabiana: Minha relação com meu irmão não é muito boa porque quando eu era criança eu fui abusada pelo melhor amigo dele e ele sabia, ele via e não fazia nada. Aí eu tenho meio que... Não sei, não sei nem explicar o que é, mas quando eu 'tô' perto dele eu não sinto uma coisa boa entendeu? Eu tento gostar dele, eu tento fazer de tudo, mas não dá, eu travo, fico olhando assim, eu lembro de tudo, eu fico meio chateada por ele não ter feito nada, entendeu? (Entrevista realizada em 11/03/2015).

De acordo com Fabiana, os abusos cometidos pelo amigo do irmão começaram aproximadamente aos sete anos e duraram até cerca dos nove anos. O amigo do irmão tinha doze, treze anos, por isso (como os dois eram menores de idade) não tem como perante a lei culpabilizar o amigo do irmão como estuprador. Porém, ficou muito perceptível que essa experiência vivida na infância por Fabiana afetou a relação com o irmão até os dias atuais. Fabiana ainda relatou outra experiência vivida por ela com o irmão em um curso de autoconhecimento realizado pelos dois.

Fabiana: Ele tinha raiva de mim. Em 2012 a gente fez um curso, esse curso que tia fez, só que foi em São Paulo e aí tinha um exercício que era pra você falar tudo que você sentia pela pessoa que estava fazendo o exercício com você. Aí eu peguei e falei, como ainda eu não tinha feito a transição, eu peguei e falei: "aqui eu não sou seu irmão, fale o que você está sentindo aí". Ele disse que me odiava, disse que tinha raiva de mim porque... Por eu ter um jeito diferente desde que eu era criança, eu recebi mais assistência, mais atenção, né? Porque realmente... Você sabe que pais, assim, família se preocupa mais, né? Então eu sempre recebi uma assistência maior, um cuidado maior e tudo mais, mas nada faltou pra ele, nada nunca faltou pra ele. Ele disse que me odiava, que tinha raiva de mim, que me batia por causa disso quando eu era criança e tal, isso também ficou na minha cabeça, entendeu? Ou seja, são coisas assim que eu sei que não era pra 'tá' juntando, mas acaba juntando (Entrevista realizada em 11/03/2015).

O relato de Fabiana sobre o irmão continuou para nós como um mistério, não podemos concluir que o fato ter um "jeito diferente" provocou a ira do irmão ou se a

raiva é produto exclusivamente do ciúme, mas era algo que precisava ser exposto na pesquisa, pois é um elemento importante que marcou o relacionamento familiar de Fabiana.

Assim como foi feito com Angel, foi primeiramente apresentado um panorama geral da convivência familiar de Fabiana e agora partiremos para a análise de um ponto específico retirado da narrativa da nossa colaboradora de pesquisa, as considerações sobre a disforia de gênero.

### **“Eu tenho disforia”**

Fabiana: Eu tenho disforia, às vezes.

Pesquisador: Tem o quê?

Fabiana: Disforia.

Pesquisador: Como assim?

Fabiana: Tipo, muitas coisas em mim eu não gosto, entendeu? Tipo, eu fico olhando assim... Porque querendo ou não pra gente assim, pra gente não, eu não sei como são os outros, eu vou falar por mim. Antes da transição é uma coisa, mas depois você vê que muda, mas você fica procurando coisas que você tinha antes, entendeu? Ou seja, muita coisa que via que tinha antes, eu vejo que ainda tenho e são coisas que eu quero mudar, mas eu sei que não precisa. É isso, esse tipo de coisa, às vezes eu me acho muito feia, parece coisa de maluca, eu sei (Entrevista realizada em 06/11/2015).

Para falar sobre disforia de gênero é preciso realizar uma introdução histórica sobre o uso adotado pelo saber médico, as considerações do movimento trans e como esse termo está sendo incorporado pelas trans, usando como exemplo, o relato de Fabiana. O termo disforia de gênero está presente no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) na sua quinta versão.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) é um documento oficial da Associação de Psiquiatria Norte-Americana (APA) que foi publicado pela primeira vez em 1952 e nas últimas décadas foi revisado algumas vezes, sendo a sua última revisão publicada em maio de 2013 (DSM-5). O DSM é a maior

referência em saúde mental da atualidade e serve como suporte organizador e orientador para profissionais da área de saúde mental, companhias de seguro, indústrias farmacêuticas e assembleias legislativas em todo o mundo. Esse documento lista diferentes categorias de transtornos mentais e critérios para diagnosticá-los. No DSM-IV publicado em 1994 foi introduzido o termo: “Transtorno de Identidade de Gênero” (TIG) que abrangia a transexualidade, a travestilidade e o fetichismo como patologias diagnosticáveis. No DSM-5, esse termo foi renovado por “disforia de gênero”. O DSM-5 também reformulou outra categoria que era apresentada como “Transtorno de Identidade de Gênero na Infância” por “Disforia de Gênero na Infância” para diagnosticar a transexualidade nas crianças.

Os efeitos que o diagnóstico de gênero causa na vida das pessoas transexuais é a obrigatoriedade de um procedimento médico e burocrático bastante rigoroso que determina que todas as pessoas que almejam realizar mudanças corporais ou alterações nos documentos oficiais de identificação com o intuito de serem reconhecidas socialmente com o gênero desejado, devem fazer terapia psicológica, vestir-se com as roupas do gênero que se identifica (teste de vida real) e realizar hormonioterapia. No novo DSM-5, como já citamos, o termo “transtorno” foi trocado por “disforia”. Segundo as notas explicativas<sup>35</sup> que acompanham as classificações do DSM-5, isso foi feito visando retirar o caráter estigmatizante da transexualidade para que essa categoria possa não mais ser vista como uma patologia, e sim, como uma inconformidade com os papéis de gênero garantindo ao mesmo tempo o acesso aos cuidados médicos graças à permanência de um diagnóstico psiquiátrico.

*Disforia de gênero* como termo descritivo geral, refere-se ao amplo espectro de indivíduos que, de forma transitória ou persistente, se identificam com um gênero diferente do de nascimento. [...] *Disforia de gênero* refere-se ao sofrimento que pode acompanhar a incongruência entre o gênero experimentado ou expresso e o gênero designado de uma pessoa. Embora essa incongruência não cause desconforto em todos os indivíduos, muitos acabam sofrendo se as intervenções físicas desejadas por meio de hormônios e/ou de cirurgia não estão disponíveis. O termo atual é mais descritivo do que o termo anterior *transtorno de identidade de gênero*, do DSM-IV, e foca a disforia como um problema clínico, e não como identidade por si própria (APA, 2014, p. 451).

---

<sup>35</sup> Ver APA, 2014, p. 451.

Entretanto, o novo DSM oferece como critérios para a aplicação do diagnóstico a caracterização de um cenário que determina que uma pessoa para ser diagnosticada com disforia de gênero deve expressar por no mínimo seis meses uma diferença marcante entre o gênero atribuído no nascimento com outro gênero alternativo diferente do assinalado e que aquele indivíduo deseja viver, ou seja, diagnostica uma forma de autoidentificação. Já, em crianças, o desejo de pertencer ao outro gênero deve estar presente e verbalizado. Segundo essa nota explicativa, o critério secundário para diagnosticar disforia de gênero é que essa condição causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional, ou outras áreas da vida da pessoa. Outro aspecto importante é que disforia de gênero foi apresentado no DSM-5 como um capítulo à parte separado do capítulo de disfunções sexuais e transtornos parafilicos como podia ser observado na versão anterior do Manual, o DSM-IV TR.

A publicação do DSM-5 provocou repercussões no movimento trans em várias partes do mundo, uma vez que, o manual é adotado por profissionais de diferentes países. Para fins de foco, recortaremos a análise sobre a resposta dada pela campanha *Stop Trans Pathologization*. A campanha *Stop Trans Pathologization* é uma plataforma internacional que incentiva o ativismo em favor da realização de ações pela despatologização das identidades trans em diferentes partes do mundo. Desde 2007 vêm ocorrendo algumas manifestações contra as imposições do DSM e do CID<sup>36</sup> em cidades como Paris, Madri e Barcelona. Em 2009, o movimento ganhou força com a realização da primeira Assembleia Trans Internacional, na cidade de Barcelona e em 17 de outubro do mesmo ano, foram realizadas em 29 cidades de 17 países diferentes iniciativas pela eliminação do transtorno de identidade de gênero dos manuais internacionais de diagnóstico.

O manifesto oficial da campanha afirma:

@s ativistas e grupos que firmam este documento e formam a Rede Internacional pela Despatologização das Identidades Trans denunciaremos publicamente, mais uma vez, a psiquiatrização de nossas identidades e as graves consequências do chamado “transtorno de identidade de gênero” (TIG) (Disponível em:

---

<sup>36</sup> Código Internacional de Doenças, documento oficial da Organização Mundial de Saúde que define e classifica todas as doenças conhecidas e que merecerem tratamento pelo saber médico.

<<http://www.stp2012.info/old/pt/manifesto>>acesso em 13 de julho de 2015).

Logo após a publicação do DSM-5 em maio de 2013, a STP publicou outro manifesto referentes especificamente às mudanças oferecidas às categorias trans-específicas no Manual.

As modificaciones introducidas en el DSM-5 no suponen una despsicopatologización de las expresiones, trayectorias e identidades trans. Siguen clasificadas en el DSM-5, bajo las categorías diagnósticas ‘Gender Dysphoria’ (‘Disforia de Género’) y ‘Transvestic Disorder’ (Disponível em <[http://www.stp2012.info/Comunicado\\_STP\\_agosto2013.pdf](http://www.stp2012.info/Comunicado_STP_agosto2013.pdf)>acesso em 15 de julho de 2015).

Para o movimento, essas mudanças nas categorias trans-específicas são insuficientes, pois continuam concebendo e perpetuando o tratamento da diversidade de gênero como transtorno mental. A STP até reconhece o esforço do grupo de trabalho em diversidade sexual do DSM-5 que trocou o termo “transtorno” por “disforia” visando retirar o caráter estigmatizante do termo, assim como o reconhecimento da diversidade de gênero – mesmo partindo de uma lógica binária – com a introdução do termo nos critérios diagnósticos: outro gênero alternativo diferente do assinalado no nascimento. Entretanto, o movimento aponta o caráter problemático do conceito de “disforia de gênero”, por associar diretamente os processos de trânsito do gênero a um estado de sofrimento e desconforto. Além disso, a STP argumenta que a garantia de acesso a cuidados médicos para pessoas trans pode ser conquistada com a classificação que a transexualidade é um estado de saúde que pode recorrer atenção médica, e não como uma doença mental categorizada em um manual diagnóstico.

Nesse manifesto também é exposto a desaprovação da categoria “disforia de gênero na infância”, definida no DSM-5, por colocar as crianças em situações vulneráveis aos efeitos de um processo de psicopatologização da diversidade de gênero, incluindo-os ao risco de exposição a situações de discriminação social, terapias reparativas e outras formas de abusos. Sobre as alterações das categorias trans-específicas prescritas no DSM-5, o movimento STP afirma: *“Por todos los argumentos expuestos, nos gustaría expresar nuestro rechazo rotundo a la permanencia de la*

*categoría de 'Disforia de Género' en el DSM-5*<sup>37</sup>. Dito isso, podemos instigar ainda mais a nossa discussão com a seguinte pergunta: é realmente coerente diagnosticar o gênero?

### **Sobre o ato de diagnosticar a identidade de gênero das pessoas trans**

Para tentar esclarecer as disposições que fizeram surgir essa pergunta, recorreremos ao filósofo francês Michel Foucault (1998) e as suas considerações sobre o nascimento da clínica médica entre 1790 e 1820. Foucault faz uma investigação de relações quase estruturais sobre o espaço, sobre a linguagem, a morte e sobre o olhar. Segundo o filósofo, a grande diferença da medicina clássica para a medicina clínica é que a primeira se baseia em um pensamento médico classificatório das doenças, exercendo assim uma medicina das espécies, enquanto que a segunda foi fundada objetivando pensar as doenças como sintomas que existiam no corpo. Com isso, a linguagem clínica foi estabelecida a partir do exercício de autoridade do médico de ver e nomear. O visível para a medicina clínica é aquilo que é dito, enquanto que o invisível é tudo aquilo que permanece no silêncio. Os sintomas foram interpretados como signos do desenvolvimento e da diferenciação das patologias.

Assim sendo, podemos relacionar as contribuições de Foucault (1998) com a constituição do DSM e do CID como manuais classificatórios de patologias passíveis de diagnóstico a partir da identificação da existência de sintomas/signos e com isso propor algumas indagações, como por exemplo: qual foi a pesquisa legitimada como científica que possibilitou a identificação da transexualidade como uma doença? Porque uma explicação sociológica, filosófica, psicológica e antropológica do gênero como uma categoria cultural não pode ser entendida como ciência no mesmo nível de uma constatação científica elaborada em um laboratório? Afinal, como é produzido um fato científico?

No artigo de Drescher, Cohen-Kettenis e Winter (2012), os próprios membros do grupo de trabalho do CID-11 sobre diversidade e saúde sexual reconhecem que não há uma prova científica original que possa ser validada como fato científico que constata a

---

<sup>37</sup>Disponível em <[http://www.stp2012.info/Comunicado\\_STP\\_agosto2013.pdf](http://www.stp2012.info/Comunicado_STP_agosto2013.pdf)> acesso em: 15 jul. 2015.



transexualidade como uma doença. Entretanto, os autores argumentam que a análise de Harry Benjamin<sup>38</sup> sobre a transexualidade exerceu influência para que as experiências de gênero fossem diagnosticadas e medicalizadas, ou seja, o diagnóstico de gênero só se tornou viável porque Harry Benjamin originalmente identificou uma expressão de gênero nomeando-a de transexualismo e classificando-a como uma desordem patológica que poderia ser tratada com terapias médicas.

Foucault (1998) explana que devido ao sistema classificatório, a doença já está organizada no imaginário do médico antes mesmo de ser observada no paciente. Com isso, podemos entender que as definições no DSM-5 e provavelmente no CID-11 servem para determinar se o indivíduo é ou não um transexual de verdade. Bento (2006) esclarece que o transexual de verdade é um mito inventado pela medicina para diagnosticar as condutas dos indivíduos que por sua vez, entram no jogo de dizer o que é preciso ser ouvido pelos médicos para conseguir o diagnóstico e ser reconhecido/a com o gênero desejado.

Bruno Latour e Steve Woolgar (1988) fazem uma etnografia dentro de um laboratório científico e apresentam que os fatos científicos são socialmente construídos, porém, são enunciados para serem entendidos como neutros e impessoais, diferenciando-se assim das constatações proclamadas pelas ciências humanas que deixam bastante claro o fato científico como socialmente construído e o caráter de interpretação da realidade quase sempre diretamente ligando o conceito ao pensamento de um determinado autor. Para exemplificá-la, podemos citar a máxima de Simone de Beauvoir que o corpo é uma situação e que por isso “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (1987), somente essa dado poderia fornecer subsídio para explicar a total falta de sentido em diagnosticar o gênero. Contudo, hipoteticamente, algum cientista natural poderia argumentar que o conceito é frágil e não pode ser utilizado no modo dele de fazer ciência, simplesmente pelo fato que o conceito é fruto de uma formulação teórica de uma determinada autora e que por isso não equivale a uma constatação científica por continuar evidente o seu caráter subjetivo e pessoal sobre o fato. Latour e Woolgar (1988) demonstram que o aspecto objetivo do modo de fazer ciência em um laboratório é forjado.

---

<sup>38</sup> Endocrinologista alemão, autor de *The Transsexual Phenomenon*, 1953.

Não afirmamos apenas que os fatos são socialmente construídos. Queremos mostrar também que o processo de construção põe em jogo a utilização de certos dispositivos pelos quais fica muito difícil detectar qualquer traço de sua produção (LATOUR e WOOLGAR, 1997, p. 192-193).

Os autores argumentam que a ciência praticada em laboratório propõe seus enunciados como fatos fundados na realidade, mas que na verdade a realidade é a consequência e não a causa da ciência. Além disso, Latour e Woolgar (1988) apresentam a noção de credibilidade científica podendo ser entendida a partir de quatro maneiras. 1) O crédito é uma mercadoria que se pode trocar. 2) O crédito pode ser dividido. 3) O crédito pode ser roubado. 4) O crédito pode ser acumulado ou desperdiçado. Envolvendo essas quatro noções de crédito, Latour e Woolgar evidenciam a figura do cientista capitalista<sup>39</sup>.

Usando como argumento a falta de sentido científico das imposições médicas pela diagnóstica do gênero, atualmente há uma discussão no movimento e entre os intelectuais da temática trans que expõe que a transexualidade precisa existir no contexto da autonomia, mas sem perder as garantias da construção de uma rede jurídica, assistencial e social que permita que a transexualidade possa ser vivida. Judith Butler (2009) e Amets Suess<sup>40</sup> (BENTO, 2012b) concordam com a desdiagnóstica do gênero e propõem que seja criada uma cobertura pública de atenção sanitária trans que entenda que a transexualidade não é uma doença, e sim, um estado de saúde que precisa de atenção médica tal como é classificada a gravidez.

Portanto, podemos chegar à conclusão que a medicina clínica diagnostica as condutas dos sujeitos e burocratiza os acessos ao desejo e as expressões de gênero usando como argumento a legitimidade de uma ciência que se diz neutra sem demonstrar na sua história e na sua construção os motivos de tal afirmação. O diagnóstico de gênero como patologia é uma categoria infundada, vista do escuro e que por isso mesmo é interpretada de diferentes maneiras. O que Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012) argumentam para a despatologização do gênero é que:

---

<sup>39</sup> Ver artigo: *Financial Ties between DSM-IV Panel Members and the Pharmaceutical Industry*, de Cosgrove L. Krinsky S. Vijayaraghavan M. Schneider L. (2006). Sobre o grau e o tipo de relações financeiras com as indústrias farmacêuticas dos membros responsáveis pela revisão do DSM-IV e DSM-IV-TR.

<sup>40</sup> Coordenador da campanha Stop Trans Pathologization.

O que temos de "científico" é a definição de transtornos de gênero ou disforia de gênero estabelecendo protocolos universalizantes, definindo a normalidade de gênero, orientando e autorizando intervenções para, ao fim, se reconhecer anemicamente que não há confiabilidade em suas afirmações (BENTO e PELÚCIO, 2012, p. 578).

Impor terapias, estilos de vida e diagnósticos estigmatizantes sem provas confiáveis é antiético, além de ser anticientífico. Deste modo:

O único mapa seguro que guia o olhar do médico e dos membros da equipe são as verdades estabelecidas socialmente para os gêneros, portanto estamos no nível do discurso. Não existe um só átomo de neutralidade nesses códigos. Estamos diante de um poderoso discurso que tem como finalidade manter os gêneros e as práticas eróticas prisioneiras à diferença sexual.(BENTO e PELÚCIO, 2012, p. 579).

É interessante, ao mesmo tempo problemático, pensar como o poder psiquiátrico é tão forte que ao ponto de uma mudança nos termos ocorrida em 2013 em um manual de saúde mental produzido pela Associação de Psiquiatria Norte Americana já encontrou ressonâncias nas falas de travestis do nordeste brasileiro. Além de Fabiana, Angel também usa o termo disforia para caracterizar o sofrimento causado pela sua transição de gênero. O que é importante destacar é que como podemos ver no relato de Fabiana na abertura desta sub-parte, o seu sofrimento é causado pelo o seu incômodo em não corresponder aos padrões de beleza e ao preconceito social imposto pela sociedade quando uma pessoa trans não é reconhecida pelo gênero feminino, o qual se identifica. No nosso ponto de vista, esse desconforto não é justificativa coerente para diagnosticar a reivindicação de identidade de gênero diferente daquela designada no nascimento e impor uma série de procedimentos clínicos e estigmatizantes às pessoas trans.

## SHEILA

Sheila: Eu já sabia o que ia ser, mas eu não sabia que ia ser travesti, eu sabia que não gostava de mulher. Nunca brinquei de bola, de nada. Meu negócio era elástico, queimada, pão doce, esconde-esconde com os meninos, sempre fui assim: “vá pra trás que eu olho!”, sempre fui assim. Aí foi passando, foi passando... 14 anos eu disse pra minha mãe... Foi o momento mais tenso, foi esse, eu dizer a ela que eu era gay, mas aí ela já foi cortando, ela disse: “eu já sabia”, então ela já foi curta e grossa. Aí com... Eu me lembro até que um amigo meu, amigo não, um conhecido, porque com o passar do tempo as pessoas se tornam conhecidos, né? Na sua vida, disse: “tu vai ser travesti!”, aí eu: “e eu gosto lá dessas conversas?! Tu acha que eu vou ser travesti pra ficar assim na rua? Óia!(mostra o dedo médio)”. Eu lá na cidade com 15 anos. [...] “Eu não gosto dessas coisas não”, olha o que é que eu me tornei (Entrevista realizada em 22/08/2015).

### 3.3.SHEILA

Sheila é uma travesti negra com 30 anos de idade que mora com seu companheiro no bairro do Alecrim em Natal-RN. A família de Sheila mora bem próximo, no mesmo quarteirão e o contato com a sua família é diário. Na casa dos pais residem sua mãe, seu pai e um irmão mais novo. O irmão mais velho de Sheila não reside na casa dos pais, ele é amigo do pesquisador e foi através dele que se deu a aproximação com Sheila e sua família. Durante o processo de monografia, as entrevistas aconteceram na casa da família de Sheila e durante a pesquisa do mestrado, as entrevistas ocorreram na casa de Sheila e seu companheiro e também ainda na casa da sua família. Houveram várias conversas informais, entrevistas sem e com o uso do gravador com Sheila, assim como também bate-papos e entrevistas gravadas com a sua mãe, seu irmão mais velho e seu companheiro.

Mãe de Sheila: Quando ele nasceu, depois de um ano de nascido eu já comecei a enxergar coisas que não era normal pra ser um menino homem. Eu acho assim que a gente quando tem filho, quando eles nascem, às vezes a mãe porque precisa trabalhar fora, sair, que tem que batalhar mesmo, não presta muita atenção ao filho, mas a gente que é só dona de casa, já se liga mais no jeito, nas brincadeiras, que foi assim que eu comecei a notar (Entrevista realizada em 01/10/2015).

A mãe de Sheila é dona de casa, mora numa casa simples e é de classe média baixa. Durante a infância de Sheila, trabalhava com lavagem de roupa e manicure, chegou a montar um bar simples, mas por causa do marido que bebia junto com os clientes, acabou indo à falência. Para ela, Sheila já nasceu com uma essência feminina, devido à observação dos trejeitos e das brincadeiras preferidas pela filha.

Mãe de Sheila: Eu tiro logo pelas brincadeiras porque não tinha brincadeira de biloca, não tinha brincadeira de bola... As brincadeiras era o quê? Brincadeira de boneca e de lencinho na cabeça, isso não é brincadeira de homem... E esconde-esconde. Pronto, eram as brincadeiras que eles gostavam de fazer... E de aula. E assim foi crescendo nesse sistema, eu não podia mudar (Entrevista realizada em 01/10/2015).

Sheila trabalha como cabeleireira e também é garota de programa, ela faz parte de uma organização não governamental de apoio à cidadania das travestis e transexuais em Natal-RN. Sheila tem um namorado que a acompanha, inclusive nos eventos da ONG, e que, segundo ela, se incomoda um pouco em alguns momentos, mas não a impede de ser garota de programa. Tanto Sheila quanto sua mãe acreditam que o gênero é algo inato. Sheila argumenta que: *“Ah, eu me acho mulher... Só por conta de um... Como é que dizem? Um algo a mais, mas eu continuo me achando e sendo uma mulher”*. Já, a sua mãe afirma:

Mãe de Sheila: Não é opção! Porque ninguém vai optar pra ser isso nem aquilo, né? Ninguém vai! Uma coisa que eu fico indignada é quando uma pessoa diz assim: “é opção de vida dele”. Não é opção! Porque a pessoa vai crescer e não vai optar pra ser gay, a pessoa não vai optar pra ser sapatão, ninguém vai optar por isso, quer dizer, isso já é da nascença, já nascem assim (Entrevista realizada em 01/10/2015).

O conceito de gênero, o trânsito entre as fantasias de identidade (MOORE, 2000) de Sheila entre ser filha e garota de programa, assim como também sobre como a família reagiu ao trânsito de gênero de Sheila serão o nosso principal alvo de investigação e problematização nesse caso.

### **Sobre ser travesti, morar em casa e consumir.**

Mãe de Sheila: A gente tem que tomar uma decisão, a gente tem... Uma coisa que eu digo muito. Quando a gente tem um filho assim ou você abraça ou bota na rua, a escolha da gente foi abraçar porque a rua é muito cruel, a rua lá fora é muito cruel, então eu sabia que eu podia sofrer muito mais sabendo que ele ‘tava’ na rua sofrendo milhões de humilhações, sofrendo porrada, isso e aquilo, então a gente preferiu abraçar e não me arrependo de ter abraçado, nem o pai também porque o pai dele é cabeça, aceita e tudo que ele quer é aquele cuidado, tanto que o cuidado que eu tenho o pai tem, aonde ele ‘tá’, o pai quer saber, quando ele precisa de alguma coisa que pede pra o pai comprar, o pai compra sem problema nenhum (Entrevista realizada em 01/10/2015).

Há uma diferença entre o gênero imposto e o gênero construído (MOORE, 2000), até porque o indivíduo assume várias posições de sujeito. Como é fazer programa, voltar pra casa e ser recebida pela sua mãe? E como é não ter dinheiro para comprar acessórios e roupas para o investimento na sua identidade de gênero?

Agora não é mais possível analisar discursos sobre gênero, onde quer que ocorram, sem reconhecer as maneiras pelas quais estão implicados em processos mais amplos de mudança econômica e política muito além do controle das comunidades locais. A experiência pessoal do gênero e das relações de gênero está ligada ao poder e às relações políticas em diversos níveis. Uma consequência disso é que fantasias de poder são fantasias de identidade (MOORE, 2000, p. 35)

A discussão trazida por Moore levanta o tema que não existe um só modo de viver a nossa identidade. Somos homens, mulheres, travestis e transexuais vivendo em nossas variedades de existências e nos diferenciando graças aos nossos contextos sociais. Maria Luiza Heilborn (1996), também problematiza sobre essa questão em outros termos quando apresenta a noção do ser ou estar homossexual. Pretendemos problematizar sobre como é ser filha, como é estar ‘puta’, como é namorar ‘machão’, ‘comer viado’ e morar na mesma casa que a sua mãe. Nas conversas com a mãe de Sheila, ela se mostrou bastante preocupada com o fato da filha se prostituir, afirmando que tinha pavor de tal atitude e que fazia de tudo para a filha não recorrer à prostituição. Percebemos com isso uma tensão nas relações familiares, o fato de que a filha preferir se prostituir para ganhar dinheiro e investir no próprio corpo é algo que estremece as relações de poder no espaço doméstico.

Kulick (2008) na sua etnografia em Salvador acompanha os investimentos corporais que as travestis assumem, como por exemplo, a aplicação de silicone industrial, a importância na arrumação dos cabelos, a compra de roupas e até mesmo o fato de algumas travestis sustentarem seus parceiros fixos. Sheila argumenta que se prostitui para comprar coisas de sua necessidade e desejo, como fazer a unha, o cabelo, comprar roupas e acessórios que segundo ela são caros e que não daria para comprar com um salário mínimo.

Mãe de Sheila: Quem escolhe essa vida de prostituição... É uma vida arriscada. Eu não gosto, o pai não gosta, mas é uma coisa que é dela

querer, então isso a gente não gosta, mas você não pode fazer nada (Entrevista realizada em 01/10/2015).

Sheila: Porque eu tenho minha profissão de cabelo, mas não ‘tá’ dando, mas o que aparecer, uma faxina, alguma coisa, eu faço, mas se aparece um programa, a pessoa ‘tá’ precisando eu vou mesmo, mainha não gosta, mas eu vou... (Entrevista realizada em 01/10/2015).

Devido à preocupação da mãe com a atividade de Sheila se prostituir, Sheila confessou que costuma não falar tudo pra sua mãe para não assustá-la e preocupá-la ainda mais, mesmo ficando evidente durante o processo de pesquisa que Sheila e sua mãe nutrem uma pela outra um vínculo de amizade, afeto e cumplicidade bem intenso.

Sheila: Têm coisas que a gente esconde, né? Não pode. Nem a faca entrando você diz, mas assim, noventa e oito por cento, tudo dito a ela. Pra ela também não tem como esconder não, se eu tiver muito calada, começar a estralar o dedo, ela diz: “porque ‘tá’ tão nervosa?”, eu: “mulher, pelo o amor de Deus! Bote a carta e vire as cartas! Pelo o amor de Deus!”. Ela presta atenção, ela repara em tudo, em tudo, em tudo, em tudo ela repara.

Pesquisador: Mas o que você esconde, você esconde por quê?

Sheila: Ah, certas coisas assim, pessoas que eu saio no programa, às vezes brigas com Daniel do nada... Certas coisas assim, entendeu? Ou o que alguém disse de mim, pra ela também não ficar machucada, magoada, que tem certas coisas que querendo ou não, vai magoar a sua mãe, mas fora isso. Eu digo: “eu te amo”, “ai, que mulher chata”, dou cheiro, abraço e falo: “olha, Leoa! não sei o quê” (Entrevista realizada em 27/10/2015).

Em comparação com os casos estudados na pesquisa anterior, da monografia, a história de vida de Sheila é marcada pela aceitação familiar quase que incondicional, pois mesmo quando Sheila morava na casa dos pais, ela ouvia reclamações sobre o ato de se prostituir, mas nunca foi impedida de trabalhar como profissional do sexo. Sheila não foi expulsa de casa e mesmo quando decidiu morar junto com Daniel, seu companheiro, frequenta a casa da mãe diariamente. Na última conversa que o pesquisador teve com a mãe de Sheila, ela relatou em tom de brincadeira: “*ela se mudou, mas a mesma coisa que nada porque vive aqui, passa o dia todinho aqui. Ela usa a casa dela como dormitório*”. Porém, é importante frisar que essa aceitação familiar não é tão comum, apesar de ocorrer com mais frequência em comparação com



gerações passadas, como pode ser visto no estudo de Andrade (2012) que relata alguns casos das suas colaboradoras de pesquisa que residem na mesma casa dos pais e passaram por todo o processo de transição entre o os seus familiares. Em contrapartida, por exemplo, em gerações passadas como descrito por Kulick em sua etnografia com travestis em Salvador na década de 1990, afirma que:

“[...] apesar da rejeição inicial, as famílias (e particularmente a mãe) acabam eventualmente aceitando a condição de travesti e às vezes, nas breves visitas, as recebem com boas vindas. Entretanto, são poucas as travestis que se deixam enganar por tal recepção, supondo que seja incondicional. A maioria sabe que a aceitação da família dura enquanto durarem os presentes e o suporte material que podem oferecer. No momento em que o dinheiro acaba, as portas da casa natal tornam a se fechar para as travestis” (KULICK, 2008, p. 194).

Outra característica encontrada na vivência familiar de Sheila e que também foi citada em outras etnografias como Kulick (2008) e Andrade (2012) é a prática de alguns familiares chamarem a pessoa trans ainda pelo nome civil, mesmo afirmando reconhecer que assumem a sua identidade de gênero feminina.

Irmão de Sheila: A coisa que é mais difícil na minha relação com a minha irmã é questão de chamar pelo nome porque eu continuo chamando ela pelo nome... Enfim, muito tempo chamando a pessoa pelo mesmo nome.

Pesquisador: Mas ela se incomoda ou não?

Irmão de Sheila: Não, eu acho que não, mas enfim, eu entendo que na frente das pessoas eu não deva fazer isso (Entrevista realizada em 01/11/2015).

De fato, Sheila relatou que não se incomoda quando os familiares a chamam pelo nome dado no nascimento dentro de casa, mas não atende se qualquer pessoa chamá-la pelo nome masculino em público. A mãe de Sheila a chama pelos dois nomes, o civil e o social, e a trata às vezes por “ele”, por “ela”. Para as travestis e transexuais serem tratadas no feminino indica para elas, existirem com inteligibilidade de gênero, a partir do momento que em casa elas têm a identidade feminina reconhecida, os laços

familiares são fortalecidos e elas sentem que têm o apoio familiar para ser o que são como travestis e/ ou transexuais.

### **A evitação nos relacionamentos familiares**

Sheila e o seu irmão relataram nas entrevistas não sofrer preconceito das pessoas que formam seu núcleo familiar mais próximo, ou seja, o pai, a mãe e o irmão mais novo. Porém, há uma parte da família que os discrimina por considerarem que os dois tem uma conduta social desviante, uma vez que o irmão de Sheila é homossexual. Quando foi perguntado à Sheila se a sua família tinha mudado de atitude desde que ela se “assumiu” como travesti a resposta foi a seguinte:

Sheila: Mudou da parte da minha tia, da filha dela, meio preconceituosa, porque como eu disse, o povo tem uma visão de travesti, você sabe qual é, né? Drogas, sexo e Rock and Roll, e vida de travesti não é isso, vida de uma travesti que se preze não é só glamour como você abre o *Face*<sup>41</sup> de muitas e vê só academia, festas, não. Você tem uma vida diária, então vamos contar a vida diária, o que é que você enfrenta? As pessoas que viram a cara pra você, que cospem quando você passa, que lhe apontam, entendeu? Mas, tirando isso, o negócio é meu pai, minha mãe me aceitando e meu irmão... Beijo no pé porque no ombro é luxo. Não dou nem cabimento (Entrevista realizada em 27/11/2015).

E o irmão acrescenta:

Tem um preconceito enorme, viu Marcos? A família também tem preconceito. A gente acabou que eu e meu irmão não participamos mais dos eventos familiares se não for aqui, né? Porque a família da gente é essa, mas tem as outras partes, né? Não vai porque os trajés não podem, porque não sei o quê, imagina o constrangimento, né? Ontem, inclusive, a gente ‘tava’ falando sobre isso: “não, porque você precisa ser o macho alfa, né?” Ou então, o ‘viado’ que ‘tá’ ali no armário, que ninguém quer saber e fica aquela coisa, como se você precisasse esconder alguma coisa e como se alguém tivesse sempre alguma coisa pra lhe ofender com isso, né?

Pesquisador: Os eventos familiares vocês não vão porque vocês não querem ir ou porque não são convidados?

---

<sup>41</sup>Rede social *Facebook*.

Irmão de Sheila: Não, nem é convidado. E às vezes o convite é assim, pra não dizer que não chamou, né? “Se quiser, não sei o quê”, não rola, não rola (Entrevista realizada em 01/11/2015).

Pode-se perceber nos relatos narrados por Sheila e seu irmão as tentativas de anulação por parte de alguns familiares do acesso dos dois ao convívio familiar de uma maneira quase velada, como no exemplo descrito pelo o irmão de Sheila, através da inexistência de convites para participar de eventos familiares ou como a forma dos convites citados: “*pra não dizer que não chamou*”. Essas tentativas de anulação das identidades trans do convívio social podem ser definidas como casos de evitação, tal qual caracterizados por Sarah Schulman (2010), ou seja, um fenômeno mais comum e mais fácil de ser executado do que a homofobia. A evitação acontece quando as pessoas são cortadas, excluídas de participarem em conversações, comunidades, estruturas sociais, quando não é permitida qualquer voz sobre como elas mesmas são tratadas, não podendo falar ou retrucar. A evitação é uma forma de crueldade mental que é desenhada para que se finja que a vítima não existe ou nunca existiu. A evitação é um fenômeno diferente e ao mesmo tempo inerente à homofobia, existe não no aspecto de rejeitar, de destruir ou matar o outro, mas de tentar atribuir a esse outro uma capa de invisibilidade perante o mundo (SCHULMAN, 2010). Segundo Schulman, a evitação é multiplicativa porque pode ocorrer em vários lugares, na escola, na igreja, no trabalho, nas relações pessoais e também no núcleo familiar. A evitação diz respeito a uma estratégia de invisibilização do outro de um modo não explícito para a sociedade, maquiando assim o preconceito e a homofobia.

Desse modo, encerramos a apresentação e problematização sobre a história familiar de Sheila e partiremos agora para a exposição sobre a moral nos relacionamentos amorosos onde serão aproveitados os relatos de todas as colaborados de pesquisa e dos seus namorados.

#### 4. A MORAL NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Com o decorrer da pesquisa foi percebido um tema que atravessava os relatos de todas as colaboradoras de pesquisa, os relacionamentos amorosos. A primeira colaboradora que abordou o tema foi Sheila que tem um relacionamento estável com Daniel há cerca de 10 anos. Em algumas outras etnografias foram estudados com certa profundidade os relacionamentos amorosos das travestis e transexuais, como é o caso de Kulick (2008) e Pelúcio (2009) que serão usados neste capítulo para fins comparativos.

Residindo com as travestis de Salvador, eu logo descobri que os namorados (a quem elas se referem usualmente pelo termo “maridos”, mas que também são chamados de “bofes”, “ocós”, “homens” e “machos”) são uma referência constante e central na vida delas. Os namorados consomem uma enorme quantidade do tempo, das conversas, dos pensamentos – sem falar do dinheiro – das travestis. Elas orientam-se constantemente em função de seus namorados, ex-namorados e futuros namorados (KULICK, 2008, p. 114).

Pelúcio (2009) também traz essa noção de marido anunciada por Kulick, mas não como um fato determinado juridicamente, mas como uma relação afetiva não judicial firmada em cartório, por exemplo, mas uma relação de convívio estável, apesar de ser caracterizada por peculiaridades que a distanciam de uma relação estável entre casais não trans heterossexuais.

A categoria “marido” sugere que nas relações amorosas envolvendo travestis, o tempo de consolidação dos laços e dos compromissos é distinto daquele que envolve relacionamentos de contornos heterossexuais e de classe média. Nada de encontros cercados de amigos, flertes em barzinhos, passeios de mãos dadas em shoppings, saídas para jantares ou reuniões em casas de parentes. (PELÚCIO, 2009, p. 77).

São exatamente essas particularidades descritas por Pelúcio que chamaram nossa atenção para ser problematizada na pesquisa. Por que os homens que se relacionam com as travestis não passeiam de mãos dadas em shoppings, saem para jantar ou não participam de reuniões entre amigos e familiares? Será que as situações vividas

pelas nossas colaborados de pesquisa combinam com os casos encontrados por Kulick e Pelúcio em suas pesquisas?

Das três travestis que são as colaboradoras da pesquisa, duas delas têm namorados. Como já foi adiantado, Sheila se relaciona com Daniel há cerca de dez anos e Angel namora com Felipe há mais de três anos. Os dois casos têm algumas semelhanças, mas principalmente diferenças, como por exemplo: Sheila mora com Daniel e dividem as despesas da casa desde que começaram a morar juntos, só esse fato já indica a não correspondência com o que Kulick (2008) encontrou na sua pesquisa:

Os homens que as travestis escolhem para namorar são sempre bonitos, musculosos, geralmente tatuados e jovens (na faixa de 16 anos a 30 anos). Na maioria dos casos, eles nunca trabalham, quando o fazem é quase sempre em serviços de segurança para prédios ou estacionamentos. Além disso, quase todos que trabalham invariavelmente largam o emprego assim que começam a namorar uma travesti (KULICK, 2008, p. 121-122).

Daniel, marido de Sheila, não tem um porte físico musculoso, trabalha como entregador de água mineral e botijões de gás e não sobrevive às custas exclusivamente do dinheiro de Sheila. Entretanto, o principal foco das perguntas feitas à Daniel nas conversas e entrevistas foi a respeito de saber como a moral afetava vida dele. Esse questionamento se deu em perceber que tanto o trabalho de Kulick (2008) e Pelúcio (2009) centraram suas observações nas falas das travestis a respeito dos namorados e não dos namorados em relação às travestis. Em Kulick (2008) há um certo grau de generalidade no conteúdo das informações, uma vez que, o autor estudou casos de travestis prostitutas que tinham namorados, a maioria das passagens do seu texto que abordam o relacionamento das travestis com seus namorados abrangem dois temas em especial: o marido/namorado como alguém que vive às custas das travestis, deixando para elas as funções de pagar as contas da casa, comprar comida e até roupa para os namorados; e algumas considerações sobre o comportamento sexual dos homens como um marcador definidor de sexualidade.

O esquema que estrutura a relação travesti-namorado implica que a travesti deve “dar” – tanto no sentido econômico quanto no sentido sexual; e o namorado deve “comer” – tanto no sentido econômico (do consumo de bens e dinheiro) quanto no sentido sexual (penetração). A

fronteira entre “dar” e “comer” é fortemente vigiada e defendida pelas travestis. Se um namorado começa a “confundir a situação” – com Keila expressou com muita finura – e tenta “inverter os papéis”, isso irá custar o fim da relação com sua namorada travesti (KULICK, 2008, p. 144).

Tomando como referência os estudos de Kulick (2008) e Pelúcio (2009) decidimos separar esse capítulo em três partes para otimizar a problematização das narrativas das travestis e dos seus namorados que colaboraram com a pesquisa. Portanto, a primeira parte será constituída pelos relatos de Sheila e do seu marido sobre como a moral afeta a vida pública e privada dos dois. Em seguida, será descrita a relação de namoro de Angel e Felipe. Por último, será discutida a relação das colaboradoras de pesquisa com o assédio dos T-lovers<sup>42</sup> e também a noção de vício<sup>43</sup> a partir das narrativas de Sheila.

#### **4.1. Marido**

Daniel e Sheila se conheceram em uma boate em Natal-RN, na mesma noite trocaram beijos, combinaram de se encontrar dias depois e após uma semana começaram a namorar. Já faz dez anos que eles estão juntos, atualmente moram na mesma casa alugada e dividem as despesas. Pelúcio (2009) e Kulick (2008) afirmam que as travestis que colaboraram para suas pesquisas buscavam homens para se relacionar que se reconhecessem como heterossexuais, definida por uma ação de penetrador na relação sexual.

As travestis são extremamente preocupadas com o comportamento sexual dos homens que tomam para namorado. Ao que parece, o status masculino de um homem depende muito de suas ações na cama. Mesmo quando vai para a cama com um “viado” (isto é, com um travesti ou com outro homossexual masculino), o homem é sempre aquele que assume a função de penetrar, em vez de “virar mulher nahora H” (KULICK, 2008, p. 138).

---

<sup>42</sup> “Os homens que amam fazer sexo com as travestis” (PELÚCIO, 2009, p. 18).

<sup>43</sup> “Vício: o homem com quem se fica amorosamente ou sexualmente, sem cobrar. “Fazervício” significa namorar cliente, ou ficar com alguém durante as horas de trabalho” (PELÚCIO, 2009, p. 258).

Daniel tem uma postura bem típica ao que é atribuído ao homem “machão”, ele mesmo relata que é grosso e “brigão”. Segundo Daniel, o que mais o chateia na sua relação com Sheila é o julgamento dos outros, a sua família não apoia o seu relacionamento com Sheila e ele também sente os olhares julgadores das pessoas por onde os dois passam.

Daniel: Meu pai ficava meio assim, minha mãe também que é evangélica, ‘tá’ entendendo?

Sheila: O pai não aceitava, a mãe também, aí depois que viu que eu não era o que o povo ‘tava’ falando, aí a mãe dele já aceita.

Daniel: Até aceita porque quando vai tocar no assunto, ela já muda a conversa, ‘tá’ entendendo?

Sheila: Já o pai dele já é mais zanho, quem me aceitou bem foi o tio e a avó dele. Teve essa aceitação que eu cheguei a morar até na casa<sup>44</sup> do tio dele com ele.

Pesquisador: No caso, seu pai e sua mãe falam com Sheila de boa?

Daniel: Falam não.

Sheila: Cada um na sua. Porque são evangélicos, né?

Daniel: Ela sabe, meu pai sabe também, mas de lá pra cá não tiram onda mais não (Entrevista realizada em 16/11/2015).

Daniel relata que o que é mais difícil na sua relação com Sheila são os comentários dos outros na rua. Daniel sente raiva quando é confundido com um gigolô ou quando é alvo de comentários homofóbicos.

Pesquisador: o que você acha mais difícil no seu namoro?

Daniel: quando eu vou passando na rua, aí o povo: “olha, lá vai o viado”, ‘tá’ entendendo? Aí muitas vezes dizem com ela e comigo não diz porque se disser eu vou pra cima. As meninas: “‘tá’ com um fresco, ele banca tudo...”, ‘homi’, negócio de bancar tudo, não é questão de bancar não porque eu trabalho, ela trabalha, ela vive do trabalho dela, eu vivo do meu trabalho, ‘tá’ entendendo? Pronto, já veio muita gente assim pra chegar e tirar onda, eu: ‘homi’, deixa quieto, ninguém paga meu aluguel (Entrevista realizada em 16/11/2015).

---

<sup>44</sup> A casa do tio de Daniel é vizinha à casa dos pais dele.

Parece que quando os homens, como Daniel, resolvem “assumir” publicamente um relacionamento com uma travesti, como Sheila, o preconceito e a discriminação são movimentados também em direção a ele. O fato de um homem que se reconhece como heterossexual e vive com uma travesti é visto como algo estranho e suscetível a olhares e comentários pejorativos de algumas pessoas.

Daniel: O povo até da rua, ‘tá’ entendendo? Às vezes o povo diz: “‘homi’, isso não é uma mulher não, é um ‘viado’, não sei o quê”. Só o cara andar na rua, eu já vou olhando pra os cantos, ‘tá’ entendendo? “Olha, Sheila, ‘tão’ falando da gente” ((Entrevista realizada em 16/11/2015).

Por causa desses comentários, Daniel relatou que evita andar de mãos dadas na rua com Sheila, sendo mais comum vê-los andar juntos, porém com Sheila andando na frente e ele a seguindo um pouco mais atrás ou então lado a lado, mas raramente de mãos dadas. Mesmo com essas condições, Daniel não se recusa a frequentar nenhum ambiente com Sheila, como restaurantes, à praia ou festas, bem diferente do que é relatado nos trabalhos de Kulick (2008) e Pelúcio (2009). Porém, com isso, não podemos afirmar com certeza que os relacionamentos amorosos das travestis estão mudando, tendo em vista que esse é um único caso e não podemos cair em generalizações.

#### **4.2. Namorado**

Felipe é o namorado de Angel há mais de três anos, eles se conheceram na internet, pois os dois jogavam o mesmo jogo virtual. Como nesse jogo o perfil de cada usuário não é uma pessoa, mas sim um avatar, os dois não viram os rostos um do outro quando se conheceram. Primeiramente, o assunto principal das conversas entre os dois eram os jogos virtuais que eles gostavam, depois começaram a trocar mensagens pelo celular e quando a relação começou a se tornar mais pessoal eles se adicionaram no *Facebook*. Como ele mora em São Paulo e ela em Natal, os dois foram se conhecendo



via internet e assumiram um namoro a distância antes mesmo de terem se visto pessoalmente. Felipe relatou em entrevista<sup>45</sup> que no início achou que Angel era uma garota não trans, em nenhum momento ele desconfiou da identidade de gênero da sua namorada.

Felipe: Não pensei não. Eu realmente não pensei não porque eu só descobri quando ela me contou em abril, sendo que a gente começou a namorar em janeiro. Aí quando ela falou, eu, tipo, fiquei pensando porque, tipo, um dia antes, ela tinha dito que tinha uma notícia super ruim pra contar, uma notícia horrível, aí eu fiquei com medo, tipo, “o que ela vai dizer? Ela vai dizer que tem câncer, alguma coisa assim?”. [...] Aí eu nem dormi direito de tanto pensamento nisso, eu: “meu Deus, o que é que ela vai falar amanhã?”. Aí lá no outro dia, ela comenta sobre isso, aí ela diz, aí ela acha que eu já vou começar a brigar, acha que eu já vou começar a reclamar, aí eu só falei: “‘Tá’... ‘Tá’, só isso? Fala a notícia ruim agora”. Aí ela ficou, tipo, sem palavras porque parecia que ela já tinha muitos problemas com isso antes, de quando ela contava, começavam a ficar reclamando ou falar: “ah, não quero mais saber de você”, essas coisas. Mas, eu realmente não tive nenhum problema. Eu só falei: “você ‘tá’ do jeito que gosto agora, não é? Você se trata como o jeito que eu gosto, não é? Então qual é o problema? O que foi antes... Você ‘tava’ de fantasia, agora você tirou, pronto, vamos dizer assim” (Entrevista realizada em 08/11/2015).

Angel ficou bastante tensa quando foi comunicar a Felipe que era uma pessoa trans, ela achava que ele poderia abandoná-la por ter preconceito ou vergonha de namorar com uma travesti, mas Felipe que na época tinha dezesseis anos (hoje ele está com dezenove), aceitou o fato da sua namorada ser trans de uma forma muito tranquila.

Felipe: Olha, pra ser sincero até eu descobrir, tipo, foi tudo de boa. Eu não sabia de nada, eu achava ela bonita mesmo e nem pensava nisso. Depois que eu descobri foi a mesma coisa, tipo, eu só perguntei pra ela no dia que ela falou: “olha, você ‘tá’ como agora? Você se comporta como agora?”, aí ela falou: “como uma garota”, então: “é isso que eu gosto, então ‘tá’ tudo bem”. Agora que nem eu falei: “se você tivesse do jeito que você ‘tava’ antes, nem ferrando porque aquela, vamos dizer assim, aquela fantasia que você usava era feia, bastante, mas agora como você se comporta, como age... E realmente eu nem consegui reconhecer que você era até você contar, então quer dizer que eu já acreditava que você era uma garota bonita e depois que você contou ainda continua sendo”. Eu não vejo tantas diferenças assim, só que ela

---

<sup>45</sup>A entrevista com Felipe foi realizada via Skype no dia 08/11/2015.

começou a falar... Teve uns dias que ela queria até terminar comigo por causa que eu, tipo, era meio que drama, mas ela ‘tava’ meio triste, eu consegui entender. Ela queria que a gente terminasse pra que eu conseguisse namorar uma garota cis e ter um relacionamento entre aspas, normal. Só que eu ficava explicando pra ela que é normal, que também eu... Vamos dizer assim, eu não amo uma pessoa só pelo órgão genital, eu amo a pessoa pelo que ela é e eu sempre reconheci a Angel como garota na primeira vez e quando ela contou, repetindo, eu não tive nenhum problema, tratei ela do mesmo jeito. Nunca tive preconceito nenhum. As únicas diferenças é que eu não gosto quando, às vezes quando a gente ‘tava’ andando aí em Natal, as pessoas olhavam pra ela e isso... Davam aquele olhar feio, mas, tipo, já faz um tempinho, eu realmente não gostava disso, teve vez que eu até queria responder ou falar, tipo: “o que é que você ‘tá’ olhando aí?”, só que ela sempre evitava porque sabia que ia dá briga, essas coisas, mas fora isso, eu não vejo nenhuma diferença não porque vamos dizer assim, eu sou bem de boa. Eu não fiquei pensando: “ah, ela tem isso aqui, eu não gosto dela por causa disso. Ah, eu queria ter uma garota normal, não, não tem essa, que nem eu vejo muitas pessoas falando porque, tipo, quando você ama uma pessoa você quer ficar junto da pessoa, você não quer ficar junto do genital dela, se você quer partes do corpo assim separada, vai no açougue, vai comprar alguma carne lá! Agora, não teve realmente nenhuma diferença, desde o dia que eu conheci ela, que ela contou, não teve nenhuma diferença, só os problemas dela que eu acho um pouco chato, mas não ela dizendo, contar pra mim que está triste é chato, o problema é essas pessoas que ficam olhando pra ela porque é muita falta de respeito e não estão tratando ela como deveria ser tratada, tipo, eu gosto muito dela, eu amo ela de verdade, agora, eu só não gosto dessas pessoas que ficam deixando ela mal, e, principalmente, por eu estar longe e ela contar isso, me dá, tipo, um: “caraça, se eu tivesse aí esse cara ia ver!”, só isso ((Entrevista realizada em 08/11/2015).

No relato de Felipe é perceptível o carinho, o afeto e a preocupação que ele tem com Angel. Diferente do que disse Pelúcio (2009) que em sua pesquisa descreveu não ter encontrado relacionamentos amorosos de travestis com seus namorados com contornos heterossexuais e de classe média, o namoro de Angel e Felipe segue todos os padrões, eles quando estão juntos – Angel passa as férias de fim e do meio do ano em São Paulo na casa da família dele<sup>46</sup> e Felipe já esteve em Natal uma vez – passeiam de mãos dadas, vão ao shopping, saem com os amigos e os familiares dele. Porém, quando Felipe esteve em Natal, ele não pôde conhecer a família da namorada, pois segundo Angel, a sua mãe não permite.

---

<sup>46</sup>Angel e Felipe relataram em entrevistas que na casa de Felipe, Angel foi bem recebida e teve a sua identidade de gênero respeitada.

Angel: Lá em casa eu não posso levar meu namorado porque eu sou trans e aí minha mãe fica: “vai levar um homem pra casa?”, eu falei: “a senhora quer que eu leve uma mulher?” (risos), eu falei: “a senhora não acha que vai ser uma desconstrução maior ainda?”, chegando lá dizendo que sou trans lésbica, entendeu? Eu não teria problema nenhum em levar uma mulher, mas acho que seria mais fácil para a heteronormatividade, se eu sou uma mulher e ‘tô’ com um homem é mais fácil de aceitar (Entrevista realizada em 26/11/2015).

É exatamente dessa maneira que Felipe também pensa as relações de gênero. Na sua opinião tudo poderia ser reduzido a binariedade das identidades.

Felipe: Eu mesmo disse pra ela que eu não gosto de dividir esse negócio de gênero, eu acho muita frescura, mas eu entendo o trabalho de vocês e tal. Mas, eu, sinceramente, só chamo as pessoas de homem e mulher, pronto. Tipo, a Angel é uma mulher, eu e você somos homens, ponto. Sem mais, vamos dizer assim, ‘mimimi’ (Entrevista realizada em 08/11/2015).

Vale lembrar que nesse trabalho a noção de gênero é problematizada e entendida como “*a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser*” (Butler, 2003, p.59), ou seja, o que é tido como essência naturalmente dada é na verdade, na concepção de Butler, efeito, produto, “*não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados*” (BUTLER, 2003, p.48).

Um ponto em comum entre os relatos de Felipe e Daniel é o desconforto que os dois sentem quando estão andando na rua com as suas namoradas. Felipe também ponderou ficar bastante irritado com os olhares indiscretos direcionados a ele e a Angel quando estão juntos publicamente.

Felipe: Ela às vezes achava que quando eu saía com ela eu tinha vergonha por ‘tá’ incomodado com os olhares, mas nem é, tipo, eu odeio os olhares por causa da falta de respeito, não é por causa de vergonha porque eu sempre saía com ela de boa (Entrevista realizada em 08/11/2015).

O medo de passar vergonha é uma das referências mais repetidas pelas colaboradoras quando se referem aos homens que se relacionam com elas. Os casos de Daniel e Felipe ainda são raros, homens que “assumem” publicamente – tanto nas redes sociais virtuais quanto em casa para os familiares e na rua para os amigos e desconhecidos – um relacionamento amoroso com travestis. No próximo tópico, nos debruçaremos sobre os homens que tem medo de passar vergonha no âmbito familiar e público, mas procuram se relacionar com travestis mantendo o segredo dessa relação encoberto.

#### 4.3. “Travesti pra ‘fuder’, mulher com vagina pra namorar”

A frase que intitula este subcapítulo foi dita por Angel em uma de nossas entrevistas quando a mesma se referiu aos homens que buscam se relacionar com travestis, mas que não querem ser vistos ao lado delas. Angel, Fabiana e Sheila relataram que sofrem assédio tanto na rua quanto via redes sociais na internet de homens que só a procuram para fazer sexo e nada mais.

Fabiana: A questão do fetiche com a pessoa trans, né? Tipo, os caras me procuram mais pra sexo. Tipo, ah é trans, vão me pagar, né? Porque isso é objeto. E como eu lido com isso? É chato, entendeu? É tipo mais assim, no *facebook*, no *face* aparece bastante, até mesmo na rua, as vezes acontece do carro parar e perguntar se eu quero carona, eu fico toda sem graça. Os caras param assim, aí olha, olha, “você quer uma carona?”, “não, quero não”, aí tipo, o cara pode ser bonito, tal, mas eu acho desnecessário, entendeu? Oferece carona aí olha, olha, “eu pago”, eu digo seguinte: “eu não quero! Tem alguma plaquinha aqui pedindo dinheiro?”, é sem lógica, entendeu? Tipo, é legal se sentir desejada, mas de certo modo, de uma forma mais humana porque isso é chato, né? A pessoa se sente objeto (Entrevista realizada em 06/11/2015).

Sheila: Os homens veem a gente como objeto sexual, né? Não pode ver uma foto minha que já ‘vum’! Já adiciona Whatsapp<sup>47</sup>, Facebook e assim vai... Já vê a cama do lado (Entrevista realizada em 22/08/2015).

---

<sup>47</sup>Aplicativo de troca de mensagens instantâneas via celular conectado à internet.

Pelúcio (2009) apresenta a noção dos T-lovers e o armário em sua pesquisa como homens que em sua maioria estão em um relacionamento (casados ou namorando mulheres não trans), mas veem nas travestis seus desejos para além do lar. São homens que prezam pela invisibilidade da relação com uma mulher trans, pois vivem sob o medo do interrogatório social.

Como homens casados e de classe média, os T-lovers julgam que têm muito a perder se tornarem pública sua sexualidade. Assim, vivem vidas duplas. Alguns chegam a usar a expressão “viver no armário”, recorrente no meio gay, para definirem suas vidas de saídas furtivas pela noite e passeios clandestinos pela internet. Assombrados pela possibilidade de afeminação, eles têm desenvolvido uma série de estratégias de proteção: mantêm uma intensa vivência em espaços virtuais (o que não deve ser visto como uma vida menos real); alimentam a cumplicidade gerada por seus desejos, que lhes permite compartilhar angústias em relação à sexualidade e dicas sobre a prostituição travesti; reafirmam a masculinidade pela exibição de aventuras sexuais; procuravam reforçar essas linhas de defesa da masculinidade nos encontros *off-line* e, ainda que só pela internet, tentam estabelecer diferença entre eles e a clientela em geral, divulgando isso para as travestis. Além de “homens hétero”, eles seriam cavalheiros, por valorizarem as travestis e, teoricamente, respeitá-las “como seres humanos, não mera carne”, ainda que a maior parte deles não as assuma fora das áreas noturnas da prostituição. Questionados pelas travestis por esse comportamento “enrustido” e, portanto, feminilizante, alguns preferem identificar-se como T-fucker. Ao mesmo tempo em que este é um termo depreciativo, mesmo entre eles, serve para destensionar as cobranças quanto ao descompromisso, que pode ser lido como “molecagem”. Ou, ainda, para valorizar uma performance altamente masculina, pois esses homens saberiam discernir sexo de afeto, diferentemente das mulheres (PELÚCIO, 2009, p. 166).

No perfil de Sheila no *Facebook* quando ela posta uma foto usando roupas mais curtas, por exemplo, é comum um número grande de comentários de homens que além de a elogiarem, pedem seu número de telefone ou para terem uma conversa privada pelo bate-papo do próprio *Facebook* com a intenção de marcarem um encontro casual para transarem.

Fabiana: Teve um cara um dia no *Face*, que me adicionou no *Facebook*, aí me deu o número dele, eu peguei e chamei no *Whatsapp*. Aí eu peguei e joguei esse número no *Facebook* e apareceu o perfil dele de verdade e ele estuda aqui na UFRN. Aí falei: “nossa, apareceu

aqui”, aí peguei e falei pra ele, né? Ele pegou e me bloqueou, ele me bloqueou do *Facebook* de verdade dele, né? Aí disse: “olhe, é porque eu tenho medo, eu gosto de trans...”, ele tem preferências por pessoas trans, mas tem medo, tem essa questão, ou seja, a maioria dos caras é assim (Entrevista realizada em 06/11/2015).

Segundo as nossas próprias colaboradoras de pesquisa os homens não querem assumir ou serem flagrados saindo com uma travesti por medo e vergonha do que os amigos, a família, as pessoas vão pensar e comentar a respeito da sexualidade deles, por isso preferem namorar com mulheres não trans e saírem para transar às escondidas com as travestis.

Fabiana: É aquela coisa bem escondido, tipo: “ah, você é só um brinquedinho que eu posso usar e ninguém pode saber”, entendeu? Como se tivesse fazendo uma coisa errada porque na cabeça é uma coisa errada. [...] Eu ficava me questionando assim, porque muitas amigas minhas tinham namorado e eu nunca tive, entendeu? Aí ficava, tipo: “aí, gente, por quê?”. Eu acho que eu prefiro ficar só do que conviver com um cara que só queira ficar comigo escondido, já aconteceu realmente de eu ‘tá’ saindo com uma pessoa e ele só queria sair comigo escondido, aí quando eu disse que eu não queria mais, ele: “ai, mas eu ‘tava’ me apegando”. Quando a pessoa ‘tá’ gostando, ela faz tudo pela outra pessoa, né? Eu falei pra ele que seria legal a gente sair, tipo, ter outra rotina, entendeu? E aí ele disse que não, não ‘tá’ preparado pra isso, não sei o quê, aí eu disse: “ah, então, não vai rolar, entendeu?”, só queria transar, eu ficava, tipo, não! É bom, mas ‘bora’ sair disso, né? Tipo, pegar um cinema porque o dinheiro que ele gastava no motel, a pessoa pode ir ao cinema umas três vezes na semana, umas dez vezes dependendo da pessoa (Entrevista realizada em 06/11/2015).

Fabiana relata até hoje nenhum homem a convidou para ir ao cinema e apenas um garoto que não era da mesma cidade andou de mãos dadas com ela na rua, no *shopping* sem se importar com os olhares dos outros, mas ela mesma atribuí essa atitude pelo fato dele não ter um grande círculos de amigos em Natal-RN e estar, na época, apenas passando as férias na cidade, ou seja, como não sentia um vínculo de pertencimento aos lugares que estava frequentando com Fabiana, ele também não tinha medo e nem vergonha de estar sendo julgado pela sociedade.

Pelúcio (2009) também elucida a noção de vício como uma prática realizada pelas travestis prostitutas que fazem sexo de forma gratuita com homens por considerarem atraentes, podendo até se relacionarem afetivamente com eles.

Nas margens das relações entre as travestis e os homens situa-se um tipo que elas classificam de “vício”. Como elemento das bordas, não fixável, ele é perigoso e, assim, poluidor. O vício também pode ser visto como “homem de verdade”, mas, ao contrário do marido, o seu lugar não é a casa, espaço mais relacionado à afetividade. Tampouco é como o cliente, alguém que paga pelo sexo, com quem se relacionam “profissionalmente”, sem beijo na boca, com tempo pré-determinado. Daí a categoria problemática do vício. Pois este não é nem um namorado/marido, tampouco um cliente. Flutua entre a casa e a rua, a noite e o dia. Apesar disso, é um elemento mais noturno e do espaço das transações comerciais. Porém, não se encontram interditas a ele uma série de práticas, como, por exemplo, o beijo na boca e mesmo o sexo sem camisinha. Muitas vezes o vício pode vir a ser um namorado/marido. Outra questão problemática envolvendo o vício é o fato de não serem cobrados os momentos passados ao seu lado. Seu perigo está justamente em não se associar à cadeia conhecido/doméstico/seguro. É um estranho com quem, por motivos diversos, se mantém relações que seriam, teoricamente, restritas aos conhecidos. Na “hierarquia do risco” (Monteiro. 2002), o vício tem seu lugar nos patamares mais elevados. O vício é uma categoria depreciativa quando aplicada às próprias travestis. Uma travesti “viciosa” é alguém que não sabe separar trabalho de afeto, planos opostos e, teoricamente, imiscíveis. A viciosa compromete os negócios de todas que estão próximas dela, porque tende a sair de graça com homens desconhecidos. Paira sobre ela também a suspeita de “não se cuidar”, pois se deixa levar pelos afetos de ocasião. Daí a discreta relação que essa categoria guarda com o feminino, pois a travesti viciosa é alguém “sem cabeça”. A cabeça, por sua vez, tem relação com o “ter juízo”, ser racional, portanto. O que aparece nas falas associado como atributo próprio da masculinidade” (PELÚCIO, 2009, p. 81).

Das nossas colaboradoras de pesquisa, apenas Sheila é profissional do sexo e por isso só podemos problematizar na narrativa dela essa noção nos moldes pensado por Pelúcio (2009). Sheila, como já foi mencionado, é casada e mantém a prática de relacionamentos extraconjugais que não são pagos, como é o caso dos programas, sem o conhecimento do marido.

Sheila: Ele (o marido) sabe assim que se aparecer um programa eu faço, mas não dessas ‘puladinhas’ de cerca. Eu sou santa, eu boto um véu e fico bem quietinha. Se ele sonha, misericórdia! Jesus Cristo! Mas vai vivendo, aí pronto, porque ninguém é santo. É, mas eu me vejo assim, como safada (Entrevista realizada em 22/08/2015).

Sheila relatou com detalhes um caso do que pode ser chamado de vício. Nessa história, ela acabou se envolvendo sentimentalmente, algo que Pelúcio (2009) já anunciava ocorrer às vezes também com as suas colaboradoras de pesquisa. O relato é um pouco extenso, mas vale a pena ser transcrito.

Sheila: Eu me entrego muito, eu ‘tava’ com esse da zona norte, fui ficar com um lá de... Eu não sabia nem onde era aquilo. Olhe como eu sou louca. Favela do Jacó.

Pesquisador: Conheço não.

Sheila: Ali perto da praia. Não tem o Onofre Lopes? Descendo aquela ladeira. Menino, eu me envolvi com um dali, só que o menino tem vinte e dois anos, só que ele aparenta ter quinze e eu disse: “tu tem quantos anos?”, a mãozinha bem pequeninha. Eu ia pra casa dele, com avó dele, aquela coisa maravilhosa. A avó dele me aceitava lá. Uma vez cheguei, fugi de Daniel, fui dormir lá. Aquele amor, sabe? Aí depois ele foi mudando, foi mudando, foi mudando, aí a última vez que eu fui lá, ele ‘tava’ muito viciado na maconha e ‘tava’ com umas coisas muito estranhas, um jeito muito estranho. Aí pra terminar, eu fui pra o psicólogo, o psicólogo: “eu sinto que você quer chorar, não sei o quê”, eu disse: “não, mas eu não posso chorar porque eu vou borrar a maquiagem, saindo daqui eu tenho que ir pra um encontro. Vou resolver um babado”. Aí o psicólogo: “olhe, ‘tá’ vendo como você quer ser uma fortaleza e você não consegue ser?” e ele só falando e eu querendo chorar. Aí terminou a consulta, eu vou pra casa dele. A gente lá, fiz o almoço pra ele, aquela coisa. Quando eu me sento, ele deitado, tinha fumado lá as maconhas dele, deitado lá, eu peguei disse, não sei qual foi o assunto que a gente tocou, aí eu disse: “e a gente é o quê? O que é que rola entre a gente?”, ele disse: “não é só sexo não?”. Menino, aquilo dali, eu acho... Não sei não... Sabe quando você leva uma bofetada na sua cara pra você aprender? Eu procurei assim onde ‘tava’ a minha bolsa e disse assim: “é só sexo, né?”, aí ele viu que ele tinha falado demais, aí quis como se quisesse voltar atrás, aí: “não tem problema”. Refiz a maquiagem, mas na frente dele eu não chorei, refiz a maquiagem todinha, mas também no que eu ia subindo as escadas, cada passo era uma lágrima, “olhe isso é pra você aprender”. Ele disse: “posso ligar pra você?”, eu também não dei nem resposta, só fiz jogar o portão. Fiz a mal educada, fiz bem a Paola Bracho, joguei o portão e subi as escadas...Até hoje, eu acho que isso já faz uns... Vai fazer dois meses. Ele não liga e eu também nem ligo. Porque por mais que você saiba que só ‘tá’ rolando sexo, você podia: “não, rola uma amizade”, mas não, dizer na sua cara: “não é só sexo?”, querendo ou não, você... Eu fiz bolo pra ele no aniversário dele, já ia fazer três meses que a gente ‘tava’ junto, querendo ou não, rola uma alguma coisa, agora é porque quando um homem se envolve com uma travesti, eles seguram muito o sentimento, “mermão, ficando com ‘viado’! Gostando de um ‘viado’”, aí tem o que os amigos vão falar, isso no final quem perde é ele, porque muitas travestis se envolvem com uma pessoa pra ajudar, pra dá uma luz, mas eles generalizam que é tudo ‘viado!’, que não sei o quê, não sei o quê, então pronto. Se ele achava



que era só sexo, então a máquina de sexo dele, a pilha acabou (Entrevista realizada em 22/08/2015).

Diante disso, podemos trazer à tona novamente o tema que é fio condutor do nosso trabalho, a moral heteronormativa que estrangula socialmente toda a pessoa que tenta assumir uma postura considerada desviante daquela ditada pelos padrões da heteronormatividade. Não estamos com isso retirando a culpa dos homens que procuram as travestis apenas como objetos sexuais, pois olhar para as pessoas trans e enxergar apenas sexo significa dissecar todos os desejos, afetividades e sentimentos que dá aquele corpo o caráter de humano, mas não também não podemos culpabilizá-los e nos esquecer de que a responsabilidade desse dolo é de um sistema opressor que submete de formas diferentes tanto pessoas não trans quanto pessoas trans. As travestis têm dificuldades para conviverem com suas famílias, para trabalharem, para estabelecer relacionamentos estáveis e para até frequentarem espaços públicos com tranquilidade sem se sentirem invadidas pelos olhares de outras pessoas. Os homens que se relacionam com as travestis têm desejos que por medo ou vergonha do julgamento social preferem vivenciá-los às escondidas e encontram nas pessoas trans, um ser já estigmatizado e posto à margem da sociedade, a disponibilidade mesmo que às vezes a contragosto de experimentar em um corpo-outro – no caso, o corpo de uma travesti – a encarnação de um objeto sexual para a satisfação de suas vontades, fetiches e fantasias. Até quando isso irá acontecer sem inferiorizar a subjetividade de uma das partes? Não se sabe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve a intenção de responder a pergunta: como se desdobram as experiências trans nos modos de vida de suas famílias? É evidente que a resposta dada a esse questionamento na nossa pesquisa não pode representar toda uma realidade de travestis e transexuais que convivem com suas famílias no Brasil inteiro. O nosso estudo é local, na cidade de Natal-RN e deve ser levado em conta todo o contexto que atravessa as histórias de vida das colaboradoras de pesquisa. Entretanto, apenas essa pergunta, que é a base desse trabalho, facilitou a possibilidade de abranger vários temas e fez surgir também outros questionamentos mais específicos como: por que algumas famílias, ao se depararem com uma travesti ou transexual, a expulsam de casa? E as famílias que aceitam conviver com uma travesti ou uma transexual no cotidiano do ambiente doméstico, como é a convivência? Como as travestis e as transexuais enxergam as relações familiares? Não tivemos a ousadia de responder definitivamente essas perguntas com a finalidade que as respostas servissem de esclarecimentos para todos/as os/as interessados/as por essa pesquisa pelo simples fato de que a realidade social está sempre em movimento, mudando a cada instante, e que esse trabalho é uma amostra de um grupo social inserido numa determinada realidade social em um determinado período de tempo.

Primeiramente, apresentamos um esforço teórico em relacionar autores como Durkheim (1983), Berger e Luckman (1987), Foucault (2000; 2007), Bauman (1998) com as provocações promovidas pelos estudos *queer* a fim de produzir coerentemente uma reflexão que contribua tanto para a sociologia quanto para os estudos transviados no Brasil. Problematizar a heteronormatividade como um fato social é importante para o entendimento de que a heteronorma é um sistema complexo, exterior, geral e coercitivo ao indivíduo, exercendo assim, pressão social em todos aqueles que tentam escapar dos padrões impostos por esse sistema de controle através da atribuição de vigílias, sanções e punições sociais às condutas julgadas e condenadas como desviantes.

É importante também comparar os resultados obtidos nessa pesquisa com as informações colhidas na pesquisa anterior, da monografia. Consideramos que na dissertação foi alcançado um maior grau de riqueza e profundidade de detalhes nas narrativas de vida das colaboradoras de pesquisa graças à técnica – não adotada na

pesquisa anterior – adquirida para vencer os desafios da relação de entrevista. Não houve interrogatório, confissão ou monopólio do poder de quem escuta de quem fala. A técnica adotada no processo de pesquisa consistiu no compartilhamento de histórias, tanto que na relação de entrevista, como foi exposto no capítulo sobre a metodologia, o entrevistador e a pessoa entrevistada trocavam de papéis a cada pergunta e resposta, ou seja, ao mesmo tempo em que a colaboradora de pesquisa oferecia uma parte de sua vida em forma de relato para o pesquisador, o pesquisador também retribuía com uma história particular de sua vida. Essa técnica proporcionou um maior nível de intimidade entre as pessoas envolvidas no trabalho de pesquisa e conseqüentemente, essa intimidade refletiu nos relatos de vida transcritos e analisados nesse trabalho.

Não se pode deixar de ressaltar como alguns temas que foram trabalhados nessa dissertação ainda carecem de amadurecimento reflexivo, como é o caso do uso do termo cis, uma prática que repercutiu no movimento trans brasileiro recentemente e que muito provavelmente ainda será tema de vários estudos no futuro, uma vez que o termo cisgênero ainda não possui consenso pela sua adoção pelos os estudiosos de gênero e sexualidade no contexto brasileiro e também ainda não é usado em todos os âmbitos pelas pessoas trans, como por exemplo foi evidenciado por Sheila, colaboradora de pesquisa, que em uma conversa pediu para o pesquisador explicar a ela como era essa divisão entre cis e trans, pois segundo a mesma, ainda não tinha conseguido entender direito. Obviamente, avaliamos que outros temas abordados nas narrativas de vida das colaboradoras podem ser aprofundados em estudos posteriores, como a questão da apropriação de argumentos “ditos” machistas ou atribuídos à ditadura da beleza agenciada pela mídia impostos as pessoas trans para se reconhecerem e/ou serem reconhecidas como um ser do gênero feminino. Um outro tema abordados superficialmente neste trabalho foram as considerações sobre o termo disforia de gênero, sobre essa questão podem ser melhor consultados os trabalhos de pesquisadores como Bento (2006; 2015)<sup>48</sup> e Igor Fidelis Maia (2014)<sup>49</sup>.

Um outro ponto que vale ser lembrado neste trabalho foi o estudo comparativo feito com as pesquisas de Kulick (2008) e Pelúcio (2009) sobre a moral nos

---

<sup>48</sup> Projeto de pesquisa coordenado pela profa. Berenice Bento: “Gênero: uma categoria cultural ou diagnóstica?”, iniciado em 2011 e ainda em andamento.

<sup>49</sup> MAIA, Igor Fidelis. A patologização da transexualidade: rupturas e continuidades no conceito de gênero entre a 4a. e 5a. edição do DSM. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

relacionamentos amorosos. Procuramos trazer para a pesquisa a fala do marido e do namorado das nossas colaboradoras a fim de avaliar as possíveis mudanças nos depoimentos problematizados em pesquisas anteriores. Entendemos que o relato dos companheiros das travestis contribuiu ainda mais para o enriquecimento do conteúdo do nosso trabalho e para o entendimento de que a heteronormatividade é um sistema opressor que submete não só às pessoas trans a pressões e constrangimentos sociais, mas também homens que de alguma forma tentam romper com o padrão determinista biológico imposto pela heterossexualidade compulsória.

Para encerrar, gostaríamos de retomar que o fio condutor desse trabalho foi a análise sobre como a moral heteronormativa afeta a vida das pessoas trans e dos seus familiares. Para isso, percorremos através das narrativas de vida das nossas colaboradoras de pesquisa, lembranças, casas, fotos, lágrimas que nos ajudaram a desenhar uma paisagem suscetível de ser contemplada, analisada e relacionada com pressupostos teóricos e conceituais da sociologia e dos estudos *queer*. E são, por excelência, esses dois campos de saber que essa pesquisa buscou atravessar e contribuir sem promover generalizações e respeitando tudo o que foi relatado pelas nossas colaboradoras de pesquisa. Esperamos, com isso, oferecer um suporte teórico e reflexivo sobre a realidade – por vezes transfóbica e amedrontadora, por vezes alegre e surpreendente – que as travestis apresentadas nessa pesquisa estão inseridas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verona. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis Na Escola: Assujeitamento ou Resistência à Ordem Normativa**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza, 2012.

APA. **Manual Estatístico e Diagnóstico de Doenças Mentais, DSM-5/ American Psychiatric Association**; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento. – 5ª edição, Porto Alegre, Artmed, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **“A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual”**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

\_\_\_\_\_. **O que é transexualidade**. 1º ed. São Paulo: Brasiliense - Coleção Primeiros Passos, 2008.

\_\_\_\_\_. **Na escola que se aprende que a diferença faz a diferença**. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 19, N. 2/2011.

\_\_\_\_\_. **As famílias que habitam “a família”**. **Revista Sociologia e Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 275-283, jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_. & PELUCIO, Larissa. **Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas**. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2012, vol.20, n.2, pp. 559-568.

\_\_\_\_\_. **A campanha internacional de ação pela despatologização das identidades trans: entrevista com o ativista Amets Suess**. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2012c, vol.20, n.2, pp. 481-484.

\_\_\_\_\_. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas.** Natal, RN: EDUFRN, 2012b.

\_\_\_\_\_. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. **Revista Florestan - Graduação em Ciências Sociais da UFSCar**, v. 2, p. 46-66, 2014.

BERGER, PETER. **Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística.** Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_ e LUCKMAN, Thomas. **A Construção Social da Realidade.** Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis, Ed. Vozes, 1987.

BERNSTEIN, Ana. A performance solo e o sujeito autobiográfico. **Revista Sala Preta-USP**, v. 1, São Paulo, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 2003.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 2015.

\_\_\_\_\_. Desdiagnosticando o gênero. Tradução de André Rios. **Physis** [online], vol.19, n.1, pp. 95-126, 2009.

CARDOSO, Fernanda. **Das Dimensões da Coragem: sociabilidades, conflitos e moralidades entre travestis em uma cidade no sul do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2009.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre o movimento LGBT e o ativismo queer.**— Salvador: EDUFBA, 2015.

DAMÁSIO, Anne Christhine. **Botando corpo (re)fazendo gêneros: uma pesquisa etnográfica entre travestis e drag queens.** Tese de doutorado. Natal, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2009.

DRESCHER, J.; COHEN-KETTENIS, P.; WINTER, S. **Minding the body:** Situating gender identity diagnoses in the ICD-11. Disponível em: [http://atme-ev.de/download/psychoszuICD11\\_kommentiert.pdf](http://atme-ev.de/download/psychoszuICD11_kommentiert.pdf)> acesso em 15 de nov. 2013.

DUMARESQ, Leila. O cisgênero existe. In: **Transliteração**, [S. I.] 2014. Disponível em: <<http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/o-cisgenero-existe/>> Acesso em 11 jan. 2015.

DUQUE, TIAGO. **Montagens e desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência**. Dissertação de mestrado. São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFSCar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por**. Tese de doutorado. – Campinas, SP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. In: **DURKHEIM (Os Pensadores)**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

FISCHER, ROSA MARIA BUENO. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, UFMA, São Luís, Maranhão, n. 114, p. 197-223, novembro/2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, vol. 1 – A vontade de saber. 18ª edição, Rio de Janeiro, Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)**, (trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)** /Michel Foucault: Tradução: Eduardo Brandão. - Sao Paulo: Martins Fontes. 2001.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: LFC Editora, 1988.

HEILBORN, Maria Luiza. “Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social” In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina. **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Publicação *online*. Brasília, 2012.

KULICK, Don. **Travesti- prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. 1997. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. (Trad. Angela R. Vianna) Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1988.

MAIA, Igor Fidelis. **A patologização da transexualidade: rupturas e continuidades no conceito de gênero entre a 4a. e 5a. edição do DSM**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MARIANO, Marcos. **Relações intrafamiliares de travestis e transexuais em Natal – RN**; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Ciências Sociais) – UFRN, 2013.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n° 21, jan./jun. 2009, p, 150-182.

MOORE, Henrieta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. Capítulo 3 de Henrietta L. Moore, *A Passion for Difference. Essays in Anthropology and Gender*. Bloomington e Indianapolis, Indiana University Press, 1994, p.49-70. (Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Adriana Piscitelli.). In: **Cadernos Pagu**, n. 14, 2000).

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. – São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica**. Tradução: Carlos Guilherme do Valle. In: **Revista Bagoas** (v. 4, n. 5, jan./jun. 2010).



RODRIGUES, Carla. **O cisgênero não existe**. Blog do IMS, [S. I.] 2014. Disponível em: <<http://www.blogdoims.com.br/ims/o-cisgenero-nao-existe>> Acesso em: 11 jan. 2015.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia Familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. Tradução: Felipe Breno Martins Fernandes. In: **Revista Bagoas** (v. 4, n. 5, jan./jun. 2010).

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. In: **Cadernos Pagu**. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER, 1993.

\_\_\_\_\_. **Travestis: Entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. **Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade**. Tese de Doutorado. Campinas: IFCH – UNICAMP, 2009.

TOLEDO, Livia Gonsalves e FILHO, Fernando Silva Teixeira. Laços de Família e segredos (sexuais) compartilhados: narrativa de história de vida de uma jovem dissidente em uma família homofóbica. In: **Bagoas: Revista de estudos gays / Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**. V. 8, n. 11, jul. dez. 2014, p, 121-143.

VENCATO, Ana Paula. **“Existimos pelo prazer de ser mulher”**: uma análise do *Brazilian Crossdresser Club*. Tese (doutorado em Sociologia e Antropologia) – Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.